

POMAR/FAVI

LUCIENE SCARABELLI SANTIAGO

**ARTETERAPIA: O REENCONTRO COM A CRIANÇA INTERIOR
FERIDA RUMO À INDIVIDUAÇÃO**

**Rio de Janeiro
2018**

LUCIENE SCARABELLI SANTIAGO

**ARTETERAPIA: O REENCONTRO COM A CRIANÇA INTERIOR
FERIDA RUMO À INDIVIDUAÇÃO**

Monografia de conclusão de curso a ser apresentada ao
POMAR/FAVI como requisito parcial à obtenção do título de
Especialista em Arteterapia.

Orientadora:
Prof^a Ms. Marcia Santos Lima de Vasconcellos

Rio de Janeiro
2018

Dedico este trabalho às minhas filhas Julia e Marina que desde o nascimento me ensinaram a reencontrar a minha criança interior.

AGRADECIMENTOS

À Angela Philippini que, através do POMAR, me deu a oportunidade de ingressar no fantástico mundo dos símbolos.

À Marcia Vasconcellos, minha professora e orientadora, que tive o prazer de ser contemplada com todo seu conhecimento e seu astral.

A minha querida turma afetuosa e suas maravilhosas produções.

À Sheila Solon, minha psicóloga, que acolheu com maestria minha criança interior.

Em todo adulto espreita uma criança – uma criança eterna, algo que está sempre vindo a ser, que nunca está completo, e que solicita cuidado, atenção e educação incessantes. Essa é a parte da personalidade humana que quer desenvolver-se e tornar-se completa.

Carl Gustav Jung

RESUMO

Esse estudo monográfico busca refletir sobre como estratégias arteterapêuticas, de base junguiana, podem contribuir para o resgate e cuidado da criança interior ferida, em grupos de homens egressos de rua, portadores de dependência química, propiciando o fortalecimento de seu processo de individuação.

Palavras-chave: arteterapia - dependência química - criança interior ferida - psicologia analítica - individuação.

ABSTRACT

This monographic study seeks to reflect on how Jung based art therapeutic strategies can contribute to rescue and care of the wounded inner child in groups of drug addicted homeless men, thus strengthening their process of individuation.

Key words: art therapy - drug addcition - inner child wound - analytical psychology - individuation.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 -	A criança interior.....	18
	Disponível em: http://blogautoplanet.blogspot.com.br/2013/05/o-incrivel-mundo-surreal-de-igor-morski.html Acessado em: 06/01/2018.	
Imagem 2 -	Colorindo a Vida.....	21
	Disponível em: https://artesehumordemulher.wordpress.com/pinturas-de-jim-warren-2/ Acessado em: 07/01/2018.	
Imagem 3 -	As Cartas de Freud Jung.....	22
	Disponível em: http://issocompensa.com/sem-categoria/apsicanalisecom-o-fofoca-o-rompimento-entre-freud-e-jung Acessado em: 04/03/2018.	
Imagem 4 -	Jung	23
	Disponível em: https://carlalindolfo.wordpress.com/tag/o-livro-vermelhojunga/ Acessado em: 08/02/2018.	
Imagem 5 -	Mãe da Arteterapia: Margareth Naumburg.....	23
	Disponível em: http://jewishcurrents.org/may-14-mother-art-therapy/ Acessado em: 03/02/2018.	
Imagem 6 -	Arte da Loucura.....	24
	Disponível em: http://www.huffpostbrasil.com/2016/04/19/quem-foi-nise-da-silveira-a-mulher-que-revolucionou-o-tratament_a_21701186/ Acessado em: 06/02/2018.	
Imagem 7 -	O Caminho do Leitor.....	26
	Disponível em: https://jerry8448.deviantart.com/art/The-Reader-s-Path345536889 Acessado em: 06/01/2018.	
Imagem 8 -	Criatividade e Tempo.....	28
	Disponível em: http://eugenia.queru.com/2012/07/07/time-out/ Acessado em: 07/01/2018.	
Imagem 9 -	Apropriação.....	29
	Disponível em: http://institutofreedom.com.br/blog/expressoessimbolicas-do-inconsciente-arteterapia/ Acessado em: 07/01/2018.	
Imagem10 -	Subjetividade.....	30
	Disponível em: http://liviaburity.blogspot.com.br/p/arteterapia.html Acessado em: 12/12/2017.	

Imagem 11 - Luz e Ser.....	31
Disponível em: http://www.urbanfor.com/wpcontent/uploads/2013/04/Tang-Yauhoong-Posters1-640x905.jpg Acessado em: 06/01/2017.	
Imagem 12 - Psicologia e Arte.....	32
Disponível em: https://www.institutocriap.com/ficheiros/2016/10/posgraduacao-em-psicologia-da-arte-e-mindfulness-267x300.jpg Acessado em: 05/03/2018.	
Imagem 13 - Criação e Escuta.....	33
Disponível em: http://acid-chaos.tumblr.com/post/28935054889 Acessado em: 21/01/2018.	
Imagem 14- Olhar Simbólico do Arteterapeuta.....	34
Disponível em: http://euniverso.net.br/arteterapia-e-o-estudo-das-corese-seus-segredos/ Acessado em: 05/02/2018.	
Imagem 15- Sim Símbolo.....	35
Disponível em: http://nao-palavra.blogspot.com.br/ Acessado em: 12/01/2018.	
Imagem 16 - Integrando os Opostos.....	37
Disponível em: http://www.blissnow.com.br/2014/07/homo-hostilispsique-guerreira.html Acessado em: 11/03/2018.	
Imagem 17 - Ampliação do Ser.....	39
Disponível em: http://www.napolitoday.it/eventi/laboratorio-arteterapia-9-giugno-2017.html Acessado em: 12/02/2018.	
Imagem 18 - Simbolização de Jung – Livro Vermelho.....	40
Disponível em: JUNG, 2017, p. 154.	
Imagem 19 - Materiais e Possibilidades.....	41
Disponível em: http://www.alinebarcelos.com.br/ Acessado em: 12/12/2017.	
Imagem 20 - Amorosidade Circulante.....	44
Disponível em: http://templodedanann.blogspot.com.br/2016/02/osagrad-o-feminino-o-dom-da-deusa.html Acessado em: 05/03/2018.	
Imagem 21 - A Força do Grupo.....	46
Disponível em: http://boraviverbem.com/cursos-online/curso-dearteterapia/ Acessado em: 05/03/2018.	
Imagem 22 - A Casa de Bollingen de Jung.....	49
Disponível em: http://www.fluidr.com/photos/pepeinsuiza/9137787386 Acessado em: 05/11/2017.	

Imagem 23 - O Menino Jung.....	50
Disponível em: https://es.wikipedia.org/wiki/Carl_Gustav_Jung#/media/Ficheiro:Jung_piccolo.jpg Acessado em: 29/10/2017.	
Imagem 24 - Invocado ou não Deus está Presente - Casa de Bollingen	51
Disponível em: http://blog-psique.blogspot.com.br/2017/04/invocado-ou-nao-deus-esta-presente-jung.html Acessado em: 04/01/2018.	
Imagem 25 - Vista para o Lago – Casa de Bollingen.....	54
Disponível em: http://www.psicologiasandplay.com.br/carl-jung/ Acessado em: 04/01/2018.	
Imagem 26 - Escultura de Jung em Bollingen – A.....	56
Disponível em: http://www.psicologiasandplay.com.br/carl-jung/ Acessado em: 04/01/2018.	
Imagem 27 - O Livro Vermelho – A.....	57
Disponível em: JUNG, 2017, p. 107	
Imagem 28 - O Livro Vermelho – B.....	58
Disponível em: JUNG, 2017, p. 125	
Imagem 29 - O Livro Vermelho – C.....	60
Disponível em: JUNG, 2017, p. 109	
Imagem 30 - O Livro Vermelho – D.....	61
Disponível em: JUNG, 2017, p.123	
Imagem 31 - O Livro Vermelho – E.....	63
Disponível em: JUNG, 2017, p. 169	
Imagem 32 - Escultura de Jung em Bollingen – B.....	64
Disponível em: http://www.psicologiasandplay.com.br/carl-jung/ Acessado em: 04/01/2018.	
Imagem 33 - O Livro Vermelho – F.....	66
Disponível em: JUNG, 2017, p. 122	
Imagem 34 - O Livro Vermelho – G.....	67
Disponível em: JUNG, 2017, p. 55	
Imagem 35 - Os Opostos e o Mesmo.....	69
Disponível em: https://trilhas.diogenesjunior.com.br/logos-eros-anima-e-animus-aea0301804ab Acessado em: 05/03/2018.	
Imagem 36 - O Livro Vermelho – H.....	70
Disponível em: JUNG, 2017, p. 45	
Imagem 37 - Desertor.....	72
Disponível em: http://alengkopera.com/Gallery/2001-2006.html Acessado em: 18/01/2018.	
Imagem 38 - O Livro Vermelho – I.....	74
Disponível em: JUNG, 2017, p. 44	

Imagem 39 - Criança interna	75
Disponível em: JUNG, 2017, p. 105	
Imagem 40 - Menina Adulta	76
Disponível em: http://blogautoplanet.blogspot.com.br/2013/05/o-incrivel-mundo-surreal-de-igor-morski.html	
Acessado em: 06/01/2018.	
Imagem 41 - Desamparo	77
Acervo pessoal da autora.	
Imagem 42 - Infância Desaparecida	79
Disponível em: https://bedide.wordpress.com/category/iranianphotographers/bahareh-bisheh/	
Acessado em: 11/03/2018.	
Imagem 43 - A Dor da Infância	80
Disponível em: https://bedide.wordpress.com/category/iranianphotographers/bahareh-bisheh/	
Acessado em: 11/03/2018.	
Imagem 44 - A Falta do Colo	82
Disponível em: https://bedide.wordpress.com/category/iranianphotographers/bahareh-bisheh/	
Acessado em: 11/03/2018.	
Imagem 45 - Assim Aceitam-Me	84
Disponível em: https://bedide.wordpress.com/category/iranianphotographers/bahareh-bisheh/#jp-carousel-416	
Acessado em: 11/03/2018.	
Imagem 46 - O Mundo Parece Perigoso	85
Disponível em: https://bedide.wordpress.com/category/iranianphotographers/bahareh-bisheh/#jp-carousel-424	
Acessado em: 11/03/2018.	
Imagem 47 - Segredo e Solidão	86
Disponível em: https://bedide.wordpress.com/category/iranianphotographers/bahareh-bisheh/#jp-carousel-423	
Acessado em: 11/03/2018.	
Imagem 48 - Medo e Submissão	87
Disponível em: https://bedide.wordpress.com/category/iranianphotographers/bahareh-bisheh/#jp-carousel-421	
Acessado em: 11/03/2018.	
Imagem 49 - Resgate da Infância	88
Disponível em: https://bedide.wordpress.com/category/iranianphotographers/bahareh-bisheh/#jp-carousel-418	
Acessado em: 11/03/2018.	
Imagem 50 - Integração do Ser	90
Disponível em: http://www.cuded.com/2014/11/children-photography-by-jake-olson/	
Acessado em: 11/03/2018.	

Imagem 51 - Movediça Social.....	92
Disponível em: https://polpanoprato.wordpress.com/2013/04/23/05/ Acessado em: 07/01/2018.	
Imagem 52 - Reconhecimento.....	93
Acervo pessoal da autora.	
Imagem 53 - Auxílio.....	94
Acervo pessoal da autora.	
Imagem 54 - Etapas da Passagem.....	95
Acervo pessoal da autora.	
Imagem 55 - Uso Compulsivo de Drogas.....	96
Disponível em: http://www.shawnvandaele.com/shawn-van-daelesurreal-photography-portraits/ Acessado em: 18/01/2018.	
Imagem 56 - Vazio.....	97
Disponível em: http://www.shawnvandaele.com/shawn-van-daelesurreal-photography-portraits Acessado em: 17/01/2018.	
Imagem 57 - O Poder do Bem.....	98
Acervo pessoal da autora.	
Imagem 58 - Garoto Interrompido.....	99
Disponível em: http://www.shawnvandaele.com/shawn-van-daelesurreal-photography-portraits/ Acessado em: 13/01/18.	
Imagem 59 - Liberdade.....	100
Disponível em: http://www.huffingtonpost.co.uk/sam-dowler/cancer-cured-mydad-of-br_b_17715780.html Acessado em: 05/02/2018.	
Imagem 60 - Jung como Escultor.....	101
Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072010000200009 Acessado em: 21/01/2018.	
Imagem 61 - Infância Reprimida.....	104
Disponível em: https://artesehumordemulher.wordpress.com/pinturas-de-jim-warren-2/ Acessado em: 07/01/2018.	
Imagem 62 - Efeito Transgeracional da Opressão.....	105
Disponível em: http://www.gritodascinco.com.br/blog/wpcontent/uploads/2012/05/save_the_children1.jpg Acessado em: 06/01/2018.	
Imagem 63 - Ainda Havia Muita Escuridão: por M.....	106
Acervo pessoal da autora.	
Imagem 64 - Abuso de Substâncias.....	107
Disponível em: http://adnews.com.br/publicidade/campanha-mostra-que-abuso-infantil-reflete-na-vida-adulta.html Acessado em: 06/01/18.	

Imagem 65 - O Centro.....	107
Acervo pessoal da autora.	
Imagem 66 - Minha Mãe Quando Começava Chover: por A.....	108
Acervo pessoal da autora.	
Imagem 67 - Voltando a Brincar.....	108
Acervo pessoal da autora.	
Imagem 68 - Expondo a Sua Dor.....	110
Disponível em: https://fernandatomazpsicanaliseholistica.blogspot.com.br/2015/03/expondo-sua-dor.html?sref=pi Acessado em: 06/01/2018.	
Imagem 69 - Em Busca de Tempos Melhores: por A.....	111
Acervo pessoal da autora.	
Imagem 70 - Atravessando Tempos de Esperança: por A.....	112
Acervo pessoal da autora.	
Imagem 71 - Vivenciando Novas Possibilidades.....	113
Acervo pessoal da autora.	
Imagem 72 - Deus Sol.....	114
Acervo pessoal da autora.	
Imagem 73 - Menção de Luz.....	114
Acervo pessoal da autora.	
Imagem 74 - Celebração da Vida.....	115
Acervo pessoal da autora.	
Imagem 75 - Renascimento.....	116
Acervo pessoal da autora.	
Imagem 76 - Iluminação	117
Disponível em: http://www.michaelbilotta.com/blog/2015?view=archive&month=7 Acessado em: 05/02/18.	

SUMÁRIO

RESUMO	06
ABSTRACT	07
LISTA DE IMAGENS	08
APRESENTAÇÃO	16
INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO I: O UNIVERSO DA ARTETERAPIA	21
1.1 BREVE HISTÓRICO	22
1.2 FUNDAMENTOS	26
1.2.1 A dinâmica do Ateliê	28
1.3 RECONHECIMENTO DA PRÁTICA ARTETERAPÊUTICA	29
1.3.1 A questão da técnica	30
1.3.2 A questão da arte	31
1.3.3 A questão da psicologia	32
1.3.4 Ser Arteterapeuta	34
1.4 A PRÁTICA ARTETERAPÊUTICA JUNGUIANA	37
1.4.1 Um caminho para a individuação: o símbolo	40
1.4.2 Um caminho para simbolizar: as modalidades expressivas	41
1.4.3 Grupo arteterapêutico: o círculo sagrado	44
CAPÍTULO II: A PSICOLOGIA ANALÍTICA DE C. G. JUNG	49
2.1 A CRIANÇA CRIATIVA	49
2.2 O SURGIMENTO DA PSICOLOGIA ANALÍTICA	54
2.3 CONCEITOS BÁSICOS DA TEORIA JUNGUIANA	56
2.3.1 Psique	56
2.3.2 A consciência e o ego (eu)	57
2.4 O INCONSCIENTE PESSOAL	59
2.4.1 Complexos	60
2.5 INCONSCIENTE COLETIVO	63
2.6 ARQUÉTIPOS	64
2.6.1 Persona	65
2.6.2 Sombra	67
2.6.3 Anima e Animus	68
2.6.4 Self (Si-Mesmo)	70
2.7 INDIVIDUAÇÃO	72
CAPÍTULO III: A CRIANÇA EM NÓS, OS NÓS DA VIDA	75
3.1 O ARQUÉTIPO DA CRIANÇA INTERIOR	75
3.2 AS CICATRIZES NA ALMA INFANTIL DO ADULTO	80
3.2.1 O nascimento de uma criança ferida	82
3.2.2 O falso self ou personalidade “como se”	83
3.3 O ABUSO INFANTIL	85
3.3.1 Abuso sexual infantil	86
3.3.2 Abuso emocional infantil	87
3.4. SOBREVIVENDO AFETIVAMENTE	88

3.4.1 Há “cura” da criança interior?	89
CAPÍTULO IV: HOMENS ADULTOS: MENINOS FERIDOS	92
4.1 MORADA ESPERANÇA	93
4.1.2 Os regulamentos da morada	94
4.2 A DROGADIÇÃO	96
4.3 ARTETERAPIA: O ‘BRINCAR’ E A CRIANÇA INTERIOR	100
4.4 A EXPERIÊNCIA COM A ARTETERAPIA NA MORADA	104
4.4.1 Fase diagnóstica: a busca de sentido	106
4.4.2 Estímulos geradores: encontrando sentido	109
4.4.3 Processos autogestivos: levando o sentido na bagagem	115
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	118
REFERÊNCIAS	120
ANEXO A	122

APRESENTAÇÃO

A arte sempre esteve presente em minha vida. Não de maneira formal, objetiva, mas, sim, por um incentivo indireto. Ela estava presente nas festas religiosas, de família e nas maravilhosamente espontâneas brincadeiras da infância num bairro simples na cidade de São Paulo. A escola não nos oferecia a possibilidade de criar. Eu costumava reunir um grupo de crianças da vizinhança e apresentava peças teatrais que eu escrevia, dirigia e atuava. Produzia musicais e bailava neles. Com um quadro de giz, lecionava para alunos imaginários (pura reprodução das aulas da amada professora Smara Borelli), construía brinquedos e costurava para as bonecas. Corria livre e girava nas cirandas, pintava... Claro, hoje, como psicóloga, sei, através dos ensinamentos junguianos, que tudo está no inconsciente coletivo e tudo está dentro nós! Porém, a psicologia não foi minha primeira formação.

O que chamamos hoje de ensino médio, era chamado de 2º grau, onde estudei como “normalista”, expressão para quem fazia o magistério, e nesta época estagiei com crianças. Ali fazíamos tudo o que experimentei na infância: teatro, pintura, brincadeiras de roda, colagens, música e dança.

Segui para a primeira formação em pedagogia e paralelo aos estudos já lecionava para crianças de até 11 anos. O mundo adulto e o sistema vão nos colocando mesmo numa conserva... Mas, felizmente, as habilidades manuais e a criatividade estavam presentes nas feiras de Artes, nas festas folclóricas e nas comemorações. Redescobri nestes eventos muitas habilidades que estavam adormecidas e descobri muitas outras novas.

A formação em psicologia, que era a desejada na primeira formação, veio com a minha mudança para o Rio de Janeiro e, curiosamente, com ela, meu primeiro contato com Jung, não porque estivesse no currículo da faculdade, mas porque estava em um curso de férias que escolhi que a instituição oferecia.

Na faculdade, segui a formação com foco freudiano. Paralelo a graduação, estagiei em clínica psiquiátrica, especializei-me em Terapeuta Focal Breve e, logo concluindo a graduação fui terminando minha formação em Terapia Familiar Sistêmica. A formação sistêmica, teoricamente, encantou-me, pois levou-me a fazer

várias ligações com a teoria de Jung. A terapia familiar, na prática, integra o psicodrama, o desenho, as fotografias de famílias e os símbolos dos genogramas. Mesmo neste contexto, a palavra ainda é o principal instrumento nas sessões de família, casais e nas sessões individuais que hoje realizo em meu consultório.

Terminada minha formação sistêmica, senti necessidade de estudar mais sobre o funcionamento psíquico. Fui para uma faculdade numa pós graduação junguiana que não obteve quórum, e confesso que senti-me bem frustrada com a notícia de que como bônus poderíamos assistir a uma aula de arteterapia em uma turma que estava iniciando. Comecei a assistir a aula puramente teórica, em uma turma numerosa, mas busquei respirar, mesmo mal acomodada na sala de aula, e tentar entender qual era a mensagem que recebia ali. E no discurso dos professores encontrei a reposta afetiva, teórica e encantadora, mas faltava algo, faltava o aspecto vivencial que tão maravilhosamente aprendi com meus mestres na formação sistêmica. Voltei para casa e iniciei minhas pesquisas na internet, pois agora já sabia, ou pelo menos imaginava, o que estava buscando. Resolvi primeiro buscar trabalhar com os símbolos, com esta outra forma de linguagem, que para mim era/é envolta em um delicioso mistério. Logo, decidi começar minhas buscas pela arteterapia! Cheguei no lindo e colorido site da POMAR

O dia todo de aula experimental passou rapidamente tamanho era meu encanto: *É isso! Vivenciamos!* Eu estava entregue à todas as atividades... Afinal de contas Jung estava ali em cada condução de cada modalidade expressiva, em cada canto, em cada detalhe do espaço da POMAR.

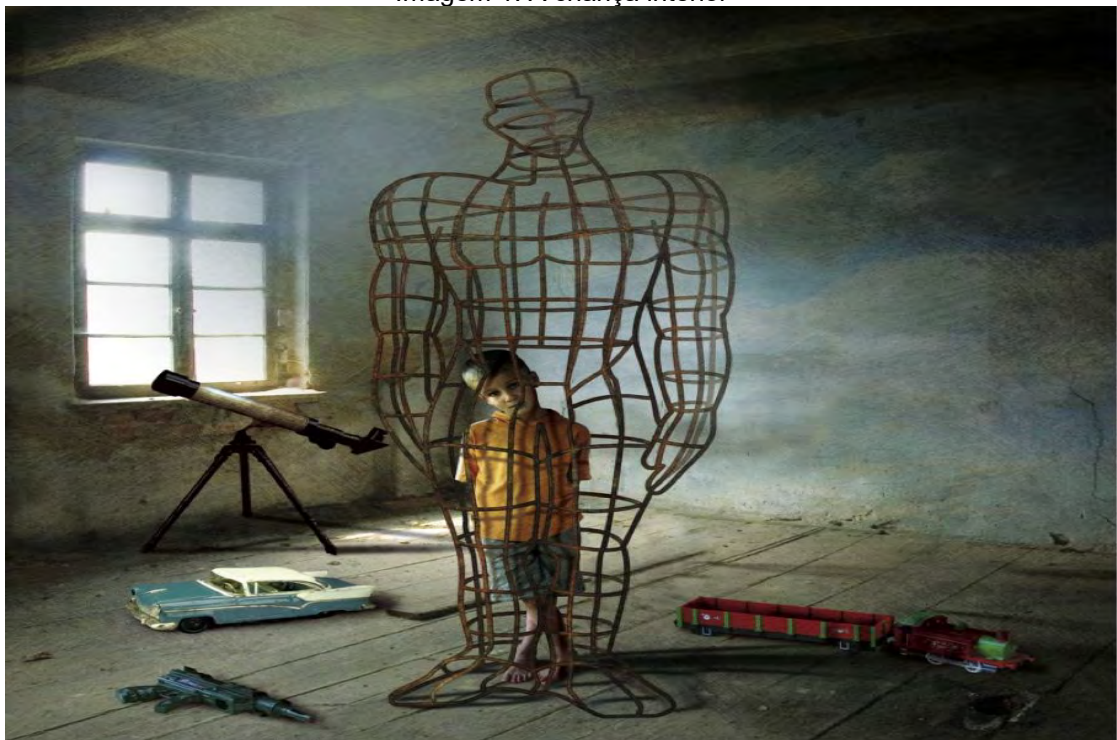
E neste sentido, escolhi o tema desta monografia unindo a materialização do símbolo, em Arteterapia, com umas das grandes ferramentas da psicologia que é o trabalho clínico com “a criança interior”, em especial, com esse grupo de homens (egressos de rua e dependentes químicos) que possuem uma criança interior demasiadamente ferida.

INTRODUÇÃO

Ninguém é culpado daquilo que não sabia. Mas somos, sim, responsáveis a partir do momento em que começamos a aprender. Que nossas “feridas de infância”, quando compreendidas, possam nos guiar para ações reparadoras e vigilantes que honrem a dignidade humana e evitem abusos de poder.

Rosa Cukier

Imagem 1: A criança interior



Disponível em: <http://blogautoplanet.blogspot.com.br/2013/05/o-incrivel-mundo-surreal-de-igor-morski.html>

O que norteou este trabalho foi a reflexão sobre o grande desconforto emocional do indivíduo adulto que, durante a caminhada no mundo dito maduro, encontra dentro de si um imenso vazio, assolado por uma questão pessoal que o assombra e que o paralisa, em um dado momento do estágio do ciclo vital, um complexo que retorna a cada vez que o desamparo o revisita.

No *setting* arteterapêutico, no estágio que realizei com homens egressos de rua, com dependência química, foi possível perceber e acolher o sofrimento de cada um do grupo. Existia uma busca, uma recompensa ou procura por uma via de satisfação e prazer intermináveis de um paraíso perdido, ou até mesmo de um

paraíso que nunca tiveram a oportunidade de experimentar. A falta dos cuidados parentais, os vários tipos de abusos, o descaso, o desemparo real ou o abandono fantasiado ficavam expressos ali em suas produções artísticas acompanhadas de um discurso muitas vezes embargado, pois, através de uma dada modalidade expressiva, podiam reviver as fases iniciais da vida e, com elas, a lembrança e a dor por ter em suas histórias uma infância perdida. A fragilidade emocional da criança interior e a dor inexplicável da alma levou-os a buscarem algo no mundo externo que os anestesiassem da inegociável realidade: as drogas.

Todos os dias, tudo isso é refletido, num panorama socialmente mais amplo, onde assiste-se a frustração e o direito do outro sendo, muitas vezes, desconsiderado a qualquer preço. Descarta-se facilmente não apenas coisas, mas também pessoas e relacionamentos. O vazio nunca é preenchido. O mundo estará sempre em dívida com aquele que se encontra vitimado pelo que passa a chamar de destino.

Cada um traz internamente uma criança menos ou mais ferida que outra, mas todos deparam-se com ela. Às vezes, ela continua brincando despercebida, mas se for reconhecida e se der a mão a ela, o caminhar será inevitável.

O contato do adulto com sua criança interior ferida poderá levá-lo à responsabilidade por suas escolhas e consequentes perdas, o que gera uma grande lacuna afetiva e sentimento de injustiça, podendo, como desfecho, como gente grande que é, acolher a criança interna e seguir rumo à individuação ou seguir negando e adoecendo.

Logo, este estudo procura investigar, à luz da teoria junguiana, como o processo arteterapêutico pode beneficiar a busca da individuação, acolhendo a criança interior ferida e promovendo um novo olhar sobre a própria história, o que significa pensar em poder conviver com alguns aspectos dolorosos que permearam a vida, integrando-os à personalidade de forma mais saudável, como mais um aspecto do amadurecimento.

Pretende-se responder de que modo o resgate da criança interior ferida pode beneficiar homens adultos dependentes químicos, em processo arteterapêutico, na busca da reconstrução da própria identidade, bem como na reintegração social e familiar.

Este trabalho é baseado nos pressupostos do modelo bibliográfico de pesquisa, ilustrado por um processo arteterapêutico realizado em uma instituição

que acolhe homens egressos de rua com dependência química, em regime residencial, através de um programa sócio pedagógico e terapêutico.

No capítulo um, relatei uma passagem pela história da Arteterapia desde de Freud, C.G. Jung, Margareth Naumburg (pioneira da Arteterapia), até sua chegada no Brasil com seus principais arteterapeutas, através dos autores N. da Silveira, L.Q. Andrade, S. Pain e A. Philippini, que se desdobrará para sua definição, seus fundamentos, passando pelos trabalhos com grupos e algumas modalidades expressivas.

No segundo capítulo, discorri um pouco sobre a trajetória de C.G. Jung até a construção da Psicologia Analítica e fiz uma seleção de alguns conceitos junguianos para levar o leitor a compreender o caminho que busquei percorrer com a ajuda de autores como C.S.Hall, M.Stein e o próprio Jung. Discorri sobre o conceito de arquétipo, finalizando com o conceito de individuação. Neste mesmo capítulo, busquei investigar sobre a própria história de infância de Carl Gustav Jung relatada em sua autobiografia. Suas dores, suas alegrias, suas fantasias e seu mundo particularmente (des) protegido pela singela cidade que morava e pela delicada dinâmica familiar que vivia. Sonhos, fantasias e realidade construíram a história desse menino e marcaram sobremaneira sua vida adulta.

No terceiro capítulo, abordei o arquétipo da criança interior na visão de C.G Jung e seus desdobramentos. Trabalhei articulando com este arquétipo o tema da criança ferida e o drama de suas experiências revividas com o suporte da autora Rosa Cukier e Alice Miller. Destaquei os tipos de abuso, o falso *self* ou personalidade “como se”. Contextualizei como, apesar dos traumas que habitam o mundo da criança interior de um adulto, este poderá sair como sobrevivente de sua própria história.

No quarto capítulo, apresentei, a título de ilustração, o estágio que realizei na Associação Solidários Amigos de Betânia, contando a trajetória desta instituição, seus regulamentos e minha experiência com a Arteterapia neste espaço. Busquei entre autores com C. G. Jung, D. W. Winnicotti, S. Nachmanovitch, R. Ammann e L.Q. Andrade como a Arteterapia é capaz de resgatar a criança interior ferida em busca da individuação. Selecionei dois casos específicos, imagens e alguns depoimentos deste grupo de homens a fim contextualizar e de fazer um paralelo com a teoria destes autores. Prossegui com as devidas conclusões, as possíveis e futuras ampliações sobre o tema, tendo em vista o amplo estudo que ele possibilita.

CAPÍTULO I

O UNIVERSO DA ARTETERAPIA

A arteterapia contribui para que o ser humano chegue à sua Essência.
Ligia Diniz

Imagem 2: Colorindo a Vida



Disponível em: <https://artesehumordemulher.wordpress.com/pinturas-de-jim-warren-2/>

Este capítulo, visa a trazer um panorama geral sobre a história do surgimento da arteterapia, sua definição, seus fundamentos teóricos em práticos, bem como seus precursores. Embora a arteterapia esteja embasada em abordagens diversas como a psicanalítica, a gestáltica e a junguiana, entre outras, este capítulo tem referência nesta última, e alguns de seus representantes. Serão destacadas, inclusive, a arteterapia com grupos e algumas modalidades expressivas.

1.1 BREVE HISTÓRICO

Imagem 3: As Cartas de Freud Jung



Disponível em: <http://issocompensa.com/sem-categoria/a-psicanalise-como-fofoca-o-rompimento-entre-freud-e-jung>

Foram Sigmund Freud e Carl G. Jung, por volta de 1920 e 1930, que estabeleceram as bases para que a arteterapia se desenvolvesse e se estabelecesse como um campo de atuação. Freud chegou a analisar obras de arte como as de Michelangelo e buscava as manifestações inconscientes através de uma comunicação simbólica do artista presentes nela. Apesar de não utilizar a arte como parte dos seus processos de análise, considerou que o inconsciente se expressa por imagens como as dos sonhos, por exemplo. Para ele, as imagens, além de serem um caminho de acesso ao inconsciente, escapam da censura que a palavra permite (ANDRADE, 2000).

Já Carl G. Jung foi discípulo de Freud, construiu sua própria teoria psicológica, a Psicologia Analítica. Foi ele quem mais aprofundou sobre a arte ligada à psicoterapia e considerava que a criatividade artística era uma função intrínseca da psique. E, a capacidade de tornar-se mais saudável estava na possibilidade de transformar em imagens, em símbolos, os conteúdos que estavam inconscientes (ANDRADE, 2000).

Imagem 4: Jung



Disponível em: <https://carlalindolfo.wordpress.com/tag/o-livro-vermelho-jung/>

Trabalhou com seus pacientes desenhos e pinturas de sonhos, sentimentos e situações de conflito. Analisava as imagens como meio de simbolizar o inconsciente pessoal e coletivo. Acreditava que o desenho facilitava a comunicação verbal, além de organizar, através da arte, a desordem interior do paciente (ANDRADE, 2000).

Imagem 5: Mãe da Arteterapia: Margareth Naumburg



Disponível em: <http://jewishcurrents.org/may-14-mother-art-therapy/>

Foi Margaret Naumburg, norte americana, com base na teoria psicanalítica, que fundou a arteterapia e a primeira que a sistematizou sob a denominação de Arteterapia de Orientação Dinâmica (ANDRADE, 2000). Inicialmente, sua aproximação com a arte deu-se através da educação. Visava possibilitar que os conflitos inconscientes fossem projetados, interpretando o material produzido sob a ótica freudiana. Trouxe como princípio básico que todo indivíduo adulto, tendo tido, ou não, contato com os fazeres artísticos, é capaz de projetar suas questões internas de maneira visual, ou seja, em materialidade (ANDRADE, 2000).

Imagem 6: Arte da Loucura



Disponível em: http://www.huffpostbrasil.com/2016/04/19/quem-foi-nise-da-silveira-a-mulher-que-revolucionou-o-tratament_a_21701186/

Na metade do século XX, inicia-se, no Brasil a história da arteterapia vinculada à psiquiatria, com embasamento na teoria freudiana, representada por Osório Cesar e, na teoria junguiana, por Nise da Silveira, que foram dois psiquiatras vanguardistas no trabalho com pacientes internos em instituições de saúde mental. Através da arte, desenvolviam um tratamento com olhar diferenciado diante da loucura (ANDRADE, 2000).

Segundo Silveira (2001), o objetivo do tratamento não se restringia a tentar fazer com que o paciente levasse uma vida convencional, ou melhor, de acordo com as expectativas dos padrões sociais, mas sim “a recuperação do indivíduo para a

comunidade em nível superior àquele em que se encontrava antes da experiência psicótica” (p. 19).

Osório César trabalhou no Hospital Psiquiátrico de Juqueri na região da cidade de São Paulo, em Franco da Rocha. Em 1929, publicou sua primeira obra de nome *Contribuição ao Estudo da Arte entre Alienados*. Criou a Escola Livre de Artes Plásticas do Juqueri. Em 1948, foi organizador da *1ª Exposição do Hospital de Arte do Juqueri, no Museu de Arte de São Paulo*. Sua contribuição na arteterapia foi a de articular a psicanálise e a arte, sendo pioneiro, no Brasil, em analisar as representações psicopatológicas dos portadores de transtornos mentais. “Realizou mais de 50 exposições para divulgar a expressão artística de doentes mentais, procurando afirmar a dignidade humana desses pacientes, além de valorizar a técnica da arteterapia.” (ANDRADE, 2000, p. 58)

Segundo Silveira (2001), desde 1946, Nise trabalhou no Centro Psiquiátrico de Engenho de Dentro quando foi iniciada a nova fase da terapia ocupacional que, ainda hoje, é vista apenas como um método para distrair o paciente. Para ela “era um método que deveria, como condição preliminar, desenvolver-se num ambiente cordial, centrado na personalidade de um monitor sensível, que funcionaria como uma espécie de catalisador” (SILVEIRA, 2001, p.16). Sendo assim, não considerava seu método como arteterapia, pois, nessa prática, segunda ela, o arteterapeuta intervém, o que não acontece na terapia ocupacional, onde o paciente permanece inteiramente livre. Em 1952, criou nessa mesma instituição o *Museu de Imagens do Inconsciente*, inaugurado em 20 de maio de 1952, contando com mais de 300.000 produções plásticas entre tela, papéis e modelagens (Ibidem, 2001).

A construção da arteterapia, no campo da psicologia, merece o destaque de Maria Margarida M. J de Carvalho, psicóloga clínica, que inaugurou o primeiro Curso de Arteterapia, em 1980, no Instituto Sedes Sapientae, na cidade de São Paulo, e escreveu o livro *A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia*. Foi professora e coordenadora, em 1995, do Instituto de Psicologia da USP. Outra referência é Angela Philippini, coordenadora da Clínica Pomar, no Rio de Janeiro, criada em 1982, onde são oferecidos cursos de formação e pós graduação *Latu Sensu* de abordagem junguiana. Já em 1990, Selma Ciornai inaugura a arteterapia gestáltica, em São Paulo, no *Sedes Sapientae*. Com isso, a arteterapia vem se ampliando através de outros espaços além da clínica, e através de outras bases teóricas como: a rogeriana, a transpessoal, antropológica entre outras (ANDRADE, 2000).

1.2 FUNDAMENTOS

Imagem 7: O Caminho do Leitor



Disponível em: <https://jerry8448.deviantart.com/art/The-Reader-s-Path-345536889>

Paín (2009) começa explicando em seu livro *Fundamentos da Arteterapia* sobre o cuidado e o risco que se corre em tentar decompor a palavra e definir cada parte “arte” e “terapia”, pois são disciplinas vindas de campos diferentes. Ensina que o termo “arteterapia” procede de uma dada época e com um determinado propósito social e que foram as mudanças que ocorreram tanto na arte como na psicoterapia que levaram ao desenvolvimento desta disciplina.

Neste sentido, é preciso entender a palavra “arte” a partir da segunda metade do século XX, onde já não estava mais a serviço da tentativa de recriar uma beleza ideal, exaltar a natureza e nem tão pouco a serviço da religião. Tais mudanças manifestaram-se com escolha de outras técnicas e através de uma nova ideologia estética. No que se refere às técnicas, destaca a utilização de materiais de recuperação, fotografias e impressões, por exemplo (PAÍN, 1996).

E, assim, ela continua mostrando como é complexo encontrar uma definição para a palavra arte de tal forma que abarcasse todos os objetos, uma vez que os critérios para se denominar um dado objeto como uma obra de arte são flutuantes. E é deste estado flutuante da arte que a arteterapia beneficia-se, e que torna-se

possível hoje, porque a arte está liberta das obrigações que o próprio artista cria como as regras de um jogo. Explicando de outra forma, a arteterapia tem o compromisso com uma estética espontânea e o resultado (a obra) justifica-se por si só e ao mesmo tempo não se faz necessária uma utilidade (PAÍN, 2009).

Observa que já a palavra “terapia”, em seu sentido contemporâneo, evita o prefixo “psico”, como se arte por ela mesma apresentasse um caráter curativo. Ao mesmo tempo, a autora posiciona-se dizendo que a dimensão “terapia” já subtende, já inclui, aquele significado de “psico” que entende que nenhuma mudança de comportamento é considerada duradoura. Ressalta, também, que esta inclusão expande o campo da prática quase que totalmente ocupado pela psiquiatria (PAÍN, 1996). E lembra que desde o final do século XIX os psiquiatras estavam interessados nas produções plásticas de seus pacientes. Já as psicoterapias e a psicanálise tiveram grande demanda na metade do mesmo século; porém, devido aos grandes custos, outras terapias surgiram como o psicodrama, a psicoterapia de grupo, a psicoterapia familiar e várias técnicas artísticas mediadoras como a dançoterapia, a musicoterapia e as terapias através da expressão artística.

Paín (1996) destaca a representação plástica (desenho, modelagem, pintura, gravura, marionetes, etc.) embora a arteterapia englobe qualquer expressão artística como a dança, o teatro, a música e muitos outros. O que todas elas têm em comum é a representação objetiva, a transformação visual, ou seja, a transformação da matéria naquilo que se dominou de forma figurada.

Na arteterapia, a arte é concebida como uma metáfora, ou melhor, algo que se assemelha à arte, indicada por uma dupla condição: por um lado aquele que frequenta o ateliê não se compromete com um aprendizado sistemático das regras do ofício, nem a criação de ideias plásticas cuja coerência estética seja completa e socialmente reconhecida; por outro lado a arteterapia demanda da arte um serviço útil. Este serviço terapêutico constitui a própria definição de arte, projetando simultaneamente sobre o paciente a tensão contraditória inerente à possibilidade de cura. (PAÍN, 2009, p. 12)

Como os múltiplos valores contraditórios são aceitos pela arte contemporânea, no ateliê, o *artistant* (termo que representa o “analisante”, como aquele que vai à psicoterapia ou à análise) pode realizar representações que pareçam confusas, feias, violentas ou mesmo gestos serenos, o que nada mais são que consequências de emoções que passaram à suas produções artísticas e não estão permeadas por um conhecimento técnico. É essa falta de técnica que muitas

vezes um artista contemporâneo busca de forma calculada. Por outro lado, mesmo que o *artistant* tenha intenção de um dia ser um artista, em seu tratamento, não se deve vincular sua criatividade a uma expectativa de público (PAÍN, 2009).

A arteterapia encontra-se, portanto, entre a vida e o museu, uma vez que reclama da arte um serviço. Esse serviço terapêutico projetado na arte como possibilidade essencial, transforma a palavra arte em metáfora de si mesma, um fazer “como se” fosse arte (Ibidem, p. 16).

Atualmente, o uso metafórico da palavra arte em terapia é legitimado pelo mundo artístico. Logo, a arteterapia é uma instituição, um lugar social onde o indivíduo age “como se” fosse artista. Esclarece, ainda, que é um engano pensarmos, por exemplo, que o inconsciente está menos presente numa obra clássica do que numa obra surrealista, por exemplo (PAÍN, 2009).

O objetivo da arteterapia é o de sustentar de forma simbólica cada intenção, sem perder de vista a principal intenção que é a de “curar-se”. E o ateliê terapêutico transforma-se, assim, no local da cena dramática onde encontra-se a realidade social e a realidade histórica em que o indivíduo busca integrar-se exercitando sua capacidade criativa, “pois o ateliê apresenta-se como um espaço de tolerância, recebe a todos sem reserva” (Ibidem, p. 19).

1.2.1 A dinâmica do Ateliê

Imagem 8: Criatividade e Tempo



Disponível em: <http://eugenia.queru.com/2012/07/07/time-out/>

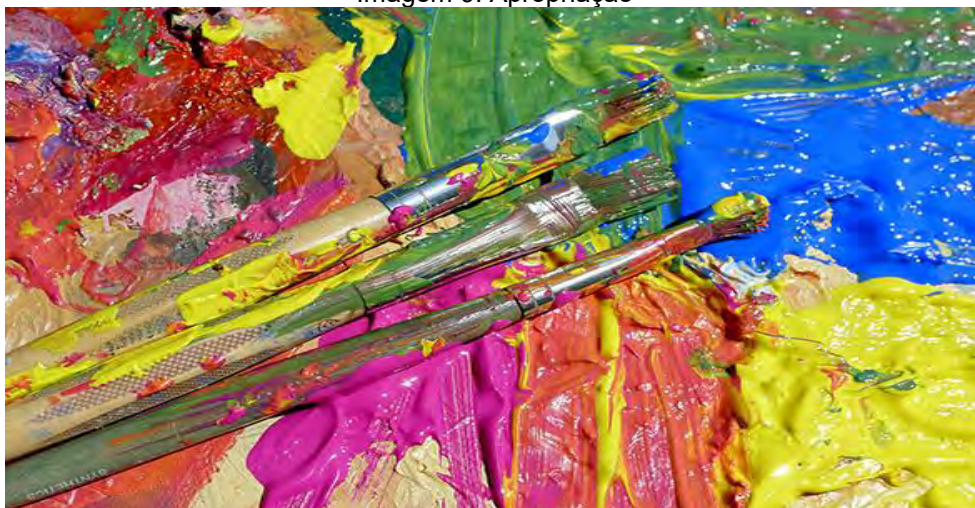
Esse espaço, além de ser considerado um lugar simbólico onde toda a dramática da criatividade será vivenciada, exige uma série de materiais a serem trabalhados com as devidas ferramentas para transformá-los, considerando um determinado espaço de tempo que é disposto em sessões. O tempo, como rompe com o tempo habitual, torna-se um tempo imaginário a fim de ligar-se na temporalidade da obra. Essa dinâmica é marcada pela utilização dos materiais e pelas consignas. Lembra, inclusive, que se a consigna for a de que o indivíduo poderá fazer o que quiser, a liberdade o limitará, pois os próprios materiais não são neutros e impõem leis e qualidades. Na medida em que o sujeito percebe que as propriedades do material o limitam ou o ajudam em sua tentativa de expressão, elas se tornam muito significativas (PAÍN, 2009).

Para o *artistant*, o ateliê é um lugar privilegiado para viver e tomar consciência, e, para o terapeuta, para observar e enquadrar o processo de objetivação expressiva a partir de seu nascimento, considerando suas tensões, seus conflitos e suas estratégias. O processo terapêutico consiste em identificar os obstáculos encontrados nas diferentes etapas da criatividade, e descobrir seu significado, admitindo que aqui a forma e o conteúdo são inseparáveis (Ibidem, 2009, p. 69).

As sessões podem ser individuais. Já as sessões em grupo facilitam uma troca de imitações, olhares, diferenciações e uma maneira continua de exercitar a compreensão sobre o outro. A figura do terapeuta, além de polarizar a afetividade, faz circular a emoção e a comunicação entre os participantes (PAÍN, 2009).

1.3 RECONHECIMENTO DA PRÁTICA ARTETERAPÊUTICA

Imagem 9: Apropriação



Disponível em: <http://institutofreedom.com.br/blog/expressoes-simbolicas-do-inconsciente-arteterapia/>

Paín (2009) salienta que sendo a arteterapia uma atividade e não uma disciplina institucionalizada, considera ser preciso definir basicamente quais são os conhecimentos e culturas necessárias para estabelecer-se um ateliê com o objetivo terapêutico. São eles: técnica das atividades plásticas, da psicologia, ou psicanálise, e o domínio da arte (sua significação e sua história). Embora não exija uma formação em cada uma dessas disciplinas, considera um treinamento contínuo de conhecimentos teóricos e práticos durante todo o tempo de vida profissional.

1.3.1 A questão da técnica

Imagem 10: A Subjetividade



Disponível em: <http://liviaburity.blogspot.com.br/p/arteterapia.html>

O ateliê arteterapêutico não é um espaço para transmitir conhecimento, nem para que o arteterapeuta ensine uma ou mais técnicas. A realização da obra é subjetiva, o estilo é pessoal e através da própria experiência descobre-se possibilidades de representação. E para compreender este processo é fundamental que o arteterapeuta conheça as regras gerais de representação figurativa, que só será possível através de sua prática pessoal bem orientada (Ibidem, 2009).

A psicoterapia tem como instrumento a língua (linguagem), que é um código para que o trabalho torne-se possível. Já “a prática artística não deve ser direcionada a um estilo definido, a ‘atenção flutuante’ que permite ao psicoterapeuta estar permeável às diferentes formas de expressão dos pacientes” (PAÍN, 2009, p. 71). A leitura destas práticas precisa ser feita através da disponibilidade permanente

de observar as produções do sujeito, evitando apresentar alternativas aos seus projetos plásticos, pois estas correspondem muito mais às inquietudes do próprio terapeuta (Ibidem).

1.3.2 A questão da arte

Imagem 11: Luz e Ser



Disponível em: <http://www.urbanfor.com/wp-content/uploads/2013/04/Tang-Yauhoong-Posters1-640x905.jpg>

“Não se trata de interpretar uma mensagem ou de admirar sua configuração, mas de reconstruir o caminho de pesquisa que permitiu o autor encontrar, ao mesmo tempo, o que tinha a dizer e a maneira de dizê-lo” (PAÍN, 1996, p. 20).

É fundamental que o arteterapeuta seja um frequentador assíduo de museus e de exposições, pois quanto mais ele dominar as significações e as variações que a arte oferece, através do tempo, mais ele será capaz de realizar uma boa leitura das expressões artísticas que surgem no ateliê. Esta cultura e esta leitura se fazem tão necessárias quanto a questão da psicologia e da técnica. Neste sentido, consegue descobrir os valores de tais expressões através do entendimento de suas significações como o contraste, a luz, a cor. Logo, o indivíduo com o qual ele trabalha ganhará, enriquecerá sua capacidade de simbolização e sua linguagem. Numa obra, a questão estética fala de um drama humano representado num dado

momento da história e dentro de uma dada sociedade; porém também está presente na individualidade do ser. O arteterapeuta, então, deve refletir sobre as funções das diferentes formas de representação, estudando a história da arte e a arte contemporânea (ibidem).

“Por enquanto, a arteterapia é uma questão de formação e não de diploma.” (PAÍN, 2009, p. 73). Portanto, os profissionais da saúde ou da educação que se interessam pela prática artística, em suas funções, devem realizar uma especialização em arteterapia e exercê-la dentro das limitações que sua formação de base estabelece (ibidem).

1.3.3 A questão da psicologia

Imagem 12: Psicologia e Arte



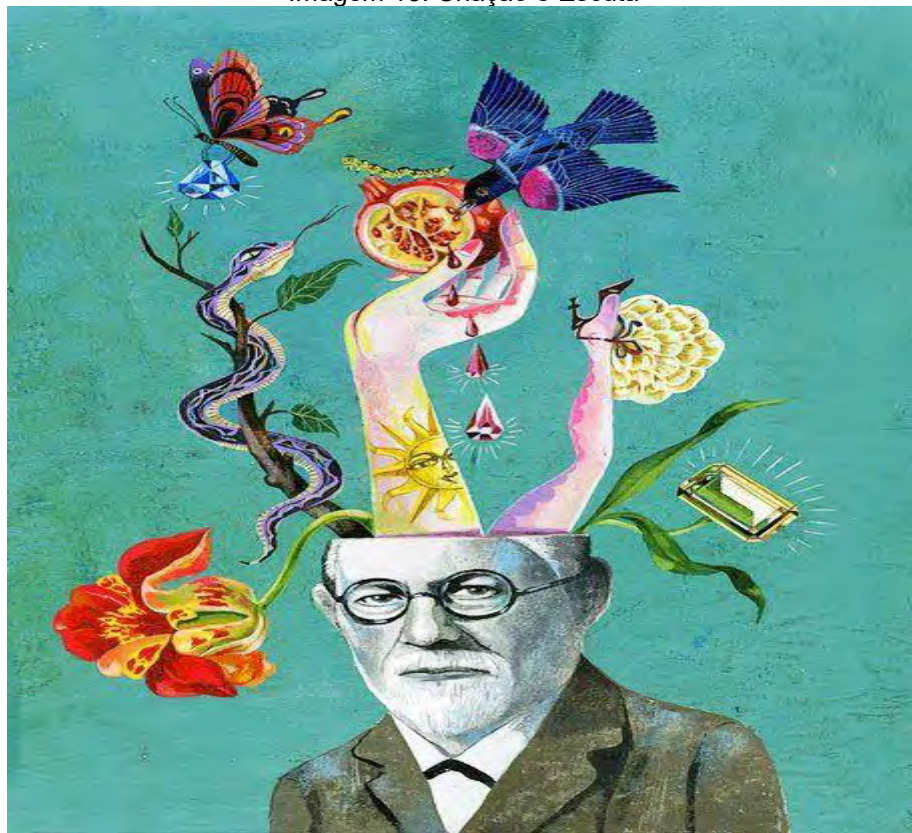
Disponível em: <https://www.institutocriap.com/ficheiros/2016/10/pos-graduacao-em-psicologia-da-arte-e-mindfulness-267x300.jpg>

Paín (2009) abre espaço para explicar o quanto é importante que o arteterapeuta estabeleça sua fundamentação teórica para compreender o indivíduo e para poder acompanhar seu processo de evolução de maneira que oriente suas atividades e, inclusive, suas pesquisas. A questão maior, esclarece, não é possuir os elementos teóricos, mas aplicá-los aos estudos de casos particulares. Conta que a experiência nos ensina a obter uma leitura dos comportamentos dos indivíduos de forma natural e, para isso, basta ter “uma percepção simples, mas operativa, das

teorias psicológicas que dão conta dos processos de formação de imagens e construção das representações” (p. 71).

Antes mesmo de chegar à sua produção plástica, o indivíduo passa por fases diferentes que envolvem desde a organização mental da imagem que lhe chega até sua concretização e, durante essa elaboração, faz-se necessário compreender suas dificuldades, sua fase no ciclo de vida, as possíveis patologias psíquicas a fim de fazer uso mais adequado dos recursos plásticos (PAIN, 2009).

Imagem 13: Criação e Escuta



Disponível em: <http://acid-chaos.tumblr.com/post/28935054889>

É importante desenvolver o hábito de escutar, explica Paín (2009), quando fala sobre o discurso do indivíduo em relação à sua produção plástica. Não se trata de escutar com o objetivo de encontrar uma explicação a conteúdos inconscientes que estão latentes, mas, sim, para não confundir tais conteúdos. E, neste sentido, ela destaca que

Convém ter em conta que não se trata de um conteúdo inconsciente que se torna consciente, mas que a partir da produção consciente – palavra ou representação – é possível tentar pôr em evidência, por um jogo de associações, uma modalidade de funcionamento inconsciente (p. 72).

A mesma autora, através de sua própria abordagem terapêutica, procura explicar como se dá a diferença entre o profissional que não está em análise e a atuação de um arteterapeuta que atravessa seu próprio processo analítico. Em sua visão, primeiro deve estabelecer apenas intervenções de apoio e de acompanhamento enquanto que o segundo estará mais apto a ler a relação transferencial a que as associações conduzem. Considera que a escolha por um destes caminhos precisa ser baseada nas condições do tratamento de maneira real e dos sintomas do indivíduo (Ibidem).

De modo geral, Paín (2009) lembra que a arteterapia não é uma técnica da psicanálise e, embora contribua para elucidar alguns comportamentos, bem como a relação transferencial, não é o único recurso, enquanto método válido, de tratamento através da arte.

1.3.4 Ser Arteterapeuta

Imagem 14: Olhar Simbólico do Arteterapeuta



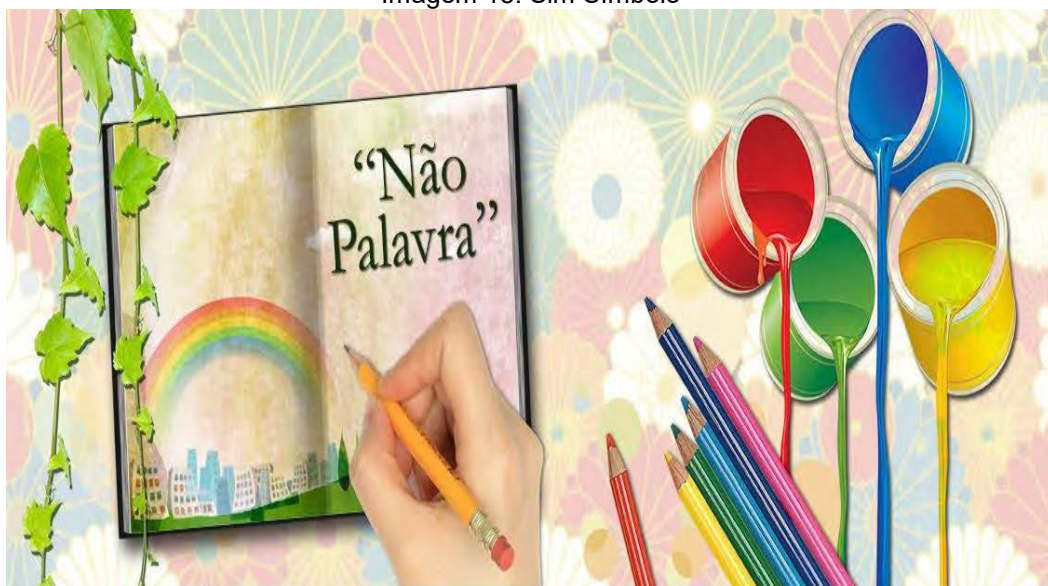
Disponível em: <http://euniverso.net.br/arteterapia-e-o-estudo-das-cores-e-seus-segredos/>

A partir da consigna, o arteterapeuta começa a acompanhar o desenvolvimento da atividade do indivíduo e passa a ser testemunha de seu processo criativo de um ponto de vista objetivo e subjetivo ao mesmo tempo. Decidirá o momento de intervir e de como será o teor de sua intervenção. Acompanhará a construção simbólica onde as transformações têm mais relevância que a produção final em si. Ele acompanhará uma aventura e sua atenção deve ser sensível às ressonâncias sem antecipar-se e, simultaneamente, ter o tato de não deixar confundir atenção com controle (PAÍN, 1996).

Segundo Paín (1996), o sujeito, de alguma maneira, buscará impressionar o arteterapeuta e para isso é preciso estar atento, além das questões que o cercam a respeito dessa tentativa, buscando analisar sua importância no curso das sessões, como também precisa cuidar para que seu gosto pessoal em matéria de arte seja colocado em suspenso. O centro será o sujeito, e a obra em si não será a mais importante.

O arteterapeuta terá como base seu conhecimento sobre as artes, sobre os processos psicológicos que estão na raiz do funcionamento criativo e sobre toda uma teoria da estrutura simbólica, o que o diferencia de um observador ingênuo (PAÍN, 1996). O que faz do arteterapeuta um profissional é justamente a “possibilidade de encontrar uma ordem simbólica para a desordem do sofrimento” (Ibidem, p. 22).

Imagem 15: Sim Símbolo



Disponível em: <http://nao-palavra.blogspot.com.br/>

Na psicoterapia convencional, o sujeito utiliza-se da palavra. A maior parte do tempo é de escuta. Na arteterapia, ele é colocado em atividade artística, sendo possível observá-lo enquanto caminha por uma nova experiência. É possível nesta mesma observação perceber como ele reage diante de uma consigna, diante de um determinado material, como é capaz de entrar em contato com ele mesmo e como concentra-se para iniciar o que foi pedido (PAIN, 1996).

É claro que, antes disso, considera-se, de acordo com Paín (1996), que esse mesmo sujeito já tenha passado pela adaptação no ateliê, habituando-se a um

horário estabelecido, ao espaço, aos rituais antes de iniciar as atividades. Enquanto isso, o arteterapeuta observa como ele se apropria do espaço, de um lugar para sentar-se, como coloca-se diante dos rituais de passagem de uma atividade para outra, e como lida na administração do tempo para realizar sua produção artística.

“Os participantes utilizam os recursos colocados à sua disposição para se expressarem, para construírem um ‘discurso’ na ordem do imaginário” (PAÍN, 1996). E, nesse percurso, é possível acompanhar as diferenças que vão acontecendo e que indicam as progressões, as representações que se tornam mais pobres ou mais complexas, as travessias das zonas de conflito que encontram um novo desfecho (Ibidem, 1996).

Paín (1996) explica que deve-se procurar o autor na obra ‘concluída’ o que se aplica ao final de uma sessão diante daquilo que o sujeito construiu. E, nesse momento, nenhuma reação diante da criação deve ser mais válida do que outra. O que interessa é entender o que significa para ele aquela produção, uma vez que esse objeto foi extraído dele. E não mais só observar, mas ouvir o que se tem a dizer sobre a atividade realizada e, também, o que se comenta sobre os encontros e sobre as tarefas de modo geral. Já os comentários do arteterapeuta não devem ser extensos ou diretivos durante a apresentação da atividade expressiva. Seu papel é o de incentivar a pesquisa sem dar a solução pronta. Às vezes, uma palavra é o suficiente.

A palavra é muito importante para o participante: para a explicação de seus objetivos [...] para os resultados positivos ou os fracassos do processo, por outro lado, diz da possibilidade de retornar as experiências no discurso que lhe permite transformar a experiência em conhecimento, de passar da ação ao código socializado da transmissão [...]. O momento da avaliação da atividade é consagrado especialmente ao diálogo, serve-nos para observar a capacidade de tomar a palavra [...] (Ibidem, p. 23).

O próximo passo é compreender, ainda através de Paín (1996), como o arteterapeuta pode sentir-se nesse processo, uma vez que suas emoções são a base para decifrar o curso dos comportamentos dos indivíduos envolvidos e de seus afetos ali expressados. A maior parte desses afetos vem a partir da própria prática que envolve o ateliê. O arteterapeuta pode, muitas vezes, identificar-se ou não com uma modalidade expressiva, uma consigna, que nem sempre será recebida da mesma forma pelo indivíduo que está em acompanhamento terapêutico. O arteterapeuta precisa conhecer, então, com antecedência, o conteúdo dessa

consigna, apreciando melhor os possíveis julgamentos e idealizações levando, a um desenvolvimento satisfatório da atividade.

Outros fatores que podem trazer desconforto ao profissional são os atrasos do cliente, a antecipação, alguns olhares, a indiferença, a revolta ou a indelicadeza. São sinais enviados para a pessoa do arteterapeuta, na relação transferencial, que trata-se de outra via para sentir as emoções dos indivíduos. Essa relação é dramática e ao mesmo tempo simbólica, mas não deixa de ser real (PAIN, 1996).

Quando o material terapêutico é desvalorizado ou quebrado pelo paciente, ou quando é valorizado ou reaproveitado, está representando a maneira como ele é capaz de repetir, diante das relações, os comportamentos que resultam numa consequência bem conhecida por ele. Logo, para começar a trabalhar terapeuticamente, o indivíduo precisa provocar uma ruptura com a estagnação de seus desconfortos e o arteterapeuta deve procurar manter a motivação, impedindo que tais inquietações paralisem o sujeito. De fato, a emoção mais forte que um arteterapeuta pode sentir é diante do momento em que as produções estão sendo realizadas. É preciso que o arteterapeuta perceba a repetição neurótica que está se desvelando e ajude-o a dar novos significados a velhas formas de se relacionar e de amar (Ibidem).

1.4 A PRÁTICA ARTETERAPÊUTICA JUNGUIANA

Imagem 16: Integrando os Opostos



Disponível em: <http://www.blissnow.com.br/2014/07/homo-hostilis-psique-guerreira.html>

Philippini (2013) concorda com Pañ em que conceituar arteterapia não seja uma tarefa simples, pois, em sua visão, uma escolha pode restringir o saber a um único campo, sendo a arteterapia transdisciplinar e holística.

Para simplificar é possível também empregar a expressão 'Terapia através da arte' [...] Arte é entendida como Processo Expressivo, da forma mais ampla que de puder concebê-lo. Assim não se estará abordando questões particulares de ordem estética, técnica, ou acadêmica, nem vinculações do processo criativo à qualquer escola artística." (PHILIPPINI, 2013, p. 11)

Esta mesma autora leva-nos a um passado mais distante ainda, convidando a rever a história e perceber que a arte sempre esteve presente desde as pinturas em cavernas, representando uma ponte entre o mundo interno e externo do indivíduo. Cita que na história da Grécia antiga já constava a atividade arteterapêutica. Nestas escrituras, encontra-se sempre presente a arte e suas mais diversas formas de expressão como um filme que conta a história de como funciona o mundo psíquico na humanidade em sua existência singular (PHILIPPINI, 2013). Logo, reflete que a arteterapia trata-se de um processo terapêutico que recupera um conhecimento milenar em busca da "promoção, prevenção e expansão da saúde" (Ibidem, p. 13).

Enfatiza que o processo arteterapêutico é marcado pelos símbolos que apontam para cada fase do processo de individuação, onde cada um encontra-se. Trata-se de um percurso único, ou seja, "compreende as transições e transformações em direção a tornar-se um '*in*'-divíduo, aquele que não se divide face às pressões externas e, assim, procura viver plenamente, integrando possibilidades e talentos às feridas e faltas psíquicas." (Ibidem, p.14).

Mesmo que no Brasil, a arte ainda seja vista com resistência como sendo um instrumento terapêutico, tem-se no universo junguiano este mesmo instrumento sendo utilizado como ferramenta principal do processo terapêutico, uma vez que nesta visão, a vida humana é guiada por símbolos que nos levam em direção ao autoconhecimento. Estes símbolos emanam do *self* que é a totalidade, a essência do indivíduo e o centro de saúde que na vida necessita de reconhecimento e precisa ser compreendido (PHILIPPINI, 2013).

Na prática da arteterapia junguiana são necessários materiais adequados para que cada um dos símbolos sejam plasmados através da energia psíquica transformada em criações. É na ligação do inconsciente com a consciência que os estágios onde a psique encontra-se revelam-se e é possível desfazer nós de

conflitos afetivos. Estes símbolos podem revelar-se nos sonhos e até mesmo no corpo, revelando como alguns padrões do funcionamento psíquico necessitam ser modificados (PHILIPPINI, 2013).

Segundo Philippini (2013), os arquétipos em arteterapia nos fornecem um norte para compreender a produção dos símbolos. A partir do momento que o cliente cria um símbolo, o arteterapeuta tem função de contextualizá-lo, levando em consideração sua história e os aspectos exclusivos de sua individualidade. Paralelo a isto, é preciso considerar, também, *a tipologia junguiana*, lembrando-se das quatro funções psíquicas: *pensamento, sentimento, sensação e intuição* e observando qual a função dominante, naquele momento, que deixa em desvantagem as demais. Seguindo ainda neste processo, focalizará qual dos dois movimentos estão proeminentes: *a introversão ou a extroversão*. Neste panorama, o arteterapeuta selecionará algumas modalidades expressivas que poderão desenvolver outras funções psíquicas, bem como ajudar a lançar luz aos aspectos da personalidade do indivíduo que ainda se encontram na *sombra*.

Todas as abordagens arteterapêuticas têm em comum a mediação das modalidades expressivas, porém a especificidade de abordagem junguiana é a estratégia de, através do material simbólico produzido, ampliar os símbolos que surgem na sessão. Lembrando que Jung oferece um vasto estudo sobre como em várias culturas diferentes e distantes até na geografia, apesar disso, possuem as mesmas fases do movimento da individuação, os mesmos conteúdos simbólicos retratando a existência do inconsciente coletivo, através de mitos, contos de fadas, religiões, ritos de passagem e tratados alquímicos (SILVEIRA apud PHILIPPINI, 2013).

Imagem 17: Ampliação do Ser



Disponível em: <http://www.napolitoday.it/eventi/laboratorio-arteterapia-9-giugno-2017.html>

A mesma autora descreve o *setting* arteterapêutico como *têmenos* “espaço sagrado de criação, labirinto formado de afetos e de imagens” (PHILIPPINI, 2013, p. 16) e continua explicando que “o fio condutor para o trabalho será dado pelas associações, analogias e descobertas feita por cada um com o encontro com cada obra e/ou durante seu processo de criação” (Ibidem, p. 16).

1.4.1 Um caminho para a individuação: o símbolo

Imagem 18: Simbolização de Jung – Livro Vermelho



JUNG, 2017, p. 154

“Símbolo é uma palavra originária do grego, resultante da combinação de *SYM* + *BOLON*, significando ‘aquilo que é colocado junto.’” (EDINGER apud PHILIPPINI, 2013, p. 18). O símbolo, em arteterapia, é o fruto da energia psíquica de quem a coloca num dado material expressivo; logo nele estará plasmado algumas formas que levarão a possibilidade de criar novos mundos ou resgatar outros muitas vezes esquecidos (PHILIPPINI, 2013).

Philippini (2013) ainda explica que o processo de individuação, em arteterapia, é marcado pela produção dos símbolos. É importante ressaltar que estes manifestam-se de diferentes formas expressivas em fases diferentes da vida. Surgem, inclusive, através de sonhos, das meditações, do corpo e das sincronicidades da vida. Neste sentido, é preciso estar atento aos sinais que vão

surgindo conforme as produções vão acontecendo no *setting* arteterapêutico, observando: as formas, as cores, a ocupação dos suportes que são oferecidos e os padrões que se apresentam nestas expressões artísticas. Na medida em que os significados vão surgindo, é possível observá-los e, com eles, trabalhar conteúdos que antes eram até então ignorados pela consciência. O símbolo faz a ligação entre a consciência do indivíduo e seus conteúdos inconscientes que se mantinham na sombra. Logo, é sua função desbloquear o fluxo no eixo ego-self (eixo do si-mesmo) entre o inconsciente pessoal, o inconsciente coletivo e a consciência. “O símbolo constelado com a ajuda dos materiais expressivos dinamiza e facilita a estruturação e transformação dos estados emocionais que lhe deram origem” (PHILIPPINI, 2013, p. 18).

1.4.2 Um caminho para simbolizar: as modalidades expressivas

Imagem 19: Materiais e Possibilidades



Disponível em: <http://www.alinebarcelos.com.br/>

Através dos instrumentos gráficos como as tintas, as várias modelagens, as colagens, a tecelagem, a confecção de máscaras, as miniaturas do *Sandplay*, os papéis para dobradura, os materiais naturais (cascas de árvore, flores, folhas) e dos elementos da natureza como a terra, o ar, a água e o fogo e vários outros materiais, é possível criar símbolos necessários para cada individualidade que busca entrar em contato com aspectos de sua personalidade a serem metamorfoseados (PHILIPPINI, 2013).

Segundo Philippini (2013), pensando no símbolo como uma metáfora do inconsciente, onde estão os mistérios da psique, cabe ao arteterapeuta trazer à sessão os instrumentos fundamentais que levem o indivíduo a via de acesso ao bom desenvolvimento de seu processo. Neste encontro, arteterapeuta e cliente são beneficiados com uma mútua descoberta, uma vez que o arteterapeuta passa pela incrível experiência de acompanhar uma viagem pelo processo de criação de alguém, disponibilizando-se internamente, com o suporte de uma capacitação profissional apropriada.

Trata-se de um caminho feito de cores e de formas, repleto de significados. Este caminho, às vezes, é longo, às vezes é cheio de obstáculos, obrigando a recuos e paradas... Por ele caminham viajantes solitários ou, por vezes, bandos alegres e ruidosos e todos, ao passarem deixam rastros e restos, pistas e partes, com seus pés marcam o trajeto e, com suas mãos, alargam a passagem. Há quem desista logo, quem caminhe um pouco mais e quem, arduamente, chegue até o final, para só então descobrir que este fim bem pode ser só o começo [...] (PHILIPPINI, 2013, p. 17).

Em seu livro sobre *Linguagens e Materiais Expressivos em Arteterapia: Uso, indicações e propriedades*, Philippini (2009) compartilha suas experiências práticas e teóricas oferecendo agrupamentos de materiais expressivos, em áreas temáticas que possam apresentar semelhanças. Compartilha, também, quais os materiais mais utilizados no processo arteterapêutico, suas técnicas e conclui trazendo hipóteses fundamentais de sua ampla experiência sobre as vantagens terapêuticas de cada modalidade expressiva.

O suporte de papel, como linguagem, é o primeiro a ser trazido nesta obra, pois trata-se de uma materialidade muito presente no ateliê por ser simples, prático e de baixo preço. Com ele, trabalha-se o plano bidimensional, onde desenhos, pinturas, colagens e fotografias serão observados e trabalhados (PHILIPPINI, 2009).

O segundo grupo representado por Philippini (2009) é o da tecelagem, bordado e costura. Para ela, a linha sai do papel, ganha vida e passa a entrar e sair do suporte de pano, trazendo bordados, vestimentas e objetos.

Já no terceiro grupo, neste mesmo trabalho de Philippini (2009), aparece o mosaico criado através de fragmentos (de cacos, ou de materiais descartáveis) que reunidos trazem uma nova configuração repleta de novas significações para o indivíduo.

No quarto agrupamento, o trabalho é feito de maneira a ingressar na tridimensionalidade, no volume, através dos seguintes materiais: argila, *papier*

mâché, biscuit ou massa artesanal, a fim de plasmar e materializar conteúdo a serem elaborados (Ibidem, 2009).

E no último e quinto grupo, Philippini (2009) reúne atividades de construção. Tais atividades exigem uma grande elaboração operacional, pois é mais complexa a partir do momento que estruturas serão criadas, como: maquetes, personagens, objetos terapêuticos, edificações, *self-book* e *self-box*. Ela salienta, também, no final, a importância de outras linguagens expressivas, mas que não estão ligadas às Artes Plásticas de forma objetiva, porém são precursoras da arteterapia e contribuem sobremaneira para este processo: criação de Máscaras e Personagens; a Escrita Criativa; a Contação de Histórias; Vídeo e Consciência Corporal. Assinala que há muitas alternativas dentro do mundo de materiais e de linguagens que possam vir a enriquecer ainda mais o universo da arteterapia com outros olhares de outras abordagens e em outros contextos profissionais como a Terapia Ocupacional, Belas Artes e Arte Educação.

Considera que em todo início de processo arteterapêutico deve ser propiciado um desbloqueio criativo através de uma vasta experimentação de materiais expressivos e que seus resultados, ou seja, as criações plásticas darão embasamento para um possível diagnóstico. Esta primeira fase, em arteterapia, nos indicará um caminho para as áreas de bloqueio, para os canais de percepção facilitadores e como se dá a comunicação através das expressões plásticas. Tendo o símbolo, inicia-se seu processo de amplificação, ou seja, o símbolo produzido poderá ser expresso através de várias materialidades o que permite uma consequente compreensão mais apurada do seu significado (PHILIPPINI, 2009).

Ampliação do simbólica tem como objetivo levar a uma maior compreensão do significado de um determinado símbolo, através da utilização estratégica de várias modalidades expressivas plásticas para trazer à consciência aspectos diversos de sua significação. Pode acontecer que a exploração e aprofundamento de apenas uma dada modalidade seja suficiente, à medida que o cliente consegue explorá-la com cada vez mais facilidade. É preciso compreender que durante este processo do indivíduo, podem surgir sensações de plenitude e também de desconforto que devem sempre ser bem observadas pelo arteterapeuta. O cliente pode conseguir completar seu ciclo de amplificação ou não. É possível que um entendimento objetivo aconteça depois de um grande espaço tempo (PHILIPPINI, 2013).

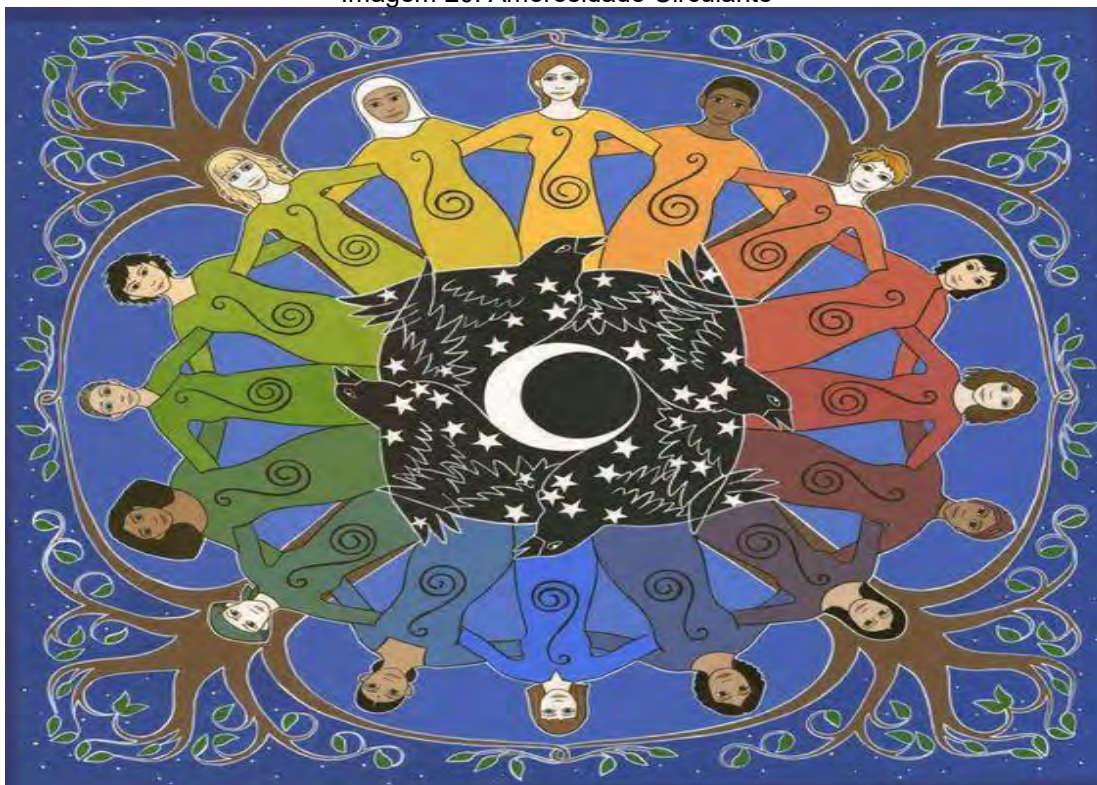
As linguagens expressivas trazem em si um potencial curativo e transformador e através de seus materiais expressivos em estratégias e técnicas específicas, são produtivas aliadas para facilitar o percurso de compreensão e transformação pela via das imagens, produzidas no processo arteterapêutico (Ibidem, p. 137).

Philippini (2009) explica que o arteterapeuta precisa oferecer, na condição de quem acompanha um percurso, espaço e materiais adequados. Ser continente para o indivíduo e seu desvelar, que está por vir, pois trata-se de processo que requer serenidade, dedicação e uma escolha adequada da linguagem expressiva, diante de determinado contexto, facilitando o progresso do autoconhecimento.

O processo arteterapêutico, na visão de Philippini (2009), pode ser representado na seguinte sequência: Imagem Matriz → Amplificação da Produção → Uso das Linguagens Plásticas → Produção dos Símbolos → Integração dos Significados Simbólicos → Imagem Síntese ou Imagem de Globalização.

1.4.3 Grupo arteterapêutico: o círculo sagrado

Imagem 20: Amorosidade Circulante



Disponível em: <http://templodedanann.blogspot.com.br/2016/02/o-sagrado-feminino-o-dom-da-deusa.html>

O trabalho arteterapêutico com grupos é uma questão que pode ser respondida pela mesma autora, Philippini (2011), que através da visão junguiana e

através de sua experiência, explica sobre este processo em seu livro de nome *Grupos em Arteterapia: redes para colorir*, fazendo uma analogia de como um círculo sagrado (*têmenos*) poderá ser, assim considerado, o grupo de arteterapia, se bem trabalhado, cuidado e preservado.

A vivência grupal pode renovar nossa relação ancestral com a forma circular, mandálica, cooperando na restauração do senso de integridade, totalidade e inteireza psíquica, e proporcionando percepções de proteção e acolhimento, fundamentais na jornada da individuação (PHILIPPINI, 2011, p. 73).

Vive-se em comunidade, lembra Philippini (2011), e por isso devemos zelar pelos grupos aos quais se pertence, entre eles: família, escola, trabalho, igreja e muitos outros. E, algumas vezes, pode ser complexo viver em grupo. Um grupo acolhedor e que traga experiências prazerosas pode ser raro. Um grupo arteterapêutico pode ter uma série de raras e boas qualidades, entre elas:

[...] portal para o Imaginário e para o Inconsciente Coletivo; espaço de atenção e interlocução; local para experimentações plásticas e expressivas, [...] espaço para desvelamento, reconhecimento sobre si e fortalecimento da própria identidade por meio da produção expressiva; local para a expansão do processo criativo; [...] local para contato com referências arquetípicas por meio do universo imaginético, pessoal e grupal; [...] local de vivenciar a universalidade da experiência criativa e para aprender com o trabalho do outro (p. 76 e 77).

Os grupos arteterapêuticos duram em média um ano, segundo Philippini (2011), e cada sessão deve ter no máximo três horas. Por esta razão, trata-se de uma abordagem terapêutica breve. A autora separa uma sessão arteterapêutica grupal, organizando espaço e tempo, em três momentos: a primeira parte da sessão é a de preparação e leva em torno de 20% do tempo total da sessão, sendo utilizado, também, para a organização do espaço, relaxamento e/ou sensibilização do grupo; a segunda parte da sessão é destinada para a realização da atividade propriamente dita, a experiência plástica com uma modalidade expressiva, e toma por volta de 60% do tempo total; a terceira e última parte é destinada à conclusão da sessão, que leva 20% do tempo final, e nela pode-se empregar: a escrita criativa, o relaxamento, o compartilhamento e a organização do espaço.

Já para o processo arteterapêutico grupal como um todo, Philippini (2011) relata o percurso em três ciclos: o primeiro é chamado de ciclo Diagnóstico, e tem como objetivo desbloquear e ativar o processo criativo através de diversas atividades plásticas e variadas experimentações expressivas.

Na fase diagnóstica, o arteterapeuta no processo perceptivo e expressivo do grupo é Figura, pois apresenta um papel proeminente na dinâmica grupal, iniciando, desdobrando e encerrando as atividades, providenciando os materiais, informando sobre as atividades e a utilização dos recursos plásticos, demarcando limites e organizando os tempos adequados para cada atividade (PHILIPPINI, 2011, p. 99).

Imagem21: A Força do Grupo



Disponível em: <http://boraviverbem.com/cursos-online/curso-de-arteterapia/>

O arteterapeuta necessita levar em consideração o comportamento do grupo em relação à comunicação que possuem, destacando os aspectos afetivos que se evidenciam. O funcionamento plástico e expressivo, bem como todas as dificuldades e facilidades em relação ao material também deverão ser analisadas. O arteterapeuta observará como desenvolve-se o processo criativo, os materiais que facilitam e os que dificultam, e aqueles que desorganizam o desempenho artístico do grupo. Verá, também, em quais situações, as memórias afetivas são ativadas. Ao mesmo tempo, verificará como o grupo comunica-se no aspecto intergrupal (entre si) e no aspecto extra grupal (com os facilitadores ou estagiários) e com isso perceberá qual o tema preponderante para aquele grupo. Depois de concluído este ciclo construirá uma hipótese diagnóstica que se refere à questão psicodinâmica central que necessita ser transformada. Tal hipótese poderá confirmar-se ou não a partir do próximo ciclo (PHILIPPINI, 2011).

Ao segundo ciclo, Philippini (2011) dá o nome de Estímulos Geradores, onde todos os grupos, apesar de seus participantes apresentarem histórias das mais diversas, idades variadas de seus participantes, sempre terão em comum uma questão que permeia a interação grupal e que irá aparecendo no decorrer das sessões. Este ciclo é central no processo arteterapêutico, pois nele se dará o desdobramento e o progresso do caminho de compreensão, apontando para a validade da hipótese diagnóstica, levantada no primeiro ciclo através de todas as experiências com os mais diversos materiais plásticos e atividades expressivas.

O papel do arteterapeuta alterna-se entre **Figura e Fundo**, com predomínio para Fundo, pois, à medida que usa o estímulo gerador, seja qual for este campo simbólico, será o que vai preponderar na atenção e na imaginação do grupo, e o arteterapeuta já estará “*atrás*” deste estímulo... (PHILIPPINI, 2011, p. 100).

Para verificar tal hipótese, trabalha-se, nesta fase, com os seguintes exemplos de estímulos: histórias, filmes, letras de música, notícias de jornal, poesias entre outros, deste que estejam de acordo com os conteúdos que se deseja trabalhar. A escolha por alguns destes estímulos deve estar baseada no perfil, nas suas necessidades e limitações. Assim, o processo psicodinâmico do grupo desdobra-se na medida que os campos simbólicos vão sendo amplificados e trabalhados por meio das tarefas plásticas e expressivas (PHILIPPINI, 2011).

Por último, Philippini (2011) destaca o terceiro ciclo que denomina como Processos Autogestivos. Nesta etapa conclusiva, o grupo expressa sua autonomia criativa por meio de atividades expressivas e plásticas escolhidas pelo próprio grupo. O arteterapeuta oferecerá ferramentas para que a escolha seja vivenciada de maneira a estimular o caminho ao desligamento sem causar maiores sofrimentos. Estrategicamente é indicado, além da instrumentalização sobre os pedidos feitos pelo grupo, incentivar os trabalhos em equipe e fortalecer as possibilidades de interações intra e extra grupal.

Nesta fase, o arteterapeuta deverá ter uma postura muito discreta, para favorecer o fortalecimento da autonomia do grupo [...] se pretender centralizá-los, enfraquecerá o grupo em sua expressividade e criará dificuldades para o desligamento do grupo do processo arteterapêutico (PHILIPPINI, 2011, p. 101).

No capítulo II, será apresentada, brevemente, a infância de C.G. Jung, suas feridas infantis e suas consequentes elaborações, como ele mesmo relata em sua

autobiografia, que levaram-no até o desenvolvimento de sua Psicologia Analítica. Foram selecionados alguns conceitos básicos junguianos como caminho para chegar a compreensão dos conceitos de arquétipo e individuação que serão enfatizados mais à frente.

CAPÍTULO II

A PSICOLOGIA ANALÍTICA DE C. G. JUNG

Minha vida é a história de um inconsciente que se realizou.
C. G. Jung

Imagem 22: A Casa de Bollingen de Jung



Disponível em: <http://www.fluidr.com/photos/pepeinsuiza/9137787386>

Este capítulo trata da conturbada infância de Jung, baseada em seus próprios escritos, complementada por outros autores que descrevem sua história e teoria. E, como alguns fatos, nesse período, afetaram sua vida adulta. Relata como a Psicologia Analítica surgiu, e traz a definição de alguns de seus principais conceitos.

2.1 A CRIANÇA CRIATIVA

Carl Gustav Jung nasceu em 26 de julho de 1875, em Kesswill, uma pequena aldeia situada às margens do Lago Constança, na Suíça. Aos seis meses de idade

mudou-se para paróquia do Castelo de Laufen, outra pequena aldeia, às margens do Reno, para onde seu pai foi designado como pastor (HALL,2005). O próprio Jung declarou: “Parecia-me impossível viver sem a proximidade da água” (JUNG, 2006, p. 28).

Imagem 23: O Menino Jung



Disponível em: https://es.wikipedia.org/wiki/Carl_Gustav_Jung#/media/File:Jung_piccolo.jpg

Outras mudanças de paróquias seguiram-se, porém a família permaneceu neste lugarejo durante toda sua infância e adolescência. Um dia foi apresentado, por sua tia, de longe, aos Alpes (Uetliberg), de Zurique, e daquele momento em diante passou a ser sua terra prometida. Suas primeiras lembranças já começam bem cedo quando tinha apenas três anos de idade. Foi nesta época que sua mãe adoeceu seriamente e ficou internada por alguns meses, muito provavelmente em consequência de uma separação temporária de seus pais. Passou a ser cuidado por uma tia e também por uma empregada. Ele adoeceu. A partir desta a fase de sua vida, com a ausência materna, descreve que começou a desconfiar da palavra amor (JUNG, 2006).

Hall (2005) relata que os pais de Jung sempre tiveram uma vida conjugal marcada por problemas, a ponto de marcar a história da criança que foi Jung. A mãe apresentava transtorno mental, dormia em um quarto separado do pai. Jung dormia

com o pai no mesmo quarto. Apesar de tal com vivência, tornou-se abismal a distância que havia entre ele e a figura paterna.

Jung (2006) conta em sua autobiografia que desde muito cedo percebia como a fé cega de seu pai o tornava cada vez mais infeliz, e sem capacidade de refletir sobre outros pontos de vista relativos às questões religiosas, tais como o sagrado e a fé. Tudo que buscava era repetir e repetir pregações e explicações para a fé, através das lentes dos dogmas da igreja, o que o tornava um homem irritadiço e explosivo. A religião provoca confusão no menino e uma comunicação rudimentar entre ele e seu pai.

Imagem 24: Invocado ou não Deus está Presente – Casa de Bollingen



Disponível em: <http://blog-psique.blogspot.com.br/2017/04/invocado-ou-nao-deus-esta-presente-jung.html>

Desde a mais tenra infância, Jung teve sonhos, experiências e sensações que não se atrevia a contar a ninguém. As perguntas relacionadas com a religião eram tabu. A resposta que tinha sobre seus questionamentos religiosos era: “deve-se acreditar e ter fé (HALL, 2005, p. 12).

E foi cedo assim, com apenas 3 anos de idade, que teve um sonho que marcou sua infância, sua vida e que acabou tornando-se um grande segredo. “Este sonho de criança iniciou-me nos mistérios da Terra. [...] Hoje, sei que aconteceu para que uma intensa luz se produzisse na obscuridade” (JUNG, 2006, p. 36). Foi este o sonho que relatou:

[...] uma ampla campina [...] descobri uma cova sombria [...]. Vi uma escada que conduzia ao fundo. Hesitante e amedrontado, desci. Embaixo deparei com uma porta de arco, fechada por uma cortina verde [...] afastei-a e deparei com um espaço retangular de dez metros de comprimento, sob uma tênue luz crepuscular. A abóboda do teto era de pedra e o chão de azulejos. No meio, da entrada até um estrado baixo estendia-se um tapete vermelho. A poltrona era esplendida, um verdadeiro trono real, como nos contos de fada. Sobre ele uma forma gigantesca quase alcançava o teto [...]. O objeto era estranhamento construído: feito de pele e carne viva, sua parte superior terminava numa espécie de cabeça cônica e arredondada, sem rosto nem cabelos. No topo um olho único, imóvel, fitava o alto. [...]. Só mais tarde descobri que a forma estranha era um falo e dezenas de anos depois compreendi que se tratava de um falo virtual (Ibidem, p. 33).

Grinberg (2003) explica que o *fálus virtual* representa a imagem da criatividade, uma espécie de divindade. Uma corajosa descida ao mundo do inconsciente em contato com a criatividade. Ele considera uma iniciação da criança Jung com os mistérios da psique e com as trevas. Começava a buscar o contato com o mundo da fantasia. Começava ali sua vida espiritual!

As primeiras lembranças relativas às artes plásticas foram por volta dos 6 anos, no presbitério do século XVIII, que era a casa de seus pais, onde havia um quarto suntuoso e escuro, com finos móveis e quadros antigos. Ficava por horas, isolado, admirando aquelas belezas únicas que conhecia (JUNG, 2006).

Passava horas brincando sozinho. Por ser sensível e introvertido, passou já na infância momentos de pura solidão (GRINBERG, 2003).

Eu brincava só e ao meu modo [...]. Só sei que não queria ser perturbado. Mergulhava com fervor no brinquedo e não podia suportar que me observassem ou julgassem. Sei porém que dos sete aos oito anos brincava apaixonadamente com cubos de madeira, construindo torres que depois demolia, com volúpia, provocando “tremores de terra”. Dos oito aos 11 anos, desenhava uma infinidade de quadros de batalha, cercos, bombardeios, combates navais. Depois enchia um caderno inteiro de borrões de tintas cujas interpretações fantásticas me divertiam (JUNG, 2006, p. 39).

Jung era uma criança introvertida e assim permaneceu durante a vida. Nasceu depois de dois irmãos que morreram na primeira infância. Sua irmã nasceu quando ele já tinha 9 anos de idade. Este fato levou-o a continuar a preferir brincar sozinho (GRINBERG, 2003).

A mãe, durante a noite, lhe provocava sentimento de angústia. Conta que da porta do quarto de sua mãe vinham sensações que o deixavam inquieto, pois ela tornava-se, para ele, temível e envolta por mistérios. Seus sonhos eram, também,

angustiantes a ponto de acordá-lo no meio da noite. Nesta fase, sofreu de *pesudocupre*, uma espécie de sufocamento (JUNG, 2006).

Seu mundo era restrito à convivência com seus pais, o que fazia-lhe acreditar que o mundo lá fora poderia ser hostil. Era muito ligado à natureza e admirava a luz do dia (JUNG, 2006). Brincava com fogo: “[...]só o meu fogo era vivo e tinha um evidente caráter sagrado. Durante muito tempo foi esse meu brinquedo favorito.” (Ibidem, p. 41). Numa encosta tinha sua pedra favorita. Às vezes, sentava em cima da pedra e pensava: “Sou aquele que está sentado na pedra, ou sou a pedra na qual *e/le* está sentado?” (Ibidem, p. 41).

Aos 10 anos de idade, Jung (2006), esculpiu um homenzinho na extremidade de uma régua de madeira que levava em seu estojo escolar, ou em seu bolso, ou que mantinha escondido no sótão de sua casa. Toda vez que um pensamento ou fato ruim ocorriam, pensava em seu homenzinho junto a um seixo colorido que pintou para acompanhá-lo. Isso o acalmava. Era seu segredo, e marcou fortemente sua frágil infância. “Este momento é inesquecível, pois iluminou à maneira de um relâmpago o caráter de eternidade da minha infância” (Ibidem, p. 42).

O mundo da minha infância, no qual eu acabara de mergulhar, era eterno e dele eu fora arrancado, precipitado num tempo que ia rolando incessantemente e se afastando cada vez mais, tive que me desviar à força desse lugar para não comprometer meu futuro (Ibidem, p. 42).

Aos 11 anos de idade entrou para o colégio. Neste momento de sua vida, dá-se conta de que era pobre. Passou a olhar os pais de forma diferente, e a apiedar-se deles. Porém, seus sentimentos de insegurança e inferioridade pairavam sobre seus dias. Não gostava de matemática e nem das aulas de religião. Gostava de desenhar apenas o que lhe vinha à imaginação, e não as cópias que lhe solicitavam no colégio (JUNG, 2006).

Sua permanência no colégio foi envolta por muito sofrimento. Numa briga com um dos alunos, atingido por uma pedra, passou a sofrer de desmaios, e isso já era motivo para não mais querer frequentar o colégio, e viver protegido em sua casa com suas leituras, desenhos e com a natureza (JUNG, 2006).

Ouvindo a conversa de seu pai com um amigo sobre seu estado de saúde, Jung (2006), descobre que seu pai temia que sua doença fosse incurável e que ficasse dependente para o resto da vida. A partir de então, descobriu o que

significava uma neurose e voltou para o colégio: “Com todos os diabos, não vou mais desmaiar!” (Ibidem, p. 54).

Aos 18 anos, tinha muitos conflitos o pai. Era um jovem solitário e assim considerou-se na vida adulta (JUNG, 2006). “Toda a minha juventude esteve sob o signo do segredo. Isso me mergulhava numa solidão quase que insuportável e considero hoje que foi uma verdadeira façanha ter resistido à tentação de revelá-lo a quem quer que fosse” (Ibidem, p. 64).

2.2 O SURGIMENTO DA PSICLOGIA ANALÍTICA

Os pais de Jung começaram a questionar-lhe sobre sua carreira profissional, pois ele tinha interesses diversos: nas ciências, na filosofia e na religião. Até que resolveu-se pela medicina como seu avô paterno. Uns anos após ingressar na universidade, seu pai faleceu. Um de seus tios o auxiliou nos estudos e ofereceu apoio financeiro (HALL, 2005).

Imagem 25: Vista para o Lago – Casa de Bollingen



Disponível em: <http://www.psicologiasandplay.com.br/carl-jung/>

Aos 24 anos, decidiu-se pela psiquiatria para desconforto de um de seus professores, e porque a psiquiatria era depreciada pela medicina. Assumiu seu primeiro cargo no hospital psiquiátrico de *Burghölzli*. Trabalhou com Eugen Bleuler famoso por tratar as psicoses. Estudou em Paris com o psiquiatra francês Pierre

Janet. Foi morar em Zurique, onde tanto desejou morar quando criança, às margens do lago, rodeado pelos Alpes (HALL, 2005).

Aos 35 anos ocupou o cargo de médico-chefe na clínica psiquiátrica e tornou-se conferencista na Universidade de Zurique. Criou o teste de ‘associação de palavras’ e chegou ao conceito de complexo. Leu *A Interpretação dos Sonhos* de Sigmund Freud e partir de então começou a acompanhar de perto seus estudos. Freud e a psicanálise influenciaram-no poderosamente. Em 1907, recebeu um convite de Freud para que o visitasse em Viena. Conversaram durante 13 horas seguidas (HALL, 2005).

Segundo Hall (2005), Freud o convidou para ser o primeiro presidente da *Associação Psicanalítica Internacional* e o considerava seu sucessor, seu filho mais velho, ‘o príncipe herdeiro’. Sendo um homem determinado e independente em suas ideias, Jung escreveu o livro *Símbolos de Transformação*, o que não viria a agradar o ‘pai da psicanálise’. Rompida a amizade com Freud, Jung entra em um estado de conflito e abre mão das conferências. “Seguiu então um ‘período de recesso’ durante o qual Jung não leu, nem escreveu. Durante esta fase, dedicou o tempo à exploração do próprio inconsciente, através da análise de seus sonhos e visões” (Ibidem, p. 18).

Após 3 anos sem produções, em 1921, escreveu *Tipos Psicológicos*. Viajava e interessava-se por povos primitivos. Atinha-se aos assuntos ligados à religião e aos mitos. Fez estudos comparativos entre as personalidades dos ocidentais e dos orientais. Estudou alquimia, o simbolismo religioso, as visões, os sonhos, entre outros.

Jung não tratava estes assuntos como discípulo [...] e sim como psicólogo. A questão fundamental para ele era descobrir o que estes temas revelavam a respeito da mente, sobretudo sobre o nível da mente que Jung dava o nome de *Inconsciente Coletivo* (HALL, 2005, p. 19).

No ano de 1922, comprou a famosa propriedade no lago de Zurique onde construiu sua casa de verão, e onde convivia com as belezas naturais, e com os membros de sua família. Jung recebia alunos e trocava correspondência com celebridades e pessoas comuns de todo o mundo (HALL, 2005).

A psicologia analítica, ou seja, suas obras, sua influência, seus conceitos e métodos crescem ainda exponencialmente. O Instituto C. G. Jung foi fundado em 1948, em Zurique. Jung faleceu em sua casa em 6 de junho de 1961.

Imagem 26: Escultura de Jung em Bollingen - A



Disponível em: <http://www.psicologiasandplay.com.br/carl-jung/>

Jung foi “médico, psiquiatra, psicanalista, professor, sábio, escritor, crítico social, homem do lar e cidadão [...] um incansável estudioso da psique. Isto é, foi um psicólogo. E como psicólogo ele gostaria de ser lembrado e o será” (Ibidem, p. 23).

2.3 CONCEITOS BÁSICOS DA TEORIA JUNGUIANA

Jung tentou responder através de sua teoria sobre algumas questões a respeito da personalidade humana. Pensou em como constitui-se sua estrutura, quais as suas fontes de energia e distribuição, como origina-se e como dão-se as mudanças que podem ocorrer ao longo da vida. Enfim, seus conceitos possuem um vasto escopo e, portanto, não serão debatidas aqui todas as suas subdivisões (HALL, 2005).

2.3.1 Psique

“A personalidade como um todo é denominada *psique*.” (HALL, 2005, p. 25). O mesmo autor explica que se trata de uma palavra de origem latina que significa “alma”, “espírito”, ou “mente”, para a psicologia, que é a ciência que estuda a psique. Logo, a psique abarca todos os sentimentos, pensamentos e comportamentos que

são conscientes ou inconscientes ao indivíduo. Este conceito apoia a ideia original de Jung de que “uma pessoa, em primeiro lugar é um todo” (Ibidem, 2005, p. 25).

Imagem 27: O Livro Vermelho - A



JUNG, 2017, p. 107

Ele afasta a possibilidade de uma personalidade fracionada. Tal ideia pode parecer óbvia, mas ainda há muitas teorias psicológicas que aceitam a ideia de que a personalidade é adquirida aos poucos, e só mais tarde haverá a unidade. “O homem não luta para se tornar um todo; ele é um todo, ele nasce como um todo (Ibidem, p. 25). O que cabe ao homem durante sua existência é desenvolver este todo da forma mais coerente possível, de forma diferenciada e de maneira harmônica para que não se separe em sistemas independentes e incompatíveis. O trabalho de Jung foi o de auxiliar seus pacientes a resgatarem a unidade perdida (Ibidem, 2005).

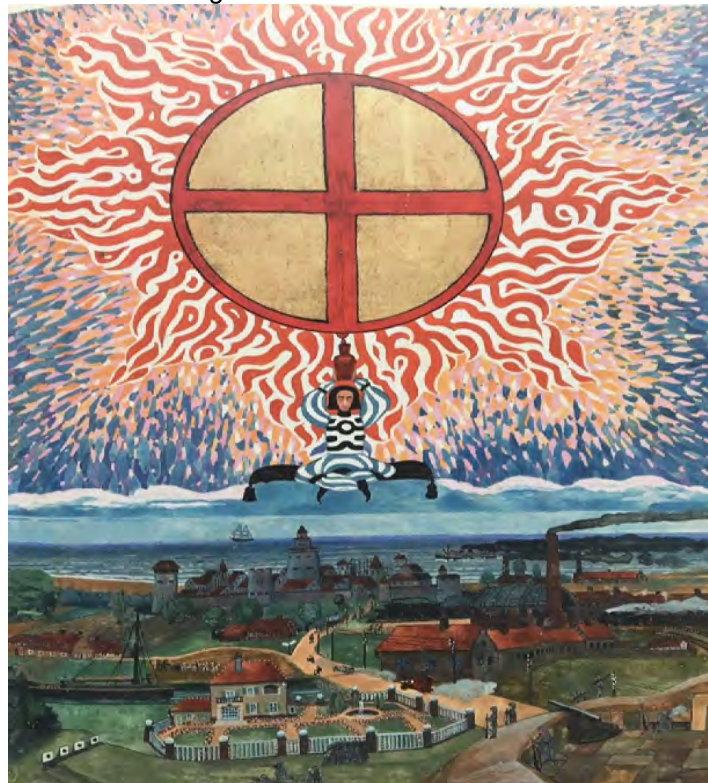
A psique possui três níveis: o consciente, o inconsciente pessoal e inconsciente coletivo.

2.3.2 A consciência e o ego (eu)

“A consciência é uma categoria mais ampla que o ego e contém mais do que somente o ego” (STEIN, 2006, p. 24). Porém, o aspecto central da consciência é o

“ego” ou “eu”. É considerada como sendo a parte exclusiva da mente, ou da psique, que é conhecida de forma direta pelo indivíduo. A consciência vem antes do ego e o ego é seu centro. (Ibidem, 2006). Pode-se citar como exemplo simples uma criança pequena quando percebe os pais e os demais objetos e brinquedos que a cercam. Esta percepção consciente vai ampliando-se com o desenvolvimento humano através da execução das funções mentais que Jung nomeou de *pensamento*, *sentimento*, *sensação* e *intuição*. Além das funções, denominou, também, as atitudes da mente consciente que apontam para a orientação do indivíduo: a *introversão* e a *extroversão* (HALL, 2005).

Imagem 28: O Livro Vermelho - B



JUNG, 2017, p. 125

Stein (2006) imagina a consciência como se fosse um quarto onde as paredes servem para cercar um conteúdo psíquico. O ego, como centro, decide quais conteúdos permanecem na consciência e quais serão levados ao inconsciente. Este mesmo autor continua facilitando o entendimento deste conceito de consciência quando diz que o oposto da consciência é o sono em estado profundo, sem sonhos e sem possibilidade de reação.

A palavra ego vem de origem latina e significa “eu”. O ego coordena a mente consciente apesar de ocupar a menor parte da psique, ou seja, o ego observa a

consciência e é seletivo. Além de vigiar a consciência, constitui-se de recordações, de pensamentos e sentimentos. Uma ideia só chegará à consciência se for por ele reconhecida. Muitas de nossas experiências não são por nós reconhecidas porque o ego as elimina mesmo antes de atingirem o nível consciente. Quanto maior for a angústia que uma dada ideia possa provocar, maior será a dificuldade dela chegar à consciência. É através desta seleção que o ego fornece a personalidade e que forma-se uma identidade. É pela sua existência que se pode perceber quem se é. Quanto mais o ego permitir que as experiências tornem-se conscientes, maior a chance da pessoa atingir um grau maior de individuação (HALL, 2005).

Stein (2006) explica que no ego todos os conteúdos conscientes relacionam-se, ou seja, dentro do campo da consciência, o ego é o centro, logo nossa consciência é nossa personalidade, como nos conhecemos. Neste sentido, “o termo ego refere-se à experiência que a pessoa tem de si mesma como um centro de vontade, de desejo, de reflexão e ação.” (Ibidem, 2006, p. 23).

Embora muitas características do ego claramente se desenvolvam e mudem, sobretudo no que se refere à cognição, autoconhecimento, identidade psicossocial, competência etc., uma pessoa também se apercebe de uma importante continuidade no núcleo do ego. Muitas pessoas ficam emocionadas ao descobrir ‘a criança que existe dentro delas’. Isso nada mais é que o reconhecimento de que a pessoa que eu era quando criança é a mesma pessoa que eu sou como adulto. Provavelmente o núcleo essencial do ego não muda ao longo da vida (STEIN, 2006, p. 28).

Stein (2006) compara o ego com um espelho onde a psique pode enxergar-se e, assim, tornar-se consciente. Tudo dependerá do grau do conteúdo psíquico que será refletido no espelho do ego. Se tal conteúdo for refletido apenas periféricamente pela consciência é porque não permaneceu no ego. Importante frisar que a liberdade do ego tem limites, pois ele é sugestionado por fatores externos e por estímulos internos. “O ego é um ‘sujeito’ a quem os conteúdos psíquicos são ‘apresentados.’ (STEIN, 2006, p. 23).

2.4 O INCONSCIENTE PESSOAL

O *inconsciente pessoal*, no conceito de Jung, é ligado ao ego, como explica Hall (2005). É onde ficam registradas todas as nossas experiências que não foram de alguma maneira, aceitas pelo ego e não desapareceram, pelo contrário, ficaram

registradas no inconsciente pessoal. Tudo o que foi experimentado não deixa de existir. É este reservatório que contém nossas atividades psíquicas e tem papel fundamental na produção dos sonhos. Pode também guardar conteúdos que um dia foram conscientes, mas que por uma questão moral, por parecer menos importante ou por ser um pensamento entristecedor, passa a ser desconsiderado ou reprimido.

Imagem 29: O Livro Vermelho – C



JUNG, 2017, p. 109

Na medida em que surge a necessidade, estes conteúdos serão acessíveis à consciência. Hall (2005) oferece alguns exemplos a fim de solidificar o conceito: convivemos com pessoas, mas não precisamos ficar lembrando o nome de cada uma delas o tempo todo com objetivo de que não saiam de nossa consciência; acessamos os nomes quando preciso. O inconsciente pessoal funciona como um banco de memórias. Podemos tomar conhecimento de algo que não nos pareceu tão interessante e depois, num futuro mais distante até, passarmos a acessar este aprendizado, e nos utilizarmos dele por passar a ser de grande importância.

2.4.1 Complexos

Anteriormente, vimos que, através da consciência do ego, o indivíduo pode estar sujeito à crises emocionais por conta de choques entre ele e o mundo externo.

Porém, existem outros aspectos que trazem conflitos à consciência, mas que não são tão claros, ou seja, não são observáveis como fatores do ambiente. São turbulências emocionais causadas por questões internas (STEIN, 2006).

Imagem 30: O Livro Vermelho - D



JUNG, 2017, p. 123

Em resumo, somos criaturas impulsionadas por emoções e imagens, tanto quanto somos emocionais e ambientalmente adaptadas. Sonhamos tanto quanto ponderamos, e sentimos provavelmente muito mais do que pensamos. No mínimo, uma grande parcela do pensamento é colorida e modelada por emoções, e a maioria de nossos cálculos racionais está sujeita às nossas paixões e medos (STEIN, 2006, p. 41).

Jung denominou *complexo* a uma parte do inconsciente pessoal que é capaz de formar uma constelação. Para entender melhor este conceito é preciso lembrar que o próprio Jung criou o teste de associação de palavras onde lia uma extensa lista de palavras e o paciente deveria responder à cada uma com a primeira palavra que lhe viesse à mente. O pesquisador observava o tempo de resposta para cada palavra e, em seguida, o paciente precisava explicar o motivo da demora para responder à algumas, o que, muitas vezes, não conseguiam esclarecer. Jung entendia que a demora pela resposta era porque havia uma emoção inconsciente

contida. Já a reação a um grupo de palavras ligadas àquela que provocou demora na resposta, era porque havia um grupo de sentimentos, pensamentos e complexos (lembranças) que habitavam o inconsciente do indivíduo (HALL, 2005).

Jung descobriu, investigando o padrão de respostas, que as palavras que provocavam desconforto emocional poderiam ser agrupadas em temas e estes, por sua vez, apontavam para um conteúdo comum. Quando perguntados sobre o grupo de palavras associadas, os pacientes conseguiam descrever situações vividas no passado que possuíam grau elevado de emoção: os traumas (STEIN, 2006).

Jung percebeu que havia conteúdos que gravitavam em torno da consciência do ego e que tinham o poder de transtornar o ego de forma imprevisível. O próprio teste já constelava no indivíduo um complexo. A palavra “constelação” aparece muito na teoria de Jung.

Este termo exprime [...] que a situação exterior desencadeia um processo psíquico que consiste na aglutinação e na atualização de determinados conteúdos. A expressão ‘está constelado’ indica que indivíduo adotou uma atitude preparatória e de expectativa com base na qual reagirá de forma inteiramente definida. [...] Quando um complexo está constelado, a pessoa é ameaçada com perda de controle sobre suas emoções [...] ‘Ela sabe como apertar os meus botões.’ (STEIN, 2006, p. 47).

Os complexos são dotados de energia, diz Stein (2006) e, quando estimulados, esta energia atinge a consciência do ego que, por sua vez, perde o controle da consciência e do próprio corpo. Os complexos são autônomos. “Uma pessoa não tem um complexo: o complexo é que a tem.” (JUNG apud HALL, 2006, p. 30).

Segundo Stein (2006), o trauma é a resposta mais comum quando questiona-se o que forma um complexo. Quando trabalhou com a associação de palavras, Jung percebeu que a influência familiar é destacada na formação de conteúdos inconscientes infantis. E pode observar grande semelhança de complexos entre membros da mesma família. As entre mãe e filha eram as mais evidentes. E destaca o complexo materno e paterno como os complexos mais poderosos e que dominam o inconsciente pessoal.

Este conceito foi fundamental para a Psicologia Analítica por vezes também chamada de teoria dos complexos. A abordagem junguiana tem, entre outros objetivos, o de ajudar o indivíduo a libertar-se da forte dominação de seus complexos e torná-los fonte de entusiasmo para grandes realizações na vida. Jung

percebeu que a fonte dos complexos pode ter raízes na infância, e, neste quesito, sua compreensão estava ainda muito influenciada pela psicanálise, como também sua origem poderia ser mais arcaica, ou seja, estar em níveis da psique muito mais profundos. Descobriu, então, outro nível da psique a que deu o nome de *inconsciente coletivo* (HALL, 2005).

2.5 INCONSCIENTE COLETIVO

Imagem 31: O Livro Vermelho – E



JUNG, 2017, p. 169

É fato, segundo Hall (2005), que o conceito de complexo trouxe destaque para Jung no mundo científico, tanto na Psicologia como na Psiquiatria. Nesse momento de sua vida estava com apenas 33 anos e já fazia conferências na *Clark University*, mas a descoberta do *inconsciente coletivo* trouxe para ele maior proeminência e, ao mesmo tempo, a imagem de uma figura controversa. O ego como centro da consciência e o inconsciente pessoal como reservatório de conteúdos psíquicos reprimidos já eram temas de estudo da psicologia desde 1860. O conceito de inconsciente já era estudado por Freud desde 1890. Ele descreveu que a mente é capaz não apenas de responder ao meio como também “a mente do homem é prefigurada pela evolução” (HALL, 2005, p. 31).

Com isso, Jung transformou-se em um intelectual de grande projeção no século XX. O que ele quis dizer foi que o passado do homem (indivíduo) não está apenas relacionado a um passado correspondente apenas à infância, está ligado ao passado da espécie, está mais além, está ligado à cadeia da evolução orgânica. Ele colocou a psique dentro do processo evolutivo, rompendo com o determinismo da mente. Tal descoberta foi um marco na história da psicologia (HALL, 2005).

O inconsciente pessoal possui conteúdos que em algum momento da vida foram conscientes. Os conteúdos do inconsciente coletivo nunca foram vivenciados pelo indivíduo. Trata-se de um receptáculo de imagens chamadas de latentes ou primordiais, onde este último, quer dizer “primeiro” ou “original”. Em outras palavras, a imagem primordial é a imagem que fala a respeito do desenvolvimento mais arcaico (primitivo) da psique. “O homem herda tais imagens do passado ancestral, passado que inclui todos os antecessores humanos, bem como os antecessores pré-humanos ou animais” (HALL, 2005, p. 32).

Através do estudo de seus próprios pacientes, por meio do material dos sonhos e fantasias e, por meio de seus próprios conteúdos internos, Jung começou a teorizar sobre as estruturas da mente humana como um todo. Foi estudando sobre a camada mais profunda da mente, “o ‘inconsciente coletivo’, que concebeu o seu conteúdo como uma combinação de padrões e forças universalmente predominantes chamadas ‘arquétipos’.” (STEIN, 2006).

2.6 ARQUÉTIPOS

Imagem32: Escultura de Jung em Bollingen - B



Disponível em: <http://www.psicologiasandplay.com.br/carl-jung/>

Os conteúdos do inconsciente coletivo Jung chamou de arquétipos. A palavra arquétipo quer dizer o que é do mesmo tipo, que possui um modelo original. Estudou muitos arquétipos, entre eles:

[...] do nascimento, da morte, do poder, da magia, do herói, da criança, do embusteiro, de Deus, do demônio, do velho sábio, da mãe terra, do gigante [...] as árvores, o sol, a lua, o vento, os rios, o fogo e os animais, além de muitos objetos fabricados pelo homem como anéis e armas. Jung escreveu: “Existem tantos arquétipos quantas as situações típicas da vida (HALL, 2005, p. 34).

Jung ensinava que através de uma repetição sucessiva as experiências foram gravadas em nossa psique como uma forma sem conteúdo. Explicando de outra forma, os arquétipos não estão representados na mente de forma absolutamente elaborada como uma experiência do passado recente (HALL, 2005). “O arquétipo materno, por exemplo, não é a fotografia de uma mãe ou de uma mulher. Assemelha-se mais a um negativo à espera de ser revelado pela experiência” (HALL, 2005, p. 34).

Os arquétipos trazem como herança imagens arquetípicas que são universais. Toda criança, em qualquer parte do mundo, tem um arquétipo materno. Esta imagem da mãe, então, preexiste de tal forma que, para a criança, só será definida pelas características de sua mãe real e sua relação com ela. Desta forma, surgem as diferenças individuais para o arquétipo materno, pois cada mãe tem uma maneira de criar um filho e até mesmo filhos da mesma família têm uma concepção de arquétipo materno diferentes entre si. Isto posto, serão considerados os arquétipos que possuem funções significativas para a personalidade: *persona*, *animus*, *anima* e sombra (HALL, 2005).

2.6.1 Persona

Sobre o *arquétipo da persona*, Hall (2005) explica que é como uma máscara utilizada por um ator, um personagem. Na psicologia de Jung, este arquétipo possibilita ao indivíduo dar vida a um personagem que não corresponde a ele mesmo, necessariamente. Permite que socialmente a pessoa seja aceita. Através da *persona*, tem-se a intenção de causar uma boa impressão. É fundamental para a sobrevivência, é à base da vida em sociedade, uma vez que torna a convivência mais amistosa, podendo levar a uma realização pessoal.

Imagem 33: O Livro Vermelho – F



JUNG, 2017, p. 122

Jung buscou o termo *persona* (máscara) no teatro romano. Uma pessoa pode ter muitas máscaras, a usada no trabalho, aquela que se usa em casa e uma outra quando se está com amigos. Este indivíduo está adequando-se às diferentes situações da vida cotidiana, e todas as suas “máscaras sociais” constituem uma *persona*. Embora esta adaptação sempre tenha sido compreendida como um aspecto da vida em sociedade, é preciso deixar claro que foi Jung que trouxe a visão da *persona* como arquétipo inato (HALL, 2005).

O aspecto negativo da *persona*, segundo Hall (2005), é quando o indivíduo identifica-se com um dos seus papéis sociais exclusivamente, e deixa relegados os outros aspectos e, os outros papéis de sua personalidade. Esta rigidez em um só papel cita como sendo *inflação*, quando o ego está identificado demais com a *persona* a ponto de afastar-se de sua própria natureza, podendo, como consequência, trazer adoecimento.

No dia a dia, pode-se exemplificar com pessoas que em posição de comando projetam seu papel em outras à sua volta, exigindo que elas exerçam a mesma postura. Outro exemplo é o dos pais com seus filhos, que projetam suas *personas* sobre estes e colhem um resultado infeliz. Este mesmo indivíduo pode experimentar, inclusive, sentimentos como o de inferioridade, sendo excessivamente crítico

consigo mesmo diante da possibilidade de não corresponder aos resultados que supõe que dele esperam, o que pode provocar sentimento de solidão e afastamento do grupo social (HALL, 2005).

Há no ego um forte movimento para a autonomia, para uma 'egoidade' que possa funcionar independentemente. Ao mesmo tempo, uma outra parte do ego, que é aquela onde as pessoas ganham raízes, movimentando-se em direção oposta, no sentido de relacionamento e adaptação ao mundo dos objetos[...] O desejo radical do ego de separação/individuação está frequentemente radicado na sombra por ser tão ameaçador para a vida do grupo e o bem-estar do indivíduo (STEIN, 2006, p. 107).

2.6.2 Sombra

Sobre *arquétipo da sombra*, Hall (2005) ensina que a sombra é onde está tudo de melhor e de pior em uma pessoa. Explicando sob o ponto de vista de Stein (2006), aquilo que a consciência do ego rejeita passa a ficar na sombra. Ela possui características que são negadas pelo ego e pela persona.

Imagem 34: O Livro Vermelho - G



JUNG, 2017, p. 55

A sombra e a persona são pessoas estranhas ao ego que habitam a psique junto com a personalidade consciente que nós próprios sabemos ser [...] A personalidade da sombra não está visível e só aparece em ocasiões especiais. O mundo ignora, em maior ou menor grau a existência dessa pessoa. A persona está em muito mais evidência (STEIN, 2006, p. 100).

Comparando sombra e persona, Stein (2006) diz que estes dois arquétipos são dois irmãos ou duas irmãs onde um (a) está solitário (a) e o (a) outro (a) está em público. É um jogo de contrastes: se uma pessoa é loira, a outra é morena, se uma é emocional, a outra, a racional. Uma pessoa sempre em oposição à outra no mesmo sujeito. A sombra pode ser aceita pelo ego e incorporada à psique. Quando isso não acontece, quando o ego rejeita a sombra e a lança para o inconsciente é possível que homens e mulheres projetem suas sombras em outras pessoas de mesmo sexo e aconteçam os conflitos.

Hall (2005), ao descrever indivíduos que invalidam ou que ressaltam sua sombra, acabam por negar a sua sabedoria e sua natureza mais profunda. Uma pessoa afastada de sua sombra muito provavelmente terá uma vida sem brilho e sabor. Por outro lado, a sombra tem muita força e não é facilmente derrotada. Tem aspectos valiosos, pois tem o poder de “reter” ou afirmar ideias ou imagens que podem vir a ser vantajosas para o indivíduo. Graças à sua tenacidade, pode impelir uma pessoa para atividades mais satisfatórias e mais criativas.” A rejeição da sombra reduz a personalidade” (Ibidem, p. 43).

Ainda o mesmo autor considera sobre o destino dos elementos “maus” que na sombra existem. Quando estes são severamente suprimidos, eliminados da consciência, recolhendo-se para o inconsciente, é possível que em um momento de crise do indivíduo possam vir à tona e a sombra se apoderará do ego. Um exemplo dado por Hall (2005) é de um alcoolista, cujos motivos que o levaram a dependência permanecem latentes, afastados no inconsciente, no período em que se encontra “curado”. Numa situação de infortúnio com a qual ele não consiga administrar é provável que a sombra venha com força e encontre um ego debilitado e, então, o indivíduo recai no alcoolismo.

3.6.3 Anima e Animus

O *arquétipo de anima/animus*, como os outros arquétipos, não derivam da cultura, por isso encontram-se de maneira profunda fora da psique. Ambos existem, mas não podem ser observados. O território de anima/animus são muitas vezes misteriosos. Da mesma forma que a persona é uma ponte para o mundo, anima/animus são uma ponte para as imagens do inconsciente coletivo (STEIN, 2006).

Imagem 35: Os Opostos e o Mesmo



Disponível em: <https://trilhas.diogenesjunior.com.br/logos-eros-anima-e-animus-aea0301804ab>

“O arquétipo de *anima* constitui o lado feminino na psique masculina; o arquétipo de *animus* compõe o lado masculino da psique feminina.” (HALL, 2006. p. 38). Recordando que toda pessoa possui aspectos do sexo oposto não apenas na parte biológica relacionadas aos hormônios, por exemplo, mas também no sentido psicológico, homem e mulher, convivendo por muitas gerações, foram adquirindo características do sexo oposto. Deste modo, pode-se pensar que o arquétipo *anima/animus* é fundamental para a sobrevivência. A título de exemplo, quando um homem só consegue evidenciar seus aspectos masculinos, os femininos ficam inconscientes e primitivos, dando ao inconsciente uma característica de vulnerabilidade. Geralmente são homens viris na aparência, mas interiormente são subservientes. No que se refere à mulher excessivamente feminina, externamente, interiormente será, bem provavelmente, uma pessoa teimosa e obstinada que são características masculinas (HALL, 2005). “A primeira projeção da *anima* é feita sempre na mãe, assim como a primeira projeção do *animus* é feita no pai.” (Ibidem, p. 39). Futuramente, ambos (homem e mulher) projetam em outros os sentimentos negativos e positivos desta primeira projeção.

Todo homem leva dentro de si a imagem da mulher, não a imagem desta ou daquela mulher em particular, mas sim uma bem definida imagem feminina. Esta imagem é fundamentalmente inconsciente, um fator hereditário de origem primordial gravado no sistema vivo e orgânico do homem, uma

impressão ou arquétipo de todas as experiências ancestrais de uma fêmea, um depósito por assim dizer, de todas as impressões deixadas pela mulher... Sendo inconsciente, tal imagem é sempre projetada na pessoa amada, e constitui um dos principais motivos da atração apaixonada ou da aversão.” (JUNG apud HALL, 2005, p. 39).

É importante lembrar que a *persona* pode mostrar-se inflada, ou aumentada, enquanto que *anima/animus*, ao contrário, mostram-se desinflados. Um dos fatores que contribuem para este subdesenvolvimento é o fato da cultura ocidental desvalorizar a feminilidade no masculino e a masculinidade no feminino. (HALL, 2005).

2.6.4 Self (Si-Mesmo)

Imagem 36: O Livro Vermelho - H



JUNG, 2017, p. 105

Conforme já explicado anteriormente o conceito de psique trata-se da personalidade total e encontra-se no centro da psicologia analítica. Leva certo tempo para que ocorra seu amadurecimento, porém esta totalidade está presente desde o

início da vida, como foi visto. Jung deu o nome de *self* ao arquétipo que tem como princípio organizar a personalidade. O *self* é o arquétipo mais importante do inconsciente coletivo (HALL, 2005). “O *self* é o arquétipo da ordem, da organização e da unificação; atrai a si e harmoniza os demais arquétipos e suas atuações nos complexos e na consciência, une a personalidade, conferindo-lhe um senso de ‘unidade’ e firmeza” (Ibidem, 2005, p. 43).

O termo, em português, “si-mesmo” (*self* em inglês), colabora menos com o que Jung quis delinear em sua teoria. Quando, por exemplo, diz-se que alguém só pensa em si mesmo, a ideia principal é a de que tal pessoa é egoísta ou egocêntrica, está centrada em si mesma. Na visão junguiana, quanto mais o ego estiver conectado ao si-mesmo menos a pessoa estará de modo narcísico ligada em objetos obtusos e ganhos rápidos. Na verdade, “em tais pessoas, existe uma qualidade sem ego, como se estivessem consultando uma realidade mais profunda e mais ampla do que meras considerações práticas, racionais e pessoais típicas da consciência do ego” (STEIN, 2006, p. 138).

Toda personalidade tem como objetivo alcançar o conhecimento do próprio *self*. Esta é uma meta que dificilmente completa-se para qualquer pessoa, pois é uma tarefa cuja dificuldade está em conseguir alcançar o pleno desenvolvimento da personalidade para que o *self* venha a se mostrar quase que completo. É possível citar como exemplo Jesus e Buda que foram dois líderes religiosos que mais se aproximaram desta meta (HALL, 2005).

Porém, o ego tem grande responsabilidade em levar o indivíduo a se aproximar de um estado de autorrealização. Ele, o ego, não poderá desprezar as mensagens que lhe chegam através do *self* sem que assim possa apreciá-las. É necessário que os conteúdos tornem-se conscientes para que a personalidade alcance a individuação. E, neste sentido, é através do autoconhecimento que se caminha rumo à autorrealização. O que muitos desejam é o oposto, a maioria das pessoas querem realizar-se sem obter o conhecimento sobre si mesmas. Buscam perfeição e realização plena de forma milagrosa. Pelo contrário, esta é uma tarefa complexa com a qual o indivíduo depara-se na vida e que demanda muita responsabilidade, esforço, disciplina e sabedoria (HALL, 2005).

É possível reconhecer através de desenhos espontâneos e dos sonhos que têm a mandala como tema, a sinalização ao terapeuta de que existe um conflito psicológico na consciência e quer dizer que a psique carece de ser unificada. O

próprio Jung em meio a uma fase de desorientação em sua vida desenhava muitas mandalas de maneira despretensiosa. (STEIN, 2006). “O si-mesmo gera símbolos compensatórios de integração quando o sistema psíquico corre o perigo de se fragmentar. Esse é o ponto que intervém o arquétipo do si-mesmo num esforço pra unificá-lo.” (Ibidem, p. 144).

Logo, entre os símbolos que representam o si-mesmo, ou *self*, está o quadrado e o círculo, respectivamente, a quaternidade e a mandala. Outros também como: as pedras preciosas, os castelos, as igrejas, os vasos, os recipientes e a roda. Também as figuras humanas que são consideradas como superiores à personalidade do ego são representações do *self*, como: reis, rainhas, tios, príncipes, princesa. Já as imagens de animais representam um povo, ou clã (animais totêmicos), como: o cavalo, o peixe, o urso, a serpente. O si-mesmo também pode ser representado por imagens de flores, de árvores, de lagos e de montanhas (STEIN, 2006). “O coletivo é maior que a personalidade do ego.” (Ibidem, p. 146).

2.7 INDIVIDUAÇÃO

Imagem 37: Desertor



Disponível em: <http://alenkopera.com/Gallery/2001-2006.html>

Viu-se, então, que a busca pela autorrealização é arquetípica. O indivíduo, tal qual uma pequena semente, busca crescer até desenvolver-se e alcançar uma

personalidade diferenciada, uma árvore E, neste desenvolvimento, ninguém está salvo, cada um de acordo com seu grau de êxito, do arquétipo da unidade. Todos os sistemas que foram estudados acima vão tornando-se cada vez mais individualizados até chegar numa estrutura capaz de manifestar-se, cada uma de forma diferente. Sendo assim, para fazer-se consciente, um ego subdesenvolvido desfruta de poucos recursos. Já um ego individualizado é capaz de perceber o mundo e nele atuar de maneira mais eficaz. E quanto mais amplia seus atos conscientes, mais se individualiza (HALL, 2005).

“Jung usou o termo individuação para falar sobre o desenvolvimento psicológico que ele define como o processo de tornar-se uma personalidade unificada mas também única, um indivíduo, uma pessoa indivisa e íntegra.” (STEIN, 2006, p. 156).

Jung afirmou, também, que o indivíduo está sempre buscando por melhores símbolos, melhor dizendo, na medida em que se desenvolve, é esperado que a necessidade de simbolizar da pessoa torne-se mais requintada. Uma criança, diferente de um adulto, contenta-se com uma cantiga de ninar, ou com jogos descomplicados. O adulto necessita de outras formas mais profundas de simbolizar, como através da religião, ou das artes, por exemplo (Ibidem, 2005).

A individuação ocorre sem necessitar de estímulos externos para começar a existir, pois trata-se de um processo inato. Neste sentido, “Jung fala sobre um impulso de individuação que não é primariamente um imperativo biológico, mas, antes, de natureza psicológica.” (STEIN, 2006, p. 157).

No entanto, para que a individuação ocorra de maneira sadia, são necessárias à personalidade educação favorável e experiências apropriadas; caso contrário, a personalidade pode tornar-se deformada (Ibidem, 2005). Nesse seguimento, observa-se que “o mundo moderno não oferece oportunidades convenientes para a individuação do arquétipo da sombra. As expressões dos instintos animais na criança são em geral punidas pelos pais” (JUNG apud HALL, 2005, p. 72).

Para que ocorra uma evolução saudável da personalidade, é preciso que sejam dadas oportunidades para que o indivíduo possa alcançar a individuação. Se uma parte da personalidade for negligenciada, esta retornará fortemente através de meios patológicos. Esclarecendo: por exemplo, no caso de uma criança que foi educada através de padrões rígidos de conduta, poderá simular gostar de algo que

não a agrada, levando-a a agir de acordo com a conduta esperada pelos adultos. Sua vivacidade e sua espontaneidade não estarão presentes de forma consciente. Neste caso, ela desenvolve uma persona inflada, segundo a teoria junguiana (HALL, 2005).

Imagem 38: O Livro Vermelho – I



JUNG, 2017, p. 44

Na primeira metade da vida desenvolve-se o ego, a persona, e com isso muitos conteúdos permaneceram fora do alcance da consciência, pois aqui nesta fase a sombra, anima/animus muito provavelmente não foram integrados, ficaram inconscientes, e o si-mesmo teve sua utilidade, mas não foi acessado de maneira mais direta. Já na segunda metade da vida, a energia psíquica muda de curso e os significados são outros.

A vida é muito mais do que abriremos caminhos no mundo equipado com um ego e uma persona sólidos e bem estruturados. [...] A tarefa agora consiste em unificar o ego com o inconsciente, o qual contém a vida não vivida da pessoa e seu potencial não-realizado [...] é o clássico significado junguiano de individuação – tornar-se o que a pessoa já é potencialmente, mas agora de modo mais profundo e mais consciente (STEIN, 2006, p. 158).

No capítulo seguinte será destacada a importância do arquétipo da criança interior, considerado um dos principais conceitos da teoria junguiana, e a maneira pela qual dão-se as marcas das dores na alma de um adulto, que possui uma criança interior ferida e alguns possíveis caminhos em direção à dissolução dessas dores de origem infantil.

CAPÍTULO III

A CRIANÇA EM NÓS: OS NÓS DA VIDA

Raspem o adulto, e encontrarão a criança.
Ferenczi

Imagem 39: Criança Interna



Disponível em: https://www.sympla.com.br/a-crianca-interior---vivencia-dinamica__196195

O presente capítulo apresenta o arquétipo da criança interior, segundo Jung. E, a partir deste ponto, fala sobre a criança interior ferida que, de alguma maneira, surgiu e sobreviveu ao mundo adulto. Buscará trazer aspectos básicos de algumas teorias sobre o surgimento psíquico desta representação e como tal sobrevivência deu-se apesar dos abusos sofridos e de suas consequências emocionais. Trará algumas possibilidades de como acolher esta criança presente dentro do adulto.

3.1 O ARQUÉTIPO DA CRIANÇA INTERIOR

Aqui se reforça o conceito de arquétipo explicado por Jung (2014) em seu livro *Os arquétipos e o Inconsciente Coletivo*:

[...] podemos chamar de 'motivos', 'imagens primordiais', 'tipos' ou 'arquétipos' como designei[...] Hoje podemos permitir-nos pronunciar a fórmula de que os arquétipos aparecem nos mitos e nos contos de fada, bem como no sonho e no produto da fantasia psicótica (JUNG, 2014, p. 154).

Ressalta ainda ele que não se deve deixar levar pela ilusão de que um arquétipo pode ser explicado a ponto de chegar-se a uma conclusão. Tudo o que se consegue é a tentativa de uma metáfora, que pode ser mais ou menos bem sucedida (Ibidem, 2014).

Imagem 40: Menina Adulta



Disponível em: <http://blogautoplanet.blogspot.com.br/2013/05/o-incrivel-mundo-surreal-de-igor-morski.html>

O tema da criança, para Jung (2014), não representa apenas algo que ocorreu num passado mais distante, mas um sistema compensatório na tentativa de corrigir as polarizações extremadas da consciência, o que tira o indivíduo do caminho no sentido de suas próprias raízes. Este tema, também, traz um aspecto de futuro, no sentido de que “a vida é um fluxo, um fluir para o futuro e não um dique que estanca e faz refluir.” (JUNG, 2014, p. 278).

No estágio inicial de individuação, os símbolos de totalidade aparecem até mesmo na primeira infância:

A criança ora tem o aspecto da divindade de criança, ora do herói juvenil. Ambos os tipos têm em comum um nascimento miraculoso e as adversidades da primeira infância, como o abandono e o perigo da perseguição. Por sua natureza, o primeiro é inteiramente sobrenatural e o segundo é humano, porém, elevado ao limite do sobrenatural (é semidivino) (Ibidem, 2014, p. 281).

A criança que está relegada ao abandono tem um início de vida marcado pela forma como foi rejeitada. Por outro lado, ela é fruto de um fato miraculoso, o seu nascimento. Este último confere-lhe uma natureza criativa que representa ainda algo desconhecido, um novo conteúdo (Ibidem).

Imagem 41: Desamparo



Acervo pessoal da autora.

O que causa sentimento de abandono e de inferioridade representa a insuficiente possibilidade ou dificuldade de uma vida psíquica mais próxima da totalidade. As influências do meio também são obstáculos para o processo de individuação. O inconsciente reagirá de forma particular às ameaças mais recentes que começam a ocupar a mente consciente (JUNG, 2014). “A tomada de

consciência é, provavelmente, a experiência mais forte dos tempos primordiais, pois é através dela que se fez o mundo, de cuja existência ninguém suspeitava antes” (ibidem, p. 169).

O conflito inconsciente entre os opostos faz com que surja sempre uma terceira variante irracional que é desconhecida pela consciência. A consciência, por sua vez, ainda não reconhece o que une estes dois opostos; mesmo assim, ela deseja a solução deste conflito. Existe uma abertura de caminho na medida em que ela pressente uma criação (ibidem).

Disso resulta no caráter numinoso da “criança”. Um conteúdo importante, mas desconhecido, exerce sempre um efeito fascinante e secreto sobre a consciência. A nova configuração é o vir a ser de uma totalidade [...]. Por este motivo todos os símbolos unificadores também possuem um significado redentor (ibidem, p. 170).

O mesmo autor ainda explica que existe uma outra forma de abandono, uma que é necessária. Diz que a criança “não pode *tornar-se* sem desligar-se da origem: o abandono é, pois, uma condição necessária, não apenas um fenômeno secundário” (ibidem, p. 170).

Uma vez que a consciência fica presa aos opostos, diz Jung (2014), indivíduos que sofrem este processo, não conseguem ultrapassar o conflito e, faz-se necessário um símbolo que lhe aponte o quão é importante o desligamento de tal origem. Quando o fascinante símbolo da “criança” apropria-se do inconsciente, alcança a consciência, encontra uma solução para seu impasse (conflito), pois antes a consciência não estava apta. “O símbolo é antecipação de um estado nascente de consciência. Enquanto este estado não se estabelece a ‘criança’ permanece uma repetição mitológica que exige uma repetição pelo culto e uma renovação ritual” (ibidem, p. 170).

O arquétipo da criança pode surgir em acontecimentos despretensiosos e também através de um processo terapêutico. A primeira revelação da “criança” é absolutamente inconsciente. Muito provavelmente porque o paciente identifique-se com seu infantilismo, fase onde o tema é a imagem de uma criança abandonada e tratada de forma injusta. No decorrer da terapia, acontece gradualmente uma separação desta “criança”, um rompimento com tal identidade, onde ocorrem simbolizações mitológicas (traços arcaicos) cada vez mais evidentes (JUNG, 2014).

A transformação que ocorre na fase seguinte é a do aparecimento do mito do herói. Sua revelação pode apontar para a ideia inflada de que se é especial ou a insatisfação de ser especial pode apontar para o sentimento de inferioridade que leva ao papel de herói sofredor, chamada de inflação negativa (Ibidem, 2014). “Ambas as formas são idênticas porque à megalomania consciente corresponde uma inferioridade compensatória inconsciente e uma inferioridade consciente, uma megalomania inconsciente” (JUNG, 2014, p. 183). O mito do herói é uma forma arquetípica vista no processo de individuação. Este último seguirá progressivamente para o símbolo do si-mesmo (Ibidem).

Crianças, arquetipicamente, são portadoras de luz como a quem vence a escuridão, que vence o estado inconsciente de alguns conteúdos. Quanto mais a consciência eleva-se, ou quanto mais a consciência evolui em comparação à consciência como se encontrava na fase atual, é possível que o indivíduo sinta-se mais só ou mais sozinho no mundo (Ibidem).

Existe um paradoxo no mito da criança; na mesma medida em que ela parece desprotegida no universo inimigo que apresenta-se cheio de poder, ela, “criança”, pode surgir com um poder sobre humano, o que a torna, psicologicamente, reles e divina, ao mesmo tempo. A “criança” representa o impulso mais forte em busca da realização do ser. Para a consciência, a princípio, parece um conteúdo conflituoso, como se o conteúdo “criança” parecesse acontecer de forma isolada, como se nada tivesse a ver com o inconsciente (Ibidem).

Imagem 42: Infância Desaparecida



Disponível em: <https://bedide.wordpress.com/category/iranian-photographers/bahareh-bisheh/>

A “criança” nasce do útero do inconsciente, gerada no fundo na natureza humana, ou melhor da própria natureza viva. [...] É uma personificação de forças vitais que vão além do alcance limitado de nossa consciência [...] É uma impossibilidade de *ser-de-outra-forma* equipada com todas as forças instintivas naturais [...] ao passo que a consciência sempre se emaranha em *ser-de-outra-forma* [...] (Ibidem, p. 172).

A psicopatologia mostra que no processo de individuação alguns símbolos estão ligados a algumas perturbações somáticas, mas que são de origem psíquica e que, muitas vezes, são sentidas como verdadeiras, isto é, são “fantasias,” porém devem ser levadas muito a sério pelo psicoterapeuta. Os conteúdos passam a ser tão reais que são projetados no mundo exterior do indivíduo. Logo, se o corpo humano é matéria do mundo, é nele que as fantasias se exteriorizam. “O símbolo é o corpo vivo, *corpus et anima*; por isso a ‘criança’ é uma fórmula tão adequada para símbolo” (JUNG, 2014, p. 291).

3.2 AS CICATRIZES NA ALMA INFANTIL DO ADULTO

Imagem 43: A Dor da Infância



Disponível em: <https://bedide.wordpress.com/category/iranian-photographers/bahareh-bisheh/>

Muitos caminham pela vida como adultos, mas dentro de si carregam uma criança que talvez tenha sobrevivido a muitos tipos de abusos infantis. Pode ocorrer que o adulto possua uma determinada idade cronológica e outra idade emocional bem menor. São crianças que não se sentiram confirmadas pelas figuras parentais,

mas, sim, sentiram muita vergonha por ser quem eram (CUKIER, 1998). “Na mitologia de muitas culturas, essa ‘parte infantil do adulto’ representa a necessidade humana de recapturar a originalidade e a emoção da criança frente ao estresse e à racionalidade do cotidiano.” (Ibidem, p. 17).

Trabalhar a criança interna de um adulto implica orientá-lo para que se torne responsável por suas atitudes, levando-o a perceber que as deturpações atuais são resultados dos grandes traumas que ocorreram na fase infantil. Não trata-se apenas de perdoar ou culpar. A questão focal é poder compreender o que estão fazendo a si mesmos a partir destas experiências. Compreender para seu próprio benefício. O resultado do estresse infantil limita muito a capacidade de escolha na vida adulta (CUKIER, 1998).

Um trabalho com a criança interna visa também a ajudar o adulto a desenvolver um Eu mais maduro e responsável que possa providenciar proteção e cuidados para sua parte infantil. Esta diferenciação adulta-criança vivida por meio de experiências ajuda o paciente a rededir e/ou descobrir novas formas de resolver problemas, o que se evidencia imediatamente pelos novos sentimentos, pensamentos e comportamentos que ele passa a expressar (Ibidem, p. 18).

Segundo Cukier (1998), as lembranças do que ocorreu com a criança e que de tal modo a fizeram responder de maneira pacífica, repetem-se em sua memória porque marcaram fortemente o seu psiquismo. É mais comum que estes fatos tenham acontecido na primeira infância (até 7 anos) e que as recordações tenham como tema central a frustração ou a punição por expressão de um desejo próprio, ou ao assistir alguém sendo desconsiderado ou mesmo alguém sendo violentado por um adulto que se utiliza abusivamente de seu poder.

Quando uma criança consegue dar-se conta da injustiça cometida por um adulto de seu convívio, passa a sentir raiva, medo e ao mesmo tempo não encontra alternativa a não ser submeter-se, o que gera um grande sentimento de impotência, muitas vezes de vergonha e de inferioridade que jamais serão esquecidos, por mais que tente impedir. Por trás desse adulto/criança existe um plano de vingança infantil representado por suas dificuldades da vida no presente. É ele agora quem constrange outras pessoas e abusa de seu poder (CUKIER, 1998).

Quando ocorre apenas o reconhecimento intelectual desse drama particular da infância, é bem provável que se prefira viver na ilusão com medo de encarar a verdade. A questão é que a ausência de verdade é paga com o alto preço do

adoecimento. Desvelar uma verdade pessoal é ato valioso apesar da dor emocional que vem antes da liberdade. Mesmo que o percurso possa ser longo, ainda é melhor do que continuar apenas na esfera intelectual, na ilusão (MILLER, 1997).

Fato é que não é possível mudar todos os malefícios que já estão registrados no passado, mas é possível reconstruir nova inteireza perdida. Buscando abandonar o lugar de vítima inconsciente de um passado difícil para um lugar de uma pessoa que é capaz de conviver com sua própria história (ibidem).

3.2.1 O nascimento de uma criança ferida

Imagem 44: A Falta do Colo



Disponível: <https://bedide.wordpress.com/category/iranian-photographers/bahareh-bisheh/>

O ser humano, diferente dos demais mamíferos, não nasce no momento que sai do útero da mãe; psicologicamente, nasce aos poucos e nem sempre de maneira completa. Tudo dependerá de sua força e da sua sorte para encontrar pais que saibam gerir suas demandas básicas. Tais demandas, segundo Cukier (1998), são as que garantem a sobrevivência física e emocional. A primeira são os cuidados como: comida, saúde, higiene etc. Caso contrário, a criança morrerá como todo bebê humano frágil e dependente. O principal aqui é “o que” é feito pela criança. A segunda se trata de “como” isto é feito, ou seja, a criança depende emocionalmente de alguém e precisa sentir que pode contar com o outro. Há que se considerar que, anteriormente à linguagem, na fase inicial da vida, é necessário que alguém

decodifique a necessidade do bebê humano e mais que isso, possa espelhar suas emoções (CUKIER, 1998).

Essas mensagens constituirão a percepção de quem ele é, e o que será sua herança como vivência dessas emoções. O primeiro cuidador servirá de ponte entre o bebê e o mundo. “Antes de sermos ‘Eu’ somos ‘nós’, ou seja, é o relacional, sobretudo a relação que estabelecemos com nossos primeiros cuidadores, a pedra inaugural de nossa identidade.” (ERIKSON apud CUKIER, 1998, p. 26). Neste sentido, se desenvolverá sua autoestima, bem como o amor e a confiança que apontarão para o modo como se relacionará com o mundo. Trata-se da questão da dependência, ser dependente emocionalmente de alguém (CUKIER, 1998).

Depender de alguém significa sujeitar-se aos desejos do outro. Enquanto um submete-se às decisões, aquele que domina também passa a ser prejudicado, pois investe seu tempo ali, abrindo mão de sua autonomia. Lembranças sobre dependência aparecem junto de sentimentos de humilhação e vergonha (CUKIER, 1998). “Não que os pais fossem terrivelmente maus, mas porque eles estavam muito carentes de um resposta específica e indispensável da criança; no fundo eram crianças em busca de uma pessoa que estivesse à disposição” (MILLER, 1997, p. 22).

O modelo que se pode citar, segundo Miller (1997), é o de um adulto que tem o terrível sentimento infantil de abandono (sentimento originário da infância) e, para ultrapassar de alguma forma o vazio,

[...] encontramos quase sempre a luta incessante, incansável, que, com a ajuda de símbolos, (drogas, grupos, cultos variados, perversões), tenta atingir a satisfação das necessidades reprimidas, agora pervertidas. As intelectualizações também estão presentes por propiciarem uma defesa muito confiável, embora possa ter efeitos fatídicos se o corpo tomar as rédeas – como é o caso das doenças graves (p. 23).

Com isso, se faz manter bem sucedida a negação ou a procura de muitas distrações ao mesmo tempo, às vezes inúteis. Este tipo de comportamento tem a ver com a criança que não conseguiu ser entendida pelos pais, verbalmente ou não (MILLER, 1997).

3.2.2 O falso *self* ou personalidade “como se”

Na busca de comportamentos que satisfaçam os pais, há a possibilidade de desenvolver-se um “falso *self*”, isto é, a criança faz o que percebe que é esperado

dela, deixando seu verdadeiro *self* empobrecido (MILLER, 1997). Neste caso, o verdadeiro *self*, quando começa a dar os primeiros sinais, é enterrado. O papel que a criança desenvolve é patológico e, em geral, ocupa um lugar complementar na família: o perfeccionista, o herói, o estúpido, o bode expiatório etc. Ela expressa sempre uma forma radical de pensar. O que o ego reprimiu ou negou passa a ser projetado em seus relacionamentos. Tais partes projetadas da personalidade podem cindí-la ou torná-la múltipla, pode, também, gerar depressão pela sensação da perda de uma parte de si (CUKIER, 1998).

Imagem 45: Assim Aceitam-me



Disponível em: <https://bedide.wordpress.com/category/iranian-photographers/bahareh-bisheh/#jp-carousel-416>

O falso *self* possui dupla função, segundo Cukier (1998); enquanto ele oferece proteção à criança que está sendo abusada ou descuidada, tenta, ao mesmo tempo, conseguir certo prazer, através destas mesmas necessidades que lhe foram negadas. Citando um exemplo para esclarecer, a criança pode tentar chamar para a si atenção machucando-se, negando-se a comer, adoecendo ou procurando ser a melhor aluna da sala de aula. Acompanhando o falso *self* está “um sistema de auto-observação e vigilância constantes, porque é preciso cuidar para que as partes rejeitadas não apareçam e façam-nos sentir vergonha e inferioridade.” (CUKIER, 1998, p. 36).

Sua integridade é perdida e sua expressividade é interrompida. Passa a ter bloqueios de seus sentimentos mais verdadeiros e passa a manter vínculos com os pais de tal maneira que sua individuação seja seriamente comprometida. Primeiro passa a depender de seus pais conscientemente e, mais tarde, na vida adulta, inconscientemente (MILLER, 1997).

Não pode confiar nos seus próprios sentimentos, não chegou a experimentá-los, não conhece suas reais necessidades, é um completo estranho para si mesmo. Nessas circunstâncias, não pode se separar dos pais, e mesmo como adulto estará sempre dependente da aceitação de pessoas que representam seus pais: parceiros, grupos e principalmente os próprios filhos. O legado dos pais são as lembranças inconscientes, reprimidas que nos impelem a esconder o verdadeiro *self* de nós mesmos muito profundamente (Ibidem, p. 24).

Logo, quando o falso *self* oculta o verdadeiro *self*, há, no indivíduo, uma capacidade empobrecida de simbolizar e o mesmo se dá com sua vida cultural. Observa-se, nestas pessoas, uma grande ansiedade, dificuldade de concentração e tornam-se colecionadores de ilusões a respeito da realidade. Podem passar a vida inteira reagindo a tais ilusões externas (WINNICOTT, 1983).

3.3 O ABUSO INFANTIL

Imagem 46: O Mundo Parece Perigoso



Disponível em: <https://bedide.wordpress.com/category/iranian-photographers/bahareh-bisheh/#jp-carousel-424>

Tempos atrás, o abuso infantil só era entendido como um abuso de fato quando relacionado a episódios considerados extremos ou reconhecidos como graves, quando tratava-se, a título de exemplo, de um abuso sexual. Hoje, sabe-se que abuso infantil é considerado como tal, cada vez que uma criança não é respeitada em sua hierarquia familiar como filho (a). É toda vez que os pais não lhe garantem proteção, ou não a auxiliam de maneira positiva em seu desenvolvimento (CUKIER, 1998).

3.3.1 Abuso sexual infantil

Imagem 47: Segredo e Solidão



Disponível em: <https://bedide.wordpress.com/category/iranian-photographers/bahareh-bisheh/#jp-carousel-423>

Indivíduos que sofrem abuso sexual na infância, mais tarde, na vida adulta, tentam escapar de seu passado através de drogas, amantes, álcool e atitudes extremadas. Estas pessoas precisam estar sempre “ligadas” para não caírem no marasmo e na autêntica solidão da infância. Este sentimento possui uma dor quase que mortal (MILLER, 1997). “O abuso que mais envergonha, é mais frequente do que se imagina e envolve a família inteira.” (CUKIER, 1998, p. 32).

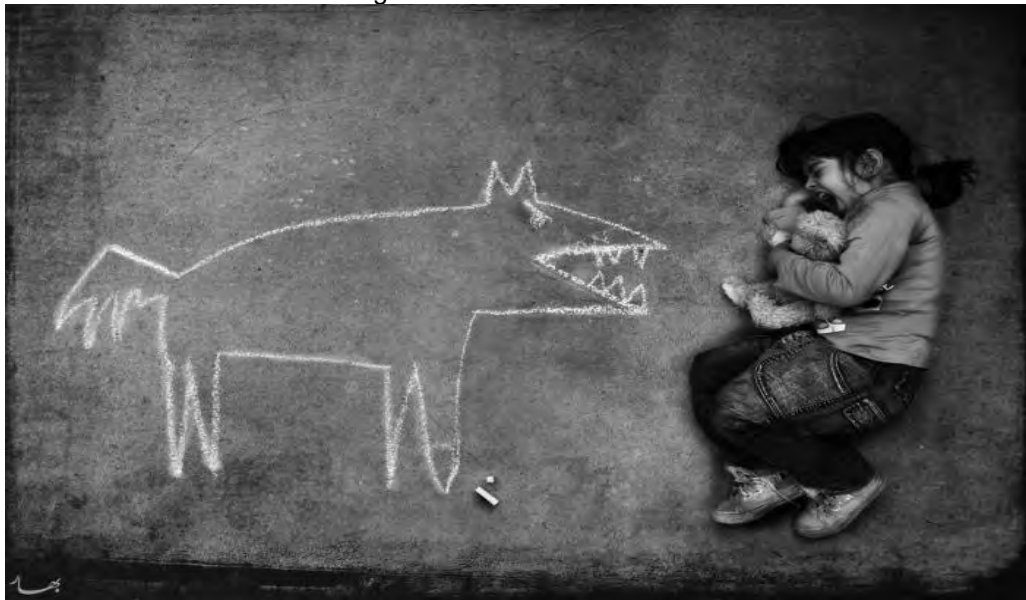
Cukier (1998) explica que muitas vezes uma criança é intimidada porque vê ou ouve relações sexuais de adultos. Por “desatenção” dos pais, outras crianças são submetidas a adultos que são *voyeristas*, ou se exibem sexualmente para a criança.

Outro fator importante é o de pais que demonstram ter por um dos filhos um relacionamento mais importante do que com seu próprio cônjuge. A criança precisa de pais, e não de um marido ou de uma esposa.

Dar banho em crianças mais velhas é uma forma de abuso subjacente, bem como dar tipos de explicações sobre sexualidade de forma inadequada para a idade da criança também. A criança não compreende o assunto, envergonha-se e pode imaginar consequências horríveis para seu futuro neste sentido (CUKIER, 1998).

3.3.2 Abuso emocional infantil

Imagem 48: Medo e Submissão



Disponível em: <https://bedide.wordpress.com/category/iranian-photographers/bahareh-bisheh/#jp-carousel-421>

Já a criança que causou orgulho aos seus pais e que, em teoria, deveria sentir-se segura no futuro porque são admiradas, têm sucesso no que fazem, não escapam da depressão na vida adulta. A falta de sentido na vida, o vazio rondam sua existência quando a droga da magnitude não mais existir. A sensação de falhar é insuportável, provocando sentimento de culpa e vergonha. Estas pessoas possuem o discurso de terem tido infâncias felizes e têm pouca ou quase nenhuma compaixão da criança que foram. Na verdade, seu mundo infantil foi caracterizado pelo controle, pela manipulação e pela cobrança por resultados (MILLER, 1998).

Pode ocorrer que uma criança seja eleita a permanecer no lugar daquele que cuida de um de seus pais. Essa falta de fronteira leva-a a tomar tal iniciativa sem que isso seja de seu gosto. Teme perder o amor de um de seus pais e dedicam-se a

fim de evitar o abandono e a solidão. Geralmente o adulto que “cuida” é dependente, é vulnerável, e não possui estrutura para defender-se de algum tipo de abuso que esteja ocorrendo dentro da própria família. Este mesmo adulto busca apoio da criança que deixa de viver sua infância e passa a sentir-se sozinha frente a esta situação, uma vez que o abuso faz parte de um segredo familiar o que a leva pensar que apenas ela vivencia tal experiência no mundo. Passa a ter sentimento de desamparo intenso, pois não encontra alguém para defendê-la, nem mesmo seus pais com quem deveria contar, mas que não são confiáveis (CUKIER, 1997).

Fazer com que a criança, por exemplo, coma o que não quer ou vista o que não gosta, faz parte do abuso emocional. Já o abuso físico é considerado como “qualquer tipo de punição física: bater, espancar, puxar cabelos, beliscar, trancar no quarto escuro etc., - à criança ou alguém da família, tendo a criança como observadora” (CUKIER, 1998, p. 33).

3.4 SOBREVIVENDO AFETIVAMENTE

Imagem 49: Resgate da Infância



Disponível em: <https://bedide.wordpress.com/category/iranian-photographers/bahareh-bisheh/#jp-carousel-418>

Com o olhar de um adulto que passa a experimentar a própria verdade e com a ilusão do paraíso desfeita é possível retornar ao universo dos próprios sentimentos, desenvolvendo uma capacidade do luto infantil. E um dos momentos fundamentais neste processo, em terapia, é quando as pessoas já adultas percebem que “todo amor” que conquistaram com tanto esforço e autonegação não era dirigido a elas como realmente eram, mas que a admiração por sua beleza e seus feitos era dirigida à beleza e aos feitos, não à próprias crianças” (MILLER, 1997, p. 25).

Mas se queremos realmente nos ajudar, precisamos sair desta construção autoenganosa. Não somos sempre tão culpados quanto imaginamos e nem tão inocentes quanto gostaríamos de imaginar. Não saberemos disso enquanto estivermos confusos e não experimentarmos nossos sentimentos, enquanto não conhecermos exatamente nossa história. Ao descobrirmos nossas faltas reais no presente, precisamos nos desculpar com as nossas vítimas. Isso nos liberta: resolve os sentimentos de culpa da infância, inconscientes e equivocados (Ibidem, p. 27, 28).

Diante deste panorama, começam a ter a capacidade de perguntarem-se o que foi feito de sua infância, percebem que foram pequenos adultos, sentem a dor de não poder voltar no tempo. Neste sentido, depois que o luto é constatado, aparecem sentimentos de raiva e de dor reprimida, mas a boa notícia é que uma nova força interior vai estabelecendo-se e o adulto começa a acolher sua própria criança interna. Seu verdadeiro self não será mais menosprezado ou zombado por si mesmo (MILLER, 1997).

Um grande sentimento de libertação é experimentado quando começa a tomar consciência das emoções do passado que costumava sufocar, em nome de sua sobrevivência emocional, e passa a levar a sério suas emoções do presente. É claro que esta liberdade não é completa; por algumas vezes, se questionará sobre que tipo de impressão pode estar causando às pessoas e o que deveria sentir em relação a isso, mas agora em outro nível de consciência (Ibidem, 1997).

3.4.1 Há “cura” da criança interior?

Após ter sobrevivido, literalmente, cada um poderá conscientizar-se sobre seu verdadeiro *self*, sua criança interior; identificar dores físicas, espirituais e emocionais; reviver perdas que foram ignoradas na presença de pessoas ditas confiáveis; dar-se conta das questões centrais que foram despertadas. O despertar é algo que abala o entendimento do sujeito sobre sua realidade (WHITFIELD, 1990).

É o de lidar com a questão central, neste contexto. “Questão é qualquer conflito ou problema em potencial, seja consciente ou inconsciente, que para nós está incompleto ou precisa de ação ou mudança.” (Ibidem, p. 162).

Imagem 50: Integração do Ser



Disponível em: <http://www.cuded.com/2014/11/children-photography-by-jake-olson/>

A autorreflexão e a participação em grupos terapêuticos, onde haja acolhimento e liberdade através do expressar-se sobre as partes opressivas da infância, onde seja possível contar a própria história à pessoas confiáveis e afetuosas. Este é o momento que o mesmo autor considera propício à transformação. Neste sentido, assume-se mais responsabilidades pela própria vida e seu consequente funcionamento mais saudável, dando mais abertura a reações e sentimentos que são partes importantes do *self* real. Não é fácil colocar à transformação em prática, mas é preciso transformar “as partes opressivas e em geral ineficientes da nossa vida em elementos mais eficientes e positivos” (Ibidem, p. 163).

No capítulo a seguir, discorrerei sobre minha experiência no período de estágio com homens adultos, dependentes químicos, egressos de rua e suas

crianças internas profundamente feridas, agravadas pelo sofrimento de estarem expostos às ruas e ao mundo da drogadição. A partir de relatos, será investigado como a Arteterapia pode contribuir como instrumento de acesso à criança interior.

CAPÍTULO IV

HOMENS ADULTOS: MENINOS FERIDOS

Para cada criança interior, cheia de medo e procurando abrigo no mundo adulto, existe um adulto potencialmente capaz de assumir responsabilidade por esta criança. Ao tornarmos consciente o conteúdo das projeções estamos dando um grande passo em direção a emancipação da infância.

James Hollis

Imagem 51: Movediça Social



Disponível em: <https://polpanoprato.wordpress.com/2013/04/23/05/>

Este capítulo destina-se a apresentar parte do trabalho arteterapêutico que foi desenvolvido numa associação que acolhe homens egressos de rua com dependência química. Apresentará alguns aspectos da história, o funcionamento e o contexto dessa associação. Através de recortes, nos relatos, mostrará o desenvolvimento da arteterapia neste panorama, a fim de descrever uma conjuntura

que venha corroborar com o tema escolhido, para esta monografia, a partir de observações específicas e desdobramentos no processo.

4.1 MORADA ESPERANÇA

Imagem 52: Reconhecimento



Acervo pessoal da autora.

A casa acolhedora desses homens, onde estagiei, é administrada por uma instituição religiosa. O projeto começou em 1999 quando acolhiam moradores de rua no Viaduto Edson Passos, Alto da Boa Vista. O que havia iniciado como sonho, tornou-se realidade e, em dezembro de 1999, embora a instituição funcionasse embaixo de uma ponte sem condições básicas. Isso mostrava e mostra como os dependentes químicos de álcool e outras drogas são renegados pela sociedade.

Receberam, então, através da generosidade de uma moradora do bairro, o apoio necessário para que pudessem ocupar uma pequena casa humilde em sistema de comodato. Depois o comodato foi renovado e receberam, também, um sítio para que o projeto fosse ampliado.

Em 2005, contando com doações da sociedade civil, a casa foi ampliada para um prédio onde encontram-se as acomodações; as salas de recreação, a sala de assistência, a sala de atendimento médico e outras mais.

Em 2007, ganhou novos espaços de atendimentos e, assim, o prédio foi ampliando-se. Desde então, acolhe, recupera e reintegra socialmente esses homens. Valoriza, defende e promove a vida através da dignidade, do trabalho e da moradia.

Imagem 53: Auxílio



Acervo pessoal da autora.

É uma instituição sem fins lucrativos, em parceria com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, que acolhe homens adultos entre 18 e 59 anos, em situação de rua, tendo como agravamento a dependência química e outras drogas, não portadores de outros transtornos mentais e comportamentais graves de comportamentos decorrentes do uso de substâncias psicoativas. Este público segue a programação da instituição, a fim de serem motivados a voltarem a ter autonomia, a reativar o convívio familiar e obter trabalho, ou seja, voltar à vida social.

4.1.1 Os regulamentos da morada

A associação conta com a colaboração de uma equipe multidisciplinar. Desenvolvem, então, um projeto sócio pedagógico. A religiosidade e suas práticas no dia a dia fazem parte do projeto.

São consideradas as cores branca, vermelha, amarela, verde e azul, nesta sequência, para através de um crachá, designar em qual das etapas encontra-se o interno em seu processo de evolução no processo de tratamento e reintegração social promovido pela casa.

No primeiro mês, a cor branca indica que é o momento de acolher as necessidades básicas, de adaptação e de desintoxicação. Aqui algumas atividades já são iniciadas. No segundo mês, o crachá de cor vermelha aponta para o período de permanência de 1 a 3 meses, assina-se o programa sócio educativo com objetivo de atender a um plano terapêutico individual. Já o módulo amarelo, corresponde ao 4º ou 5º mês e aqui é dado o início ao processo de autonomia, refazendo os documentos pessoais, participando de oficinas e frequentando grupos de autoajuda. A partir do 6º ou 7º mês, começa o momento de reintegração familiar e cursos preparatórios para obtenção de emprego. Chegando no módulo azul, entre o 8º e 9º mês, o ciclo conclui-se, com a elaboração de um projeto de vida rentável, e a volta para a vida em sociedade.

Imagem 54: Etapas da Passagem



Acervo pessoal da autora.

A passagem de um módulo para outro é marcada por uma avaliação conjunta entre o morador e os técnicos da casa. Para tanto, todos participam de reuniões mensais que incluem auto avaliação e, com a aprovação dos demais, então recebem o crachá para o próximo módulo.

4.2. A DROGADIÇÃO

A dependência química é atroz e devastadora. Capaz de provocar o deserto na vida de quem faz uso das substâncias psicoativas, bem como de quem convive com dependência.

O livro dos doze passos dos Narcóticos Anônimos (1993) explica este processo sobre a compulsão às drogas. Informa que é preciso querer livra-se delas, e que este é o primeiro passo para conseguirem manter-se “limpos” de substâncias psicoativas: “Admitimos que éramos impotentes perante a nossa adicção, que nossas vidas havia se tornado incontroláveis.” (N.A., 1993).

Imagem 55: Uso Compulsivo de Drogas



Disponível em: <http://www.shawnvandaele.com/shawn-van-daele-surreal-photography-portraits/>

Existe uma carta, a Jung, que data de 1961, escrita por Willian G. Wilson (codinome Bill W.), cofundador dos Alcoólicos Anônimo (A.A.), que mais tarde deu origem aos Narcóticos Anônimos conhecido como N.A. Bill relata o funcionamento desta sociedade, seu surgimento e como o próprio Jung, como médico, colaborou indiretamente, com sua fundação, e com o segundo princípio que viria a ser um dos principais: “Viemos a acreditar que um Poder maior do que nós poderia devolver-nos à sanidade.”

Bill W. conta que um paciente de Jung (Roland H.), já tendo esgotado seus recursos para livrar-se da dependência do álcool, diante de uma recaída, recorreu novamente a Jung. Este já não via mais a possibilidade da medicina sozinha poder lhe ajudar. E, diante desta sua humilde colocação, Jung, dizia a seu paciente o quanto lamentava por isso. Jung, então, sugeriu-lhe que participasse de uma autêntica experiência espiritual, embora reconhecesse que tal tarefa não dava-se de maneira simples, mas foi dessa forma e com muita eficácia que assistiu a saída para alguns casos que havia acompanhado. “O álcool em latim é *spiritus*, a mesma palavra para a experiência religiosa mais elevada, e também para o veneno mais prejudicial. A fórmula benéfica é pois: “*spiritus*” contra “*spiritum*” (JUNG, 2003, p. 316).

Imagem 56: Vazio



Disponível em: <http://www.shawnvandaele.com/shawn-van-daele-surreal-photography-portraits>

Na carta, Bill W., discorre sobre sua própria experiência com o alcoolismo, sua busca por recuperação, e de como a própria doença o levou à construção da sociedade (A.A), onde ocorre, através de encontros regulares, um processo de identificação com história do outro e, nessa troca, participantes estabelecem uma grande rede de experiências afins.

Neste encontro é crucial que cada um reconheça que a ciência por si só não lhe confere mais a salvação de que necessita. Reconhecem que será preciso estarem abertos para uma grande transformação espiritual, pois o ser humano é muito além do que seu intelecto. É o encontro com a totalidade do ser.

Em resposta a carta de Bill W., Jung (2003) elucida que na época procurou ser cauteloso com Roland, pois sabia do risco de ser mal interpretado, por não poder dizer-lhe tudo o que sabia. Levou em consideração suas experiências com homens que sofriam do mesmo mal. Disse ainda que tal experiência só realmente nos acontece quando enveredamos por uma trilha de compreensão mais elevada sobre nós mesmos, o que ainda não era o caso de Roland, na época.

Sua ansiedade por álcool corresponde, num nível mais baixo, à sede espiritual do ser humano pela totalidade, expressa em linguagem medieval a união com Deus. [...] podemos ser levados a este objetivo por um ato da graça e por meio de um contato pessoal e honesto com amigos ou através de uma educação superior da mente, além dos limites do mero racionalismo [...]. Uma pessoa comum, não protegida por uma ação do alto e isolada da sociedade, não pode resistir ao poder do mal (JUNG, 2003, p. 315 e 316)

Imagem 57: O Poder do Bem



Acervo pessoal da autora.

Na prática do estágio, percebia que nem todos estavam à vontade com a orientação religiosa da morada. Havia muitas religiões naquele grupo de homens ou “nenhuma”. Alguns a cumpriam apenas como uma das regras da casa. Fazer parte dos rituais religiosos era parte do programa e a garantia, também, da permanência.

Outros aproveitavam para o resgate da religiosidade. Observei que o caráter religioso e as reuniões do N.A. traziam, além de todos os benefícios, o sentimento

de pertencimento e certos “mantras” que eram repetidos serviam para que se mantivessem no foco do resgate da dignidade.

As sessões arteterapêuticas, por sua vez, traziam em sua essência o *têmenos*, o espaço sagrado. Na medida que em que nos organizávamos no tempo e no espaço, e os encontros seguiam-se marcados pela preparação, pelo desenvolvimento das atividades, o grupo era capaz de simbolizar e compartilhar suas produções espontaneamente e de forma respeitosa. Os símbolos guardados no inconsciente iam surgindo e tendo licença para serem acolhidos no espaço de cada sessão. Os círculos em volta de si mesmo, nas rodas do grupo, e o grupo adquirindo uma personalidade própria dava àqueles homens a oportunidade de trazerem suas crianças feridas para o centro da roda, e aquele espaço começava a ter sentido cada vez mais “sagrado”, por ser revelador, único e numinoso. Resgatavam suas memórias. Trazia-lhes talvez uma espécie de sentido para os fatos de suas vidas, revisitando a própria história e, assim, o conforto de possuir uma individualidade.

Imagem 58: Garoto Interrompido



Disponível em: -<http://www.shawnvandaele.com/shawn-van-daele-surreal-photography-portraits/>

Esta era minha conexão com este público e, neste sentido, compartilho alguns recortes da narrativa do processo arteterapêutico, sobre a experiência que me motivou a escrever sobre este tema.

4.3 ARTETERAPIA: O 'BRINCAR' E A CRIANÇA INTERIOR

Imagem 59: Liberdade



Disponível em: http://www.huffingtonpost.co.uk/sam-dowler/cancer-cured-my-dad-of-br_b_17715780.html

Jung (2006) relata que em uma das fases mais complexas de sua vida, época em que havia rompido com Freud, encontrava-se profundamente abalado emocionalmente. Por vezes, repassou sua vida em pormenores e, em especial, a fase de sua infância. Desta forma, não encontrando sucesso para detectar a causa de seu intenso sofrimento, resolveu entregar-se ao inconsciente de maneira espontânea. “Ignoro tudo a tal ponto que simplesmente farei o que ocorrer.” (p. 200).

Jung já pensava, tal qual é feito hoje em Arteterapia e, como foi visto neste trabalho no capítulo um, mostrando a importância do processo criativo, de deixar fluir a criatividade. Ou seja, de maneira espontânea, o inconsciente expressa seus conteúdos.

Ah, ah, disse a mim mesmo, ‘aqui há vida! O garoto anda por perto e possui uma vida criativa que me falta. Mas como chegar a ela? Parecia-me impossível que o homem adulto transpusesse a distância entre o presente e o décimo primeiro ano de vida. Se eu quisesse [...] reestabelecer o contato com essa época da minha vida, só me restava voltar a ela e acolher outra a vez a criança que então se entregava aos brinquedos infantis (Ibidem p. 200).

Conta que, nesta época, o adulto Jung entregou-se aos brinquedos de construção. Buscou suas lembranças de infância quando, aos 12 anos de idade, costumava entregar-se a este tipo de brincadeira. Emocionado, reproduziu as

casinhas, os castelos e uma igreja construídos de argila e pedras naturais tal qual fazia outrora. Admitiu ter sido muito difícil, inicialmente, pois ainda resistia à ideia. Enfrentou a repulsa e passou a aceitar o que viria a ser um marco em sua existência: rendeu-se às brincadeiras de criança (JUNG, 2006).

Todos os dias, após o almoço, Jung (2006) recolhia pedras na beira do lago e punha-se a 'brincar'. Voltava ao seu trabalho e tão logo atendia seus pacientes, voltava para suas 'brincadeiras'. Com isso, seus pensamentos e fantasias tornavam-se cada vez mais transparentes. E, sempre que sentia-se bloqueado em algum aspecto de sua vida, voltava a entregar-se à pintura, à escultura e ao Jung criança. Era como se fosse um 'rito de entrada' para os seus pensamentos e consequentes trabalhos que foi desenvolvendo para a construção de sua teoria. Na ocasião em que sofria pelo luto de sua esposa, disse: "Foi muito difícil estabilizar-me de novo e o contato com a pedra ajudou-me consideravelmente." (JUNG, 2006, p. 202).

Imagem 60: Jung como Escultor



Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072010000200009

Andrade (2000) escreve que Jung, na década de 20, usava a arte como instrumento de trabalho, pedindo aos seus pacientes que desenhassem, pintassem seus sonhos ou outras imagens tomadas por conflitos, facilitando, assim, o diálogo. Para ele uma das funções da psique é a criatividade. "É função natural da mente humana, e tem função estruturante do pensamento. Pode, portanto, ser usada como

componente de 'cura', além da criatividade ter esta função em si mesma" (p. 51 e 52).

Outro autor que corrobora com a visão do 'brincar' no trabalho clínico é Winnicott (1975) que em seu livro **O Brincar e a Realidade** dá ênfase na importância de brincar e nos conta que as pessoas desejam buscar seu verdadeiro *self* e que tal fato é possível quando se desenvolve o poder criativo que leva ao desenvolvimento de uma personalidade mais completa. Ensina que "é no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou adulto fruem sua liberdade de criação." (WINNICOTT, 1975, p.79). E, no mesmo livro, ainda reforça que "é bom recordar que brincar é por si mesmo uma terapia." (Ibidem, p. 74).

Ammann (2002) também escreveu sobre sua experiência com adultos e crianças na terapia do *Sandplay* (terapia do jogo de areia), que convida os pacientes a 'brincarem', espontaneamente, na caixa de areia com miniaturas diversas, baseada na teoria junguiana. Ela diz:

[...] tanto adultos como crianças encontram dentro de si 'a criança pequena' que não consegue dizer 'onde dói'. Nesse instante temos que usar nosso poder de observação e, figurativamente, usar todos os sentidos para descobrir o sofrimento recôndito da pessoa (p. 17).

Durante minha experiência com os homens egressos de rua, a Arteterapia era percebida, pela maioria deles, em seus relatos, como um convite para 'brincar'. Eu compreendia o que estavam tentando explicar. Em seus discursos haviam descrições e comparações valiosas de brincadeiras infantis praticadas ou não, onde percebiam como esta prática facilitava o bem estar e o seu acesso à lembranças. Nada mais espontâneo, criativo e autêntico do que deixar-se levar pela leveza de "ser criança".

Saliento aqui a fala de M, um dos componentes do grupo que chegou até o final do processo arteterapêutico, cujo percurso analisarei mais a diante: *Eu tinha dificuldade de brincar [...] E, aqui a brincadeira foi bem infantil mesmo. Aqui não tinha o que era de menino e o que era de menina. Tudo se tornou uma grande brincadeira. Repararam que eu tô mais e mais leve? Agora tô participando de tudo. Sem essa coisa que isso não é pra mim, não! (M)*

Seguindo a ideia que a Arteterapia é um grande convite "a brincar", além de todos os benefícios que o resgate da criança interior proporciona, podemos

compreender através de Nachmanovitch (1993) o que todo adulto, em algum momento de sua existência se deparará:

O fim da infância é o encontro com a 'dura realidade' – esta é a origem de nossos mitos sobre a perda do Paraíso. A dura realidade se apoia no medo da crítica, no medo do fracasso e da frustração: são as defesas sociais contra a criatividade (p. 127).

Explica, ainda, que não há evolução sem que haja diversão e que esta é a raiz de onde nasce a arte original e que “o trabalho criativo é divertimento; é livre exploração de materiais [...]” (Ibidem, p. 49).

Seguindo o pensamento do mesmo autor, no brincar pode-se encontrar mais flexibilidade e, ao mesmo tempo, reorganização, a capacidade de compreensão sobre a própria personalidade. Pode-se construir adaptação às mudanças, pois desenvolve-se através da brincadeira outras formas de funcionamento em um mundo que se exige constante transformação (Ibidem, 1993).

Quando fala-se em mitos e símbolos, a diversão é representada por vários arquétipos, entre eles o da criança (Ibidem). Logo, “A musa mais poderosa é a nossa criança interior[...] é a descoberta do espírito selvagem que existe em cada um de nós, o reencontro com a nossa alma infantil.” (Ibidem, p. 53).

De forma elucidativa, o mesmo autor confirma o pensamento dos autores acima quando traz a afirmação de que

A plena criatividade artística ocorre quando o adulto é capaz de entrar em contato com a clara e inesgotável fonte de prazer da criança que existe dentro dele [...] as vezes precisamos enfrentar uma batalha dolorosa para não chegar ao ponto de não sentirmos mais medo da criança que vive dentro de nós (Ibidem, p. 54 e 56).

Sendo assim, para chegar-se no desfecho de que a Arteterapia é de fato uma via de acesso à criança interior (na maioria das vezes ferida) pode-se citar a pontuação de Nachmanovitch (1993) que concorda com Winnicott, autor citado acima, que diz que “somente através da diversão, e apenas da diversão, o indivíduo, a criança, ou o adulto é capaz de ser criativo e usar toda a sua personalidade, e é apenas sendo criativo que o indivíduo descobre seu ser mais profundo.” (Ibidem, 1993).

Andrade (2000) escreve, no mesmo sentido, sobre o desenvolvimento da personalidade, quando aponta a arte com importância fundamental para que esta

torne-se íntegra e cita o trabalho de Nise da Silveira e seus pacientes internos em Engenho de Dentro.

4.4 A EXPERIÊNCIA COM A ARTETERAPIA NA MORADA

No *setting* arteterapêutico foi possível perceber e, de alguma maneira acolher o sofrimento de cada um do grupo. Existia uma busca constante por recompensa, uma procura por satisfação e prazer intermináveis. Um paraíso ora perdido, ou até mesmo um paraíso que nunca tiveram a oportunidade de experimentar, mas haviam fantasiado. Uma criança eternamente insatisfeita.

Imagem 61: Infância Reprimida



Disponível em: <https://artesehumordemulher.wordpress.com/pinturas-de-jim-warren-2/>

Nos momentos em que tinham a oportunidade de compartilhar com o grupo a produção artística que haviam realizado, jorravam lembranças de uma infância marcada por ferimentos que carregavam na alma. Tentativas que encontraram de poder explicar o que os levaram até ali, até àquela realidade enlouquecedora. Mas quem falava não era o homem, era uma criança violentada, abusada, muitas vezes pela própria família, e mais tarde marginalizada pela sociedade. Condições quase nulas de amparo, de proteção e ausência de cuidados primários básicos. Crianças tendo que encontrar alguma maneira de se defenderem, de serem adultos, sem

saber direito como fazerem isso. Muitas vezes, defendiam-se para que pudessem sobreviver, literalmente. Crianças nascidas de crianças-adultos. Crianças criadas por estas, ou outras crianças-adultos que tiveram uma história ainda pior. Pais que acreditavam estar fazendo ainda melhor do que tiveram de seus próprios pais, e é bem provável que isso fosse verdade.

É claro que alguns momentos melhores na vida ocorreram para estes homens, mas os momentos ruins eram marcados com força ainda maior diante do grau de insalubridade das relações familiares, e de outros tipos de relacionamentos.

Imagem 62: Efeito Transgeracional da Opressão



Disponível em: http://www.gritodascinco.com.br/blog/wp-content/uploads/2012/05/save_the_children1.jpg

Então, aqueles homens-crianças que ali apresentavam-se a cada sessão sentiam que o mundo não havia sido nada bom. Logo, a transferência, em termos psicológicos, que expliquei aqui, que realizavam comigo era gigantesca. Por muitas vezes, sentia-me exaurida por tanta demanda emocional; mas, com o tempo, com o vínculo estabelecido e entendendo a história de cada um, foi possível manejar a relação arteterapêutica em benefício do grupo. Uma tarefa laboriosa, mas gratificante e edificante. Laboriosa porque sabia que tinha um tempo razoavelmente curto para desenvolver o trabalho, visto que tínhamos prazos a cumprir diante do curto tempo de permanência dos internos na instituição, como expliquei

anteriormente. Esperava oferecer o melhor de mim, naquele momento, diante de uma primeira experiência em arteterapia, para poder mobilizar aspectos emocionais que pudessem ser uma pequena semente no possível processo de ampliação da consciência. Qualquer detalhe era motivo para comemorar internamente. Sabia que por menor que fosse o passo em direção a um novo pequeno olhar sobre si mesmo, já era motivo para sentir-me gratificada. Porque muitas vezes pude experimentar o sentimento de que eu mesma estava sendo recompensada com o passar das sessões e das etapas do processo. E, por último, edificante porque foi esclarecedor e inspirador como futura arteterapeuta. Ter vivenciado este primeiro processo que é fundamental, indispensável.

4.4.1 Fase diagnóstica: a busca de sentido

Imagem 63: Ainda Havia Muita Escuridão: por M

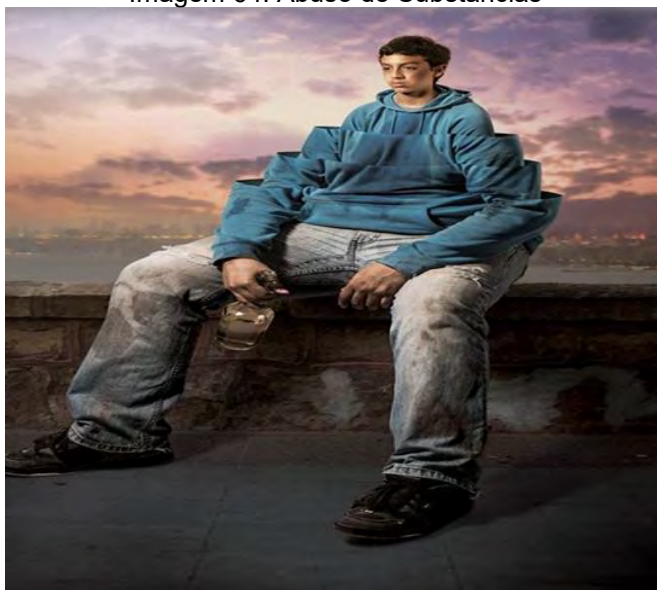


Acervo pessoal da autora.

Os primeiros encontros, como já explicado anteriormente, deram-se através da exploração de materiais diversos utilizados em arteterapia, desbloqueando o processo criativo, e dando oportunidade para a construção de um bom vínculo.

Este período foi marcado por resistência, mas também por grande resgate de uma época em que se deveria ter explorado alguns destes materiais. Inclusive, este era um ponto muito tocado no discurso do grupo. Contavam que haviam conhecido à distância alguns desses materiais manuseados por outras crianças, enquanto o trabalho era prioridade em suas vidas.

Imagem 64: Abuso de Substâncias



Disponível em: <http://adnews.com.br/publicidade/campanha-mostra-que-abuso-infantil-reflete-na-vida-adulta.html>

O álcool e outras drogas ainda estavam no centro de tudo. Estavam impregnados. Chegavam à sessão sem brilho nos olhos ou na pele, por todo maltrato da vida recente nas ruas, e muito contrariados em fazer arteterapia.

As primeiras declarações eram de que sentiam-se envergonhados de terem que fazer coisa de criança. Sem nenhuma consigna específica e apenas deixando que ficassem à vontade para criar, a criança interna começou a ter espaço e a dar seus primeiros sinais.

Imagem 65: O Centro



Acervo pessoal da autora.

Eu não fui criado com este negócio de arte. Eu não sacava muito isso... Meu tipo de criação não dava pra sacar as coisa bonita que tinha... A única coisa que sacava mesmo era sair com mulher, bebida [...] Eu vinha fazer tudo com mau vontade mesmo... (LC).

O desejo de reaver a família nuclear, aquela que desenvolveram, e mais atrás, ainda, a família de origem (aquela que os criou ou onde nasceram). Desejo de reparação de relações e reconstrução da identidade. Abaixo o desenho de A relatando a relação com a mãe.

Imagem 66: Minha mãe quando começava chover: por A



Acervo pessoal da autora.

Eu acredito que era bem brabo eu admitir, falar que tava fazendo [...] negocinho com massinha... não era muito meu perfil... (V).

Imagem 67: Voltando a Brincar



Acervo pessoal da autora.

Questionavam sobre a necessidade e os benefícios da arteterapia. Queriam uma justificativa racional para que tal atividade fizesse parte do programa e ainda perguntavam-se até que ponto a arteterapia faria diferença para o processo de recuperação.

É preciso voltar a ressaltar que neste primeiro momento o arteterapeuta é “figura”, fazendo analogia a teoria da Gestalt. Neste sentido, estava mais em evidência apresentando, esclarecendo e acolhendo o grupo.

No final de cada sessão surpreendiam-se com o que eram capazes de realizar, sem mesmo nunca ter experimentado aqueles materiais. E assim iam ficando cada vez mais à vontade. Começou a aparecer a expectativa do que seria usado na sessão seguinte.

[...] se eu mudei em alguma coisa foi em esperança... vendo que eu tenho novas habilidades e que tenho capacidade de fazer muitas coisas diferentes e que não preciso ficar naquela zona de conforto. Eu não preciso ficar naquilo que eu sei e fazer o que é fácil para mim. Eu posso buscar novas experiências. Me despertou vontade de fazer coisas que eu não tinha contato. E não é por não saber que eu não posso, pelo menos tentar eu posso. Conhecer o novo, fazer o diferente... (M).

4.4.2 Estímulos geradores: encontrando sentido

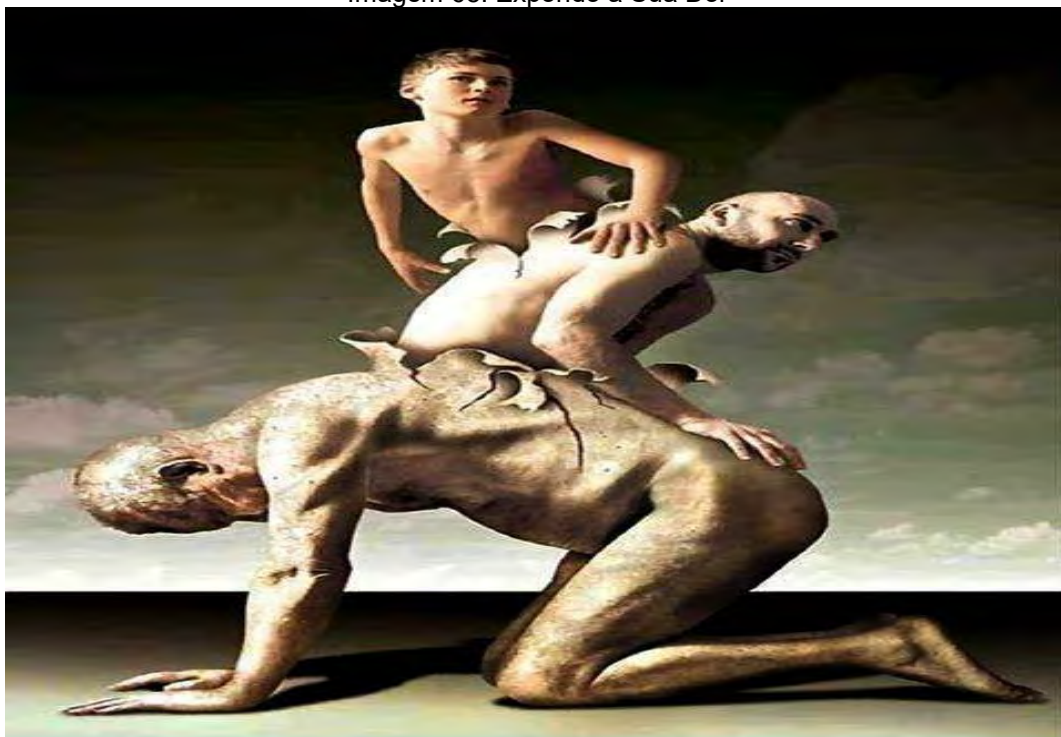
Como já visto, nessa etapa, o arteterapeuta ora é figura, ora é fundo. E foi neste sentido que ocorreu a busca por estímulos que mobilizassem sentimentos, emoções e reflexões. Foram selecionados vídeos e músicas, por exemplo.

Aqui já havia uma hipótese diagnóstica de que o grupo buscava resgatar a identidade. Nesta fase de desdobramentos (estímulos geradores), trouxe para a sessão um vídeo muito popular de um programa de TV: *Ela Dança, Eu Danço*, o vídeo mostrava John Lennon da Silva, que se apresentava dançando o famoso balé “A morte do cisne” numa versão *street dance*. John foi ridicularizado pelos jurados que o julgaram, antes mesmo de apresentar-se, por seu nome, por suas roupas e mais ainda pela sua proposta de performance. Ele surpreendeu o público com o espetáculo encantador e especialmente um dos jurados que emocionou-se profundamente com o que viu. A história mostrava, entre outras questões, o preconceito e a superação.

Tendo estas cenas, o grupo teve a oportunidade de falar sobre as reflexões de cada um: o que viram, o que sentiram e perceberam. Este momento foi repleto de

ponderações e questionamentos sobre, por exemplo: coragem, determinação, atitude, oportunidades. Fizeram um paralelo sobre como as pessoas significativas que iriam reencontrá-los poderiam reagir ao se depararem com as mudanças que desejavam objetivar em suas vidas, duvidando e até desqualificando o desejo de cada um de se reestruturar. Havia medo de desaprovação e de desqualificação.

Imagem 68: Expondo a Sua Dor



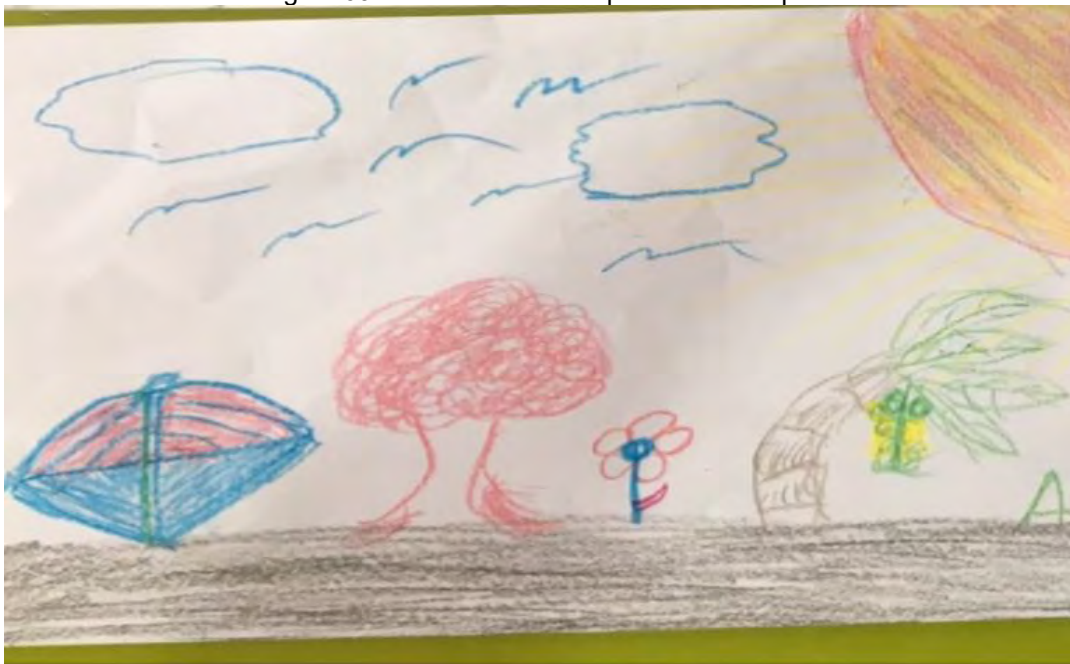
Disponível em: <https://fernandatomazpsicanaliseholistica.blogspot.com.br/2015/03/expondo-sua-dor.html?sref=pi>

Nesse momento, assisti o quanto era avassalador estar solto no mundo, sem saber como o mundo de cada um os receberia de volta. A dor da dúvida sobre a possibilidade de reestruturar as relações mais importantes era enorme. Essa era uma angústia comum. Revisitei minha hipótese diagnóstica. Eles queriam uma nova identidade sim, mas antes de mais nada queriam resgatar os relacionamentos, mesmos os mais empobrecidos e adoecidos. Queriam ser validados, queriam pertencer, precisavam de um amparo emocional dentro de uma nova realidade.

Voltamos à criança interior ferida perdida. Não havia regressão, havia um ponto de onde nunca haviam saído, mais que isso, havia ali homens tomados por seus complexos. Homens que tornavam-se meninos enquanto falavam de suas dores, e inconformados com tudo que deveriam ter recebido do mundo e não receberam. Em seus discursos, o mundo devia-lhes muito.

Trabalhei a música de Gonzaguinha: *O que é o que é*, (Anexo A) foi nessa sessão que **A**, por exemplo, pela primeira vez, entregou-se de maneira mais séria ao processo, pois utilizava-se de brincadeiras como defesa. Realizou uma série de perguntas sobre a importância da psicoterapia e disse que iria procurar a psicóloga da associação. Depois fez este desenho abaixo com base na música.

Imagem 69: Em Busca de Tempos Melhores: por A



Acervo pessoal da autora.

Destacando A como exemplo, ainda, o tema dele repete-se. Porém, a cada desenho o céu ia ficando menos tempestuoso, se comparado a fase diagnóstica. Ele foi um dos que saíram antes do ciclo fechar-se, mas saiu por decisão própria e, de acordo com a associação, voltou para trabalhar com a família. Penso que observando sua chegada, passando pela “frustração” de sua saída, ainda assim foi possível presenciar mais um passo adiante em sua história marcada por tragédias, relatos bárbaros de violência social, violência familiar e morte brutal de parentes e amigos voltados para o tráfico e para a dependência química. Ele marcou por, apesar de tudo isso, ainda ter conseguido cuidar de sua saúde enquanto permaneceu na casa e resgatar o seu senso humor, não mais como forma de defesa, mas retomando a serenidade e a seriedade compartilhando com o grupo a força de vida que ainda lhe restava. Observando, a seguir, a sua última produção artística, percebi que A foi seguir seu caminho, sabendo que ainda haveria muito a

fazer. Ele repetia uma frase para os amigos, com toda a simpatia e graça que lhe era peculiar e que permaneceu, de forma nostálgica, como frase de força para o grupo: “*Você vai continuar nessa ainda, cara?*” Muitos risos depois...

Imagem 70: Atravessando Tempos de Esperança: por A



Acervo pessoal da autora.

Outro exemplo relevante foi o de M que comparativamente a figura de abertura sobre fase diagnóstica, produziu imagens como esta abaixo. Chegou muito resistente desenhando por conta própria em um papel que trazia. Mostrava que gostava de desenhar, mas não fazia questão de mostrar satisfação em estar no grupo, através de seu semblante fechado. Dedicado à religiosidade, que era a mesma da casa, M fechava-se muitas vezes, mas quando começava a falar mostrava-se bem articulado. Na medida que as atividades iam sendo apresentadas ia dando espaço para sua criatividade e soltava-se com as várias possibilidades de materiais.

Para mim o começo era uma coisa chata [...] Não tenho necessidade disso. [...] Meu Deus do céu! Tanto problema para mim resolver e vão me botar numa furada dessa... (M).

Era nítido como M começava a se conectar com o grupo e dava sinais do aspecto saudável de sua personalidade. M conectava-se com sua criança interior

com seu self, como diz Abrams (1990). Era capaz de dar a mão a si mesmo e ao si-mesmo (*self*). Era capaz de apoiar-se e dar apoio. Falava através das mãos.

Contou que possuía habilidades para desenho desde muito jovem, e isso o fortaleceu em sua história escolar num momento em que precisava ser aceito e reconhecido. Em casa, lembra ele, fechava-se num canto, sem falar com os seus e desenhava livremente. Começou, ali no grupo, a perceber que falava através dos desenhos desde a infância. O desenho sempre fora uma forma de contar suas angustias infantis.

Imagem 71: Vivenciando Novas Possibilidades



Acervo pessoal da autora.

M entregou-se às sessões, foi pontual em cada uma delas, deixou fluir sua criatividade. Estava, agora, presente sem se fazer ausente, estava verdadeiramente no processo arteterapêutico.

Eu acho que mudei sim, mas acredito que acrescentou uma paciência, uma calma, uma vontade de aprender... a determinação pelo menos de tentar fazer... coisa que antes eu ia deixar de mão e não iria nem tentar... agora eu tenho o negócio da curiosidade. Pelo menos eu vou lá vê como 'o que é este negócio ?!' Pode não sair perfeito, mas que eu vou tentar eu vou... (M).

Uma vez falou sobre a importância de aproveitar as oportunidades de cursos, saúde e terapia que acontecem dadas na associação. Contou que fez uma prova de mecânica e tirou nota máxima. O Sol era um símbolo que ele repetia em suas produções.

“O Sol está no centro do céu como o coração está no centro do ser.” (CHEVALLIER, 2012, p. 837). Este último autor traduz o que era possível observar nas produções de M.

Imagem 72: Deus Sol



Acervo pessoal da autora.

A modalidade expressiva de destaque neste trabalho com o grupo foi a pintura. Foi através das tintas que M ativou seu fluxo criativo, liberou conteúdos inconscientes, obteve experimentações sensoriais lúdicas com as cores, expandiu superfícies, percebeu as emoções que as cores propiciavam e seu processo arteterapêutico foi facilitado como nos explica Philippini (2009) em seu livro **Linguagens e Materiais Expressivos em Arteterapia: Uso, Indicações e Propriedades**.

Imagem 73: Menção de Luz



Acervo pessoal da autora.

Sobre os tipos de tintas que destacam-se neste trabalho, faz-se presente a tinta guache que, segundo Bittencourt (2014), oferece a possibilidade de controlar os movimentos e, ao mesmo tempo, encoraja a imaginação, liberando as emoções. A segunda é a tinta aquarela, como o exemplo da imagem acima, “devido à sua beleza e o uso obrigatório da água, mobiliza com grande veemência a afetividade do indivíduo.” (Ibidem, p. 87).

4.4.3 Processos autogestivos: levando o sentido na bagagem

Imagem 74: Celebração da Vida



Acervo pessoal da autora.

O grupo teve a oportunidade de fazer dois passeios nesta etapa do desenvolvimento das sessões. O primeiro foi numa visita guiada ao Sítio Burle Marx em Barra de Guaratiba, na cidade do Rio de Janeiro. Conheceram a história do artista que superou preconceitos e fez sua criação de forma fluida, livre dos ditames acadêmicos, colorida de amor e doação. A segunda foi uma caminhada pela pista Claudio Coutinho na Praia Vermelha, na Urca. Além de momentos de descontração, haviam momentos de compartilharem seus sentimentos e contarem mais de suas histórias. M, no trajeto do segundo passeio, falou-me de suas *via crucis* pelas ruas, pelos hospitais psiquiátricos, e sobre a dor do distanciamento da família. M permaneceu até a última etapa do processo arteterapêutico.

A imagem acima representa sua própria figura em suas produções plásticas. Nesse dia, quando foi tirada esta foto, ele mesmo lembrou de como estes temas estavam presentes em suas criações. M teve um reencontro com o Sol, com o mar... como ele muitas vezes disse que desejava visitar.

Imagem 75: Renascimento



Acervo pessoal da autora.

Como dito no capítulo 1, nesta etapa, pretende-se alcançar, além da autonomia criativa, a possibilidade de o indivíduo desenvolver seus próprios 'instrumentos' para desligar-se emocionalmente do grupo e dos facilitadores, bem como para resgatar suas relações e buscar outros grupos sociais.

Nesse sentido, em seu processo arteterapêutico, M já havia refeito seus documentos pessoais, atuava em um projeto de arte e artesanato na instituição e suas obras eram as mais vendidas. Participava ativamente em outros grupos, como por exemplo: N.A., grupos religiosos; viajava para retiros; participou atuando em uma peça teatral em uma festa comemorativa da associação; acompanhava seus companheiros, que encontravam-se em fases anteriores do processo de recuperação, em suas consultas médicas e na retirada de novos documentos. Estava voltando para o mundo. Suas transformações parecem representadas na descrição de Jung:

O homem que não atravessa o inferno de suas paixões também não as supera. Elas se mudam para a casa vizinha e poderão atear o fogo que atingirá sua casa sem que ele perceba. Se abandonarmos, deixarmos de lado, e de algum modo esquecermo-nos excessivamente de algo, corremos o risco de vê-lo reaparecer com violência redobrada (JUNG, 2006, p. 316).

Imagem 76: Iluminação



Disponível em: <http://www.michaelbilotta.com/blog/2015?view=archive&month=7>

Sobre a Arteterapia, M se coloca numa das últimas sessões: *“Acho que é uma evolução do nosso subconsciente, da pessoa que tá dentro da gente querendo gritar e não consegue e, as vezes, na Arteterapia, ela consegue falar, contar história, expor os sentimentos. Se alguém me perguntasse eu falaria: vai lá porque você tem um alguém dentro de você que de repente queira gritar e não consegue nem falar, tá sussurrando. Então, deixa esta pessoa gritar dentro de você.”* (M).

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A questão deste estudo sobre as contribuições da arteterapia como um dos meios de resgate da criança interior ferida que habita o adulto dependente químico, confirmou-se desde o início deste processo monográfico. Como visto, todo embasamento teórico e vivencial que a arteterapia possui, propicia o desvelar de conteúdos inconscientes. Na experiência da criação do símbolo, amplia a consciência, iluminando conteúdos inconscientes sem a imposição apenas da palavra. Confirma-se, inclusive, pelo ambiente livre e protegido de um ateliê, onde os resultados são acolhidos sem censura e sem o peso da estética, mas de onde a escuta não é excluída. Integrar estes aspectos pode dinamizar e flexibilizar processos terapêuticos individuais e principalmente em grupo, como trabalhei, onde há oportunidade de reconhecer-se na dor e na alegria do outro.

Vale lembrar neste contexto do próprio Jung, uma história infantil marcada por conflitos profundos que reverberaram em sua vida adulta, mas que lhe deram, depois de revisitar inúmeras vezes sua própria criança interior, capacidade de destacar episódios de sua vida que encontravam-se na sombra. Foi capaz de elaborar através das “brincadeiras infantis” conteúdos significativos para sua individuação, e para a elaboração da Psicologia Analítica. Arrisco-me a levantar a hipótese de que Jung foi “seu próprio arteterapeuta” como o próprio Freud se autoanalisou. Foi um grande desbravador da força dos símbolos, contribuindo imensamente para a psicologia, para a arteterapia e antes para a terapia ocupacional de Nise da Silveira que utilizou-se significativamente de sua teoria.

Os “nós” que trazemos na vida adulta estão em nós, em especial no arquétipo da criança interior, divina e/ou sofrida. Individualmente, os sobreviventes possuem graus diferentes de feridas que, poderão encontrar uma saída saudável, através do amparo arteterapêutico do adulto que traz, no colo, para o *setting*, sua criança, de algum modo, para que cuidemos muito bem dela.

As experiências mais profundas e dolorosas da vida infantil podem e devem ser ressignificadas através da Arteterapia, acessando a criança interior. É possível, sim, dar a tais experiências um destino mais justo em um espaço que combina

liberdade, criatividade, espontaneidade e proteção. Lugar onde a criança-adulta pode e deve “brincar”: o ateliê.

Observar a materialidade, bailando nas mãos de cada um destes homens com que trabalhei, e transformando-se em símbolos profundos do inconsciente, foi experimentar o encantamento de poder contemplar os fundamentos e a história tanto da Arteterapia como da Psicologia Analítica, na prática. É impossível não “falar” através da Arte.

Cada homem, acompanhado neste processo, trouxe sua ferida infantil tão exposta, em suas produções artísticas, quanto no dia em que se feriram. Impregnados não só de substâncias químicas para anestesiar a dor da realidade, do abandono, do autoabandono, mas, também ‘impregnados de falta de amor’.

Caminhando para o final do processo havia um grupo mais fortalecido, mais afetuoso e com um discurso mais coerente. Tratava-se apenas de que haviam conseguido oferecer um pouco do melhor que tinham a si mesmos. Começar a compreender a responsabilidade de ser o próprio adulto cuidador de sua história, não é um processo instantâneo e muito menos fácil, dependendo ainda da estrutura emocional de cada um, mas é mágico no sentido de que há espaço e tempo sempre para resgatar-se.

A capacidade humana de transformar os símbolos em materialidade e poder expressar o mundo interno criativamente, facilita a compreensão da própria vida. A produção simbólica propicia identificar fatores como a fragilidade infantil, contactar o próprio sofrimento e entender que a dor, se não for elaborada adequadamente, poderá colocar em risco a saúde mental e até a sobrevivência. O que no contexto deste estudo pode, eventualmente, significar a diferença entre sair da adicção ou manter-se mergulhado nela, com todos seus desdobramentos destrutivos. O despertar desta compreensão fortalece novos vínculos de confiança, permite o resgate desta dimensão psíquica da criança interior, contribuindo com mais um passo na direção da Saúde e da integridade psíquica.

Recomendo a ampliação de pesquisas voltadas para o contexto de grupos arteterapêuticos com dependentes químicos que estejam em processo de recuperação, em regime residencial ou não. Sugiro, inclusive, a ampliação teórica através de investimento prático na Arteterapia com foco no “resgate da criança interior ferida” como uma das estratégias de tratamento no contexto da drogadição.

REFERÊNCIAS

- ABRAMS, J. **O reencontro da criança interior**. São Paulo: Cultrix, 1990.
- AMMAMM, Ruth. **A terapia do jogo de areia: imagens que curam a alma e desenvolvem a personalidade**. São Paulo: Paulus, 2002.
- ANDRADE, L. Quinto. **Terapias expressivas: Arte-terapia, Arte- Educação, Terapia-Artística**. São Paulo: Vetor, 2000.
- BITTENCOURT, Danielle. **Diagnóstico intervencionista em arteterapia: dinâmicas psicoartísticas e criatividade expressiva**. Rio de Janeiro: Wak, 2014
- CHEVALIER, J. GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- CUKIER, Rosa. **Sobrevivência emocional: as dores da infância revividas no drama adulto**. 5 ed. São Paulo: Ágora, 1998.
- GRINBERG, Luiz Paulo. **Jung: o homem criativo**. 2ª ed. São Paulo: FTD, 2003.
- HALL, C. Springer. NORDBY, J. Vernon. **Introdução à psicologia junguiana**. São Paulo: Cultrix, 2005.
- JUNG, Carl Gustav. **Cartas de C. G. Jung: vol.III 1956-1961**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- _____. **Memórias, sonhos, reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- _____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- MILLER, Alice. **O drama da criança bem dotada**. São Paulo: Summus, 1997.
- NACHMANOVITH, Stephen. **Ser criativo: o poder da improvisação na vida e na arte**. São Paulo: Summus, 1993.
- NARCOTICS ANONYMOUS WORD SERVICES, INC. CHATSWORTH, CALIFORNIA. **Narcóticos Anônimos**. Tradução 5 ed. Califórnia:1993.
- PAÍN, Sara. **Fundamentos da Arteterapia**. Rio de janeiro: Vozes, 2009.
- PAÍN, Sara. JARREAU, Gladys. **Teoria e técnica da arteterapia: a compreensão do sujeito**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PHILIPPINI, Angela. **Grupos em arteterapia: redes criativas para colorir vidas**. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

_____. **Linguagens e materiais expressivos em arteterapia**. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

_____. **Para entender arteterapia: cartografias da coragem**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Wak, 2013.

SILVEIRA, da Nise. **O mundo das imagens**. Rio de Janeiro: Ática, 2001.

STEIN, Murray. **Jung: o mapa da alma**. São Paulo: Cultrix, 2006.

WINNICOTT, D.W. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: 1983.

_____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: 1975.

WHITFIELD, Charles L. **Como podemos curar nossa criança interior?** In: O reencontro da criança interior. ABRAMS, J. (Org). São Paulo: Cultrix, 1990.

ANEXO A

Letra da música: O que é, o que é? (Gonzaguinha)

Eu fico com a pureza
Da resposta das crianças
É a vida, é bonita
E é bonita

Viver
E não ter a vergonha
De ser feliz
Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser
Um eterno aprendiz

Ah meu Deus!
Eu sei, eu sei
Que a vida devia ser
Bem melhor e será
Mas isso não impede
Que eu repita
É bonita, é bonita
E é bonita

Viver
E não ter a vergonha
De ser feliz
Cantar e cantar e cantar

A beleza de ser
Um eterno aprendiz
Ah meu Deus!
Eu sei, eu sei
Que a vida devia ser
Bem melhor e será
Mas isso não impede
Que eu repita
É bonita, é bonita
E é bonita

E a vida
E a vida o que é?
Diga lá, meu irmão
Ela é a batida de um coração

Ela é uma doce ilusão
Êh! Ôh!

E a vida
Ela é maravilha ou é sofrimento?
Ela é alegria ou lamento?
O que é? O que é?
Meu irmão

Há quem fale
Que a vida da gente
É um nada no mundo
É uma gota, é um tempo
Que nem dá um segundo

Há quem fale
Que é um divino
Mistério profundo
É o sopro do criador
Numa atitude repleta de amor

Você diz que é luta e prazer
Ele diz que a vida é viver
Ela diz que melhor é morrer
Pois amada não é
E o verbo é sofrer

Eu só sei que confio na moça
E na moça eu ponho a força da fé
Somos nós que fazemos a vida
Como der, ou puder, ou quiser

Sempre desejada
Por mais que esteja errada
Ninguém quer a morte
Só saúde e sorte

E a pergunta roda
E a cabeça agita
Eu fico com a pureza
Da resposta das crianças

É a vida, é bonita
E é bonita

Viver
E não ter a vergonha
De ser feliz
Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser
Um eterno aprendiz

Ah meu Deus!
Eu sei, eu sei
Que a vida devia ser
Bem melhor e será
Mas isso não impede
Que eu repita
É bonita, é bonita
E é bonita

Eu fico com a pureza
Da resposta das crianças
É a vida, é bonita
E é bonita

Viver
E não ter a vergonha
De ser feliz
Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser
Um eterno aprendiz

Ah meu Deus!
Eu sei, eu sei
Que a vida devia ser
Bem melhor e será
Mas isso não impede
Que eu repita
É bonita, é bonita
E é bonita

Viver
E não ter a vergonha
De ser feliz
Cantar e cantar e cantar

A beleza de ser
Um eterno aprendiz

Ah meu Deus!
Eu sei, eu sei
Que a vida devia ser
Bem melhor e será
Mas isso não impede
Que eu repita
É bonita, é bonita
E é bonita

E a vida
E a vida o que é?
Diga lá, meu irmão
Ela é a batida de um coração
Ela é uma doce ilusão
Êh! Ôh!

E a vida
Ela é maravilha ou é sofrimento?
Ela é alegria ou lamento?
O que é? O que é?
Meu irmão

Há quem fale
Que a vida da gente
É um nada no mundo
É uma gota, é um tempo
Que nem dá um segundo

Há quem fale
Que é um divino
Mistério profundo
É o sopro do criador
Numa atitude repleta de amor

Você diz que é luta e prazer
Ele diz que a vida é viver
Ela diz que melhor é morrer
Pois amada não é
E o verbo é sofrer

Eu só sei que confio na moça
E na moça eu ponho a força da fé
Somos nós que fazemos a vida
Como der, ou puder, ou quiser

Sempre desejada
Por mais que esteja errada

Ninguém quer a morte
Só saúde e sorte

E a pergunta roda
E a cabeça agita
Eu fico com a pureza
Da resposta das crianças
É a vida, é bonita
E é bonita

Viver
E não ter a vergonha
De ser feliz
Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser
Um eterno aprendiz

Ah meu Deus!
Eu sei, eu sei
Que a vida devia ser
Bem melhor e será
Mas isso não impede
Que eu repita
É bonita, é bonita
E é bonita